«DL»-LITERÁRIO: PANORAMA DAS ARTES E DAS LETRAS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 1971 N.º 17 485 ANO 51.º PREÇO 1$50

Nós e o Mundo em MESA REDONDA
suplemento das sextas-feiras

FEMINISTAS AMERICANAS PROTESTAM NA QUINTA AVENIDA

NOVA YORK, 26—(R.)— A semelhança do que aconteceu no ano passado, milhares de militantes do Movimento de Libertação da Mulher vão desfilar esta tarde, pela Quinta Avenida, após um dia de «ataques de guerrilha» contra os bastiões do chauvinismo masculino.

Em panfletos distribuidos pela «Comissão 26 de Agosto para a Igualdade», as mulheres são convidadas a apresentar publicamente as suas reivindicações e razões de queixa.

Os panfletos convidam a participar na marcha de protesto todas aquelas mulheres que «ganham menos do que um homem fazendo o mesmo trabalho, são forçadas a andar grávidas, mesmo sem o desejarem, que estão fartas de serem consideradas estupidas ou de verem as suas opiniões rejeitadas, que todos os dias sentem vontade de chorar devido ao vazio das suas vidas e mesmo aquelas que, embora gostando do marido e dos filhos, sentem ainde que falta qualquer coisa.»

CONCENTRAÇÃO GIGANTESCA

A marcha das mulheres começa ás 5 e 30 da tarde, após a saída dos empregos, no princípio da Quinta Avenida, e terminará com uma concentração gigantesca no Central Park.

Durante o dia, grupos de militantes efectuam várias operações de «guerrilha», incluindo a invasão, á hora do almoço, de um restaurante frequentado só por homens e, ainda, a entrega de barretes aos directores das agências de publicidade que exploram o sexo feminino nos seus anuncios.

Noutra cerimónia simbólica, as mulheres dirigem-se á Avenida Madison, que tem o nome de um antigo presidente dos Estados Unidos, e colocam ali uma placa com a ins-

(Continua na 15.ª página)

O Vaticano é o Vaticano. Dai o elegante incidente que a gravura documenta: a jovem turista, em «hot-pants», é conduzida (aquela mão no ombro!) para fora da igreja de S. Pedro por um guarda suiço...

Os concursos de beleza multiplicam-se, nos nossos dias, e até já no nosso País proliferam tais manifestações, que de um modo geral se transformaram em manifestações mundanas e atractivos para lugares turísticos. Os prémios de beleza, a busca de «misses» tornaram-se uma das características do nosso tempo, facto controverso que uns consideram alienação, outros promoção da mulher, forma de libertação feminina... Neste panorama, algo de diferente ocorreu recentemente em Londres: um concurso para escolher a futura mãe do ano, em que as concorrentes são jovens grávidas. Numa das imagens vemos as onze finalistas, quando desfilavam no páteo do hotel londrino onde se efectuou o certame. Na outra foto vemos a vencedora, Lynne Warnett, com a coroa real. A Mãe do Ano. Será? A mãe mais bonita?

APARENTEMENTE ADIADAS AS MANOBRAS NOS BALCÃS

LONDRES, 26 — (A. N. I.) — As projectadas manobras militares russas na Bulgária ao longo das fronteiras da Roménia e da Jugoslávia — países que protestam contra esses exercícios militares — parece terem sido adiadas devido á grande tensão entre o Kremlin e os países balcânicos.

As manobras militares — ao que se afirma em círculos diplomáticos — envolvem a participação de três divisões russas e das forças armadas búlgaras. Deviam efectuar-se no fim da semana passada, a 15 de Agosto. Entretanto, não se iniciaram e o mistério envolve a demora, dizendo-se que as manobras se efectuarão antes de Setembro, se, de facto, se realizarem.

Estas manobras causaram na Roménia um acentuado estado de indignação e houve perturbação na Jugoslávia. Os dois países consideram essa atitude russa uma tentativa calculada de intimidação aos dois países balcanicos, que têm apresentado a determinação de se libertarem da tutela política de Moscovo.

(Continua na ultima página)

A «A. E. G.-TELEFUNKEN» PATROCINA O CONCURSO DE «GALERIAS SOL-NASCENTE»

Já há dias que falámos do concurso «LAR IDEAL», uma iniciativa das «Galerias Sol Nascente», a qual, como também já anunciámos, tem o patrocínio da «A. E. G.-Telefunken».

Continuando a levantar o

(Continua na 8.ª página)

«Hino» de Pablo Casals para as Nações Unidas

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 26 (R.) — Uma ode á paz mundial, encomendada pelo secretário-geral da ONU, foi escrita pelo poeta W. H. Auden e a musica está a ser composta por Pablo Casals.

Fontes da ONU disseram que U Thant pediu aos dois artistas, há seis meses, para prepararem esta peça para a cerimónia inaugural da Assembleia Geral, que se realiza a 24 de Outubro.

Pablo Casals, actualmente com 95 anos, está a compor a musica, na sua residência de Porto Rico, e dirigirá pessoalmente a orquestra que executará a ode, intitulada «Hino».

O «New York Times» diz que a composição poderá eventualmente vir a ser adoptada como hino oficial da ONU, mas para isso, será necessária a aprovação da Assembleia Geral.

HOJE 28 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

VÃO SER ENVIADOS A TRIBUNAL OS INDIVÍDUOS QUE TRAFICAVAM COM DIAMANTES PROCEDENTES DE ANGOLA

A Polícia Judiciária acaba por dar por encerradas as investigações relativas ao caso dos diamantes que provinham ilícitamente de Angola — caso que começou a ser desvendado quando, em 15 de Julho passado, foi detido num hotel do Estoril, por se encontrar na posse de 685 daquelas pedras preciosas (não lapidadas nem talhadas), o cidadão polaco, naturalizado americano, David Graubart, de 63 anos, casado, comerciante

Os «negócios» ajustavam-se, por regra, no hotel em que Graubert veio a ser capturado, ponto de encontro com os traficantes da referida província ultramarina.

No intuito de evitar riscos, David Graubart escolhera a cidade belga de Antuérpia (centro mundial de lapidação) como local de entrega dos diamantes, para aí transportados pelos vendedores. Integrado no circuito estava um comissário de bordo da TAP — e só porque se tratava de uma pequena «partida» foi possível surpreender David Graubart na posse das pedras, que lhe foram apreendidas, bem como de outras guardadas num cofre de certo Banco, no valor aproximado de uma centena de contos.

Para apuramento de factos conexos com esta actividade levada a efeito no Continente, deslocou-se a Angola uma equipa de investigadores, constituída pelo inspector dr. Lourenço Martins e agentes Fernando Gomes, Joaquim Francisco e António Ferreira.

Tornou-se possível detectar, em colaboração com a Polícia Judiciária de Luanda alguns dos traficantes ligados a David Graubart, os quais havia ainda pouco tempo não passavam de modestos funcionários ou comerciantes, movimentando nos últimos tempos, no entanto, milhões de escudos.

O processo, que vai ser remetido a tribunal, compreende, além de David Graubart, mais os seguintes indivíduos: António José Soares Saraiva, de 34 anos, industrial, natural de Frexes, Trancoso, e residente em Luanda; Paul Willy Joris, de 37 anos comerciante, natural da Bélgica, e residente em Luanda; Luís Maria Pereira, de 37 anos, proprietário, natural de Quadrazais, Sabugal, também residente em Luanda; Carlos Gonçalo Mota Alves da Silva, de 40 anos, regente agrícola, natural de Amarante, e igualmente a residir em Luanda; Augusto Soares, de 48 anos, industrial, natural de Frexes, Trancoso, residente em Luanda; José Júlio Varandas dos Santos, de 32 anos, proprietário, natural de Vale do Seixo, Trancoso, residente em Luanda; Rui Manuel Pais Braga, de 31 anos, empregado de uma companhia de aviação, natural de Lisboa e aí residente; e Joaquim Pedro Milho, de 38 anos, caçador-guia, natural de Gobabis (Sudoeste Africano) e residente em Sá da Bandeira.

Em três linhas

O sr. dr. Adriano Chuquere Gonçalves da Cunha foi nomeado, por conveniência urgente de serviço publico, governador civil substituto do Distrito de Beja.

///

Foi concedida á Câmara Municipal de Valença, uma verba para a obra da rede eléctrica mista dentro das muralhas da vila.

///

A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais concedeu um subsídio para a obra de conservação das muralhas de Sagres.

///

O sr. dr. José Joaquim Romão de Sousa foi contratado para assistente eventual além do quadro da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

///

O sr. eng Adalberto Mascarenhas Mateus foi nomeado adjunto do director de serviço dos serviços centrais do Gabinete do Plano do Zambeze.

///

O sr. dr. Manuel Fernandes Júnior, inspector dos registos e do notariado foi investido nas funções de secretário-geral dos tribunais judiciais da comarca de Lisboa.

///

Foi nomeado para prestar serviço na Missão Militar N. A. T. O. em Bruxelas, como amanuense, o furriel miliciano sr José Manuel Santana Costa.

///

Está aberto concurso publico para arrematação da empreitada de construção do edifício para a instalação de bancos de ensaio de motores Diesel e grupos electrogéneos, Arsenal do Alfeite.

///

O sr. dr. Manuel Augusto Leal Rosa, subinspector do quadro da Direcção-Geral do Trabalho e Corporações foi promovido definitivamente no referido cargo.

///

Foram aprovados, oficialmente, os estatutos da Associação de Socorros Mutuos de São Bento das Pêras de Rio Tinto e alterados os da A. S. M. Protectora dos Artistas de Faro.

///

O sr. Hernani de Sousa Ferreira Botelho, chefe da secretaria da Camara Municipal de Vila Nova de Poiares foi colocado em idêntico cargo na Nazaré.

///

Criadas escolas no distrito escolar de Lisboa: 4.º lugar masculino e 4.º lugar feminino de Buraca, Amadora, Oeiras, 5.º e 6.º lugares masculinos e femininos de Buraca (Alfragide), Amadora, Oeiras.

GASOLINA NO LUSO

Um grupo de leitores, que presentemente se encontra a veranear no Luso, escreve-nos a dar conta do seguinte: naquela localidade, o posto abastecedor de gasolina, ás segundas e terças-feiras, só abre ás 10 horas para voltar a encerrar ás 13 e reabrir duas horas depois. Como bem se compreende, tratando-se do unico posto existente na localidade, este horário causa graves transtornos a muitos automobilistas, pelo que os nossos correspondentes pedem que se modifique a situação.

DOAÇÃO DE SANGUE

Em visita de estudo aos principais centros hospitalares e escolas de enfermagem, deslocou-se á Metrópole um grupo dos finalistas do Curso Geral de Enfermagem da Escola Técnica dos Serviços de Saude e Assistência, de Lourenço Marques.

A visita foi patrocinada pelos Ministérios do Ultramar e da Saude e Assistência, e pelo Governo Geral da Província de Moçambique e da Fundação Calouste Gulbenkian. O grupo, que é acompanhado pelo dr. António Joaquim Paulino, director do Hospital Central Miguel Bombarda e também daquela Escola de Enfermagem, bem como por dois dos monitores da mesma Escola, mostrou desejo de fazer uma doação colectiva de sangue a favor dos doentes dos hospitais da Metrópole. A fim de concretizarem o seu gesto deslocaram-se, ontem, ao Posto Fixo de Colheitas do Instituto Nacional de Sangue, na Rua Pinheiro Chagas, 69 onde foram recebidos pelo seu director, dr. Abel F. Cancella de Abreu.

Os futuros engenheiros angolanos no decurso da sua visita a Santo António dos Cavaleiros

FUTUROS ENGENHEIROS PELA FACULDADE DE LUANDA VISITARAM EMPREENDIMENTOS DA ICESA E AS SUAS INSTALAÇÕES FABRIS

A Fábrica da Icesa — Industrias de Construção e Empreendimentos S.A.R.L., e alguns dos empreendimentos desta empresa foram visitados por um grupo de alunos finalistas da Faculdade de Engenharia de Luanda que se encontram na Metrópole em viagem de estudo.

A primeira parte da visita desenrolou-se na Quinta do Morgado, á Encarnação, onde a Icesa leva a cabo para a Camara Municipal de Lisboa, uma empreitada de construção de 1260 habitações e, onde os estudantes foram recebidos e acompanhados pelos srs. arquitecto Alberto Cruz Reaes Pinto, administrador da Icesa; e engenheiros Lemos Cardoso e Fernando Vicente, adjuntos da Direcção de Obras. Manifestando o mais vivo apreço pelo processo de construção industrializada, introduzido em Portugal por aquela empresa, os futuros engenheiros observaram os trabalhos em curso em alguns imóveis em fase de montagem e visitaram habitações já concluidas.

Seguidamente, dirigiram-se ás instalações fabris, na Póvoa de Santa Iria, onde, acompanhados do sr. eng.º Joaquim Palminha, adjunto da Direcção de Obras que os recebeu e cumprimentou, tiveram oportunidade de apreciar as várias fases de fabrico dos elementos que, na Quinta do Morgado, haviam visto serem montados.

Terminada esta parte da visita, que despertou grande interesse nos futuros engenheiros, estes deslocaram-se ao empreendimento urbanístico da Icesa, em Santo António dos Cavaleiros, onde os recebeu o sr. agente técnico de Engenharia Campos Coelho, chefe do Estaleiro. Depois de terem percorrido algumas artérias do aglomerado habitacional e o Centro Comercial, e terem entrado em algumas habitações, os visitantes foram obsequiados pela Icesa com um almoço volante, na esplanada do restaurante.

PSICOPATOLOGIA DO EDUCANDO

— tema hoje abordado no Congresso de Higiene e Medicina Escolares

«Psicopatologia do educando nos diferentes graus de ensino» foi o tema da 3.ª sessão plenária, esta manhã efectuada, do VI Congresso Internacional de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias, a decorrer, desde 23 do corrente, na Aula Magna da Reitoria e na Faculdade de Letras.

A discussão desenvolveu-se sob a presidência do prof. Vitor Fontes, secretariado pelos drs. M. R. Federico (Itália) e Vasco Araujo. Foi relator o prof. Gerhard Göllnitz, da Alemanha Oriental.

De tarde, efectuaram-se cinco mesas-redondas para prosseguimento da discussão do tema da sessão plenária.

Houve também, de tarde, comunicações livres por parte dos profs. Castro Mendes, Ozcan Koknel (Turquia) e Albano Pereira Junior, e drs. Baeta Neves e Diniz Sampaio. Como coordenador, actuou o prof. Gerhard Göllnitz, da Alemanha Oriental.

Finalmente, uma mesa-redonda para enfermeiras tratou do tema «Problemas encontrados pelas enfermeiras ao exercerem o seu trabalho nos diferentes graus de ensino».

O Congresso encerra amanhã (10 horas) sob a presidência do ministro da Educação Nacional.

ACABAM DE SAIR

O SEGREDO DO CASTELO DO TERROR
O MISTÉRIO DO PAPAGAIO GAGO

1.º e 2.º vols. da nova série para jovens do famoso realizador de cinema

ALFRED HITCHCOCK

N.os 46 e 47 da Col. «OS MELHORES LIVROS JUVENIS»

CLÁSSICA EDITORA

RESTAURADORES, 17 — LISBOA

1 volume ilustrado — 40$00

O DECLÍNIO DA GUERRILHA PALESTINIANA

RAS EL AQRA (Jordânia) — Deste posto avançado situado na Jordânia central e debruçado sobre uma colina escarpada, compreende-se por que esmagasse os «fedayin» palestinianos da região. Neste local árido, que significa «cabeça calva», torna-se igualmente claro o motivo pelo qual o monarca jordano se importa pouco com as críticas de que é alvo por parte dos outros dirigentes árabes reunidos na Líbia.

Efectivamente, a partir das complicadas fortificações construídas pelos guerrilheiros nas colinas arborizadas de Ajloun, dominadas pelo cume rochoso de Ras el Aqra, controla-se a rede rodoviária desta região estratégica, e as trincheiras e campos de minas foram visivelmente concebidos para serem utilizados contra os jordanos mais do que contra os israelitas a oeste.

Ao fim de dez horas de batalha, o exército jordano arrebatou aos guerrilheiros este ponto es-

Por WILLIAM TUOHY
Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»

tratégico, primeira etapa de uma operação militar crucial que pôs em debandada, em meados de Julho, os comandos instalados na Jordânia central.

Agora, o Exército armou as suas tendas verde-escuro em toda a região; as trincheiras dos «fedayin» e os obrigos de combate encontram-se vazios; de tempos a tempos, a engenharia militar faz explodir uma mina deixada entre as oliveiras e as flores silvestres.

Os rudes soldados jordanos parecem decididos a não permitir que os «fedayin» retomem as suas posições nestas colinas, a despeito dos protestos provenientes da Líbia do Egipto, da Argélia e da Síria.

O Exército informou que, em Maio, chegou às suas mãos um plano secreto, que se supõe ser da autoria do chefe dos comandos, Yasser Arafat, o qual preconiza a sabotagem sistemática das linhas de comunicação jordanas. Por este motivo, o Exército ordenou aos guerrilheiros que abandonassem as colinas verdejantes de Ajloun e se instalassem nas alturas menos hospitaleiras do deserto e dos «oueds» (cursos de água) a oeste que dominam o vale do Jordão, mas os «fedayin» recusaram-se a partir.

Deste modo o que até então não fora mais do que um flagelamento das posições dos guerrilheiros pelo Exército, transformou-se numa operação de envergadura contra os 3 mil comandos (aproximadamente) que se tinham entrincheirado nas colinas.

O Exército diz ter tido 31 soldados mortos e cerca de 100 feridos durante os combates, enquanto que os comandos perderam, pelo menos, 300 homens. Os guerrilheiros afirmam que o Exército abateu numerosos homens a sangue-frio e observadores neutros reconhecem que os combates foram ferozes.

Dois mil e setecentos guerrilheiros foram detidos para interrogatório, segundo o Exército, e 100 comandos refugiaram-se em Israel enquanto que outros atravessaram a fronteira síria. Mais de mil prisioneiros foram «interrogados» até agora, dizem os jordanos, e apenas 39 decidiram continuar as suas actividades de guerrilha a partir de bases no vale do Jordão. O restantes preferiram voltar para junto das suas famílias na Jordânia, no Líbano, na Síria ou no Iraque. Termina deste modo, a presença de comandos palestinianos, como força importante de combate, no interior da Jordânia.

«Permitiremos aos guerrilheiros que actuem dentro do país enquanto respeitarem a nossa soberania», declarou um alto funcionário, «e enquanto o alvo dos seus esforços for Israel. Mas não voltaremos a permitir que a «Frente Popular» ou qualquer outra organização que pretenda destruir o nosso regime entre na Jordânia.»

A «Frente Popular», organização da esquerda, tinha construído as fortificações na Jordânia central e, com a sua expulsão, é difícil imaginar como poderá operar a leste do Jordão ou constituir uma ameaça para Israel. E é pouco provável que o Exército jordano deixe voluntariamente os guerrilheiros retomarem as suas posições estratégicas nas colinas do centro da Jordânia. De novo senhores do seu país, o rei e o Exército não desejarão abandoná-lo, quaisquer que sejam as ameaças provenientes do resto do mundo árabe e dos próprios guerrilheiros.

Agora que recuperou o seu orgulho, o Exército jordano, bem equipado, é perfeitamente capaz de aniquilar qualquer força árabe que queira desafiá-lo neste aspecto.

Embora isolado dos outros dirigentes árabes após a sua intervenção contra os comandos, o rei continua a ser apoiado pelo petróleo da Arábia Saudita e pelo auxílio militar americano. Por agora, portanto, o rei Hussein e o seu Exército dominam a situação. Mas resta saber se o rei poderá conservar o trono face à hostilidade e conspirações dos seus inimigos no mundo árabe.

Por seu turno os guerrilheiros nunca se tinham encontrado numa situação mais desfavorável: desorganizados, quase desarmados e desprovidos de uma base de operações sólida a partir da qual possam atacar Israel, sofrem sèriamente dos ferimentos recebidos no decurso do ano passado, a maior parte dos quais infligidos por eles próprios. Os seus principais dirigentes, tal como aconteceu durante a guerra civil de Setembro, estavam, na sua maioria, ausentes das colinas de Ajloun.

Actualmente, instalados principalmente na Síria, país que sempre lhes impôs certos limites, os comandos tentam reorganizar-se e restabelecer a sua «cabeça». «Continuam divididos pelas divergências de opinião entre os moderados e os extremistas», declarou um observador. «Nunca puderam tomar uma decisão acerca do modo de proceder: atacar Israel ou os outros Estados árabes conservadores. Existe uma crise de direcção no movimento.»

Segundo certas fontes árabes, os comandos organizam uma nova fase: entrarão na clandestinidade para combater os israelitas e os governos árabes hostis. Mas é difícil imaginar como semelhante estratégia poderia agora ser coroada de sucesso, uma vez que fracassou no passado. Por outro lado, o Governo israelita e o Governo jordano possuem informações muito mais precisas sobre o movimento de guerrilha e os seus dirigentes do que há dois anos. Excluindo a faixa de Gaza, os árabes dos territórios ocupados têm poucas afinidades com o movimento, no seu contexto actual.

Segundo os observadores, a melhor esperança de renovação para os guerrilheiros seria encontrarem dirigentes cujos fins fossem mais realistas e homogéneos. Assim, no caso de as conversações de paz fracassarem e as hostilidades serem de novo declaradas, os guerrilheiros poderiam tirar partido da situação.

Por agora, o movimento dos comandos parece encontrar-se longe dos seus objectivos, os quais consistem em libertar a Palestina ou recuperar as suas posições na Jordânia.

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO
AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

NOTA diária

EDUCAÇÃO QUÊ?...

O **DESPORTO** é ou passou a ser uma das expressões mais evidentes da sociedade do nosso tempo. Basta ver as multidões que arregimenta, os interesses que move, as paixões que desencadeia. É um fenómeno cuja interpretação deverá caber principalmente aos sociólogos. Mas, independentemente da sua interpretação, a sociedade constituída, onde ele se desenvolve, está naturalmente interessada na sua regulamentação, esta porventura influenciada por aquela. O desporto que é, afinal? O que é à partida como conceito e o que é no final como prática? Parece que à partida, na verdade, a sua definição haverá de ser inspirada por aqueloutro denominativo que se lhe costuma pôr: educação física. Daí até ao final do processo, todavia, converte-se num espectáculo depois de passar por uma longa cadeia de interesses.

Pois à partida, é assim o desporto, ligado à ideia de educação física, a higiene, a destreza, o exercício respiratório, a ginástica, o corpo são, uma raça forte, uma contribuição para a valorização da espécie. Daí por diante é que o estragam com entradas pagas. Em vez disso tudo, que tem um colorido de ideal, é a competição, é o espectáculo, são os interesses com todo o colorido comercial. Naturalmente que apetece ter pena, mas os argumentos podem ser tantos e tão sólidos que, paciência, os que se julgam mais sensatos encolhem os ombros e resignam-se a que os demais os tenham na conta de mais parvos. Porque essa é também uma das mil maneiras de cozinhar a gente do mundo, dispondo numa travessa os mais sensatos e na outra os mais parvos, ficando a cada um a possibilidade de escolher a travessa onde melhor se estenda.

Mas então diga-se como é. É educação ou é espectáculo? Se é espectáculo, então, tal como as coisas estão, apetece dizer que a Educação, com E grande, quer dizer, a do Ministério, tem tanto com isso ou menos ainda do que com os espectáculos teatrais ou musicais quando eles se produzem fora dos recintos propriedade do Estado. Esquecendo-se ou deixando-se de lado o seu conteúdo educativo, são apenas considerados para efeito de pagamento de taxas ou de formalidades relativas às várias espécies de segurança, polícia e bombeiros. O desporto, tal como vem a ser concebido, organizado e praticado pode ser só isso, pode até converter-se sèriamente numa actividade explorada por sociedades mercantis, como parece para que está a tender na Itália. E é uma coisa que até pode ser séria. Mas não venham é misturar isso com a bandeira nacional e outros equívocos.

As vezes vão longe as expressões de certo pseudo brio pseudo desportivo. É ver o que tem acontecido quando acontece o futebol local perder na pugna dos campeonatos a posição a que o orgulho também local se julga com direito. São assembleias, discursos, desfiles, representações, abaixo assinados, as forças vivas a moverem-se, cartazes e estandartes e até as autoridades e outras influências a fazer ouvir as suas razões, o que não é bem a mesma coisa que a sua razão. Bem se sabe que há os interesses locais, a indústria hoteleira, a indústria dos transportes. São interesses muito respeitáveis, isso são. Mas só apetece perguntar o que é que o Ministério da Educação Nacional, que é de quem dependem os desportos e tem mais que fazer, há-de ter de considerar semelhante espécie de respeitáveis interesses.

O **espectáculo que se viu,** não há muitos dias, pelo menos em fotografias nos jornais, de um recinto desportivo bombardeado por cadeiras e garrafas, para não falar das almofadas que são simbólicas e intencionais mas não são contundentes, é qualquer coisa de nos envergonhar a todos, já que se convencionou ligarmo-nos todos ao desfecho das boas pugnas circenses a que por eufemismo chamamos desportivas. Como lição de costumes, como prática de convívio, como exercício de educação física fica-nos essa imagem de vergonha colectiva. Se tivéssemos daqui uma fisga para disparar decreto para o «Diário do Governo», ia pontaria curta e peremptória. Era assim: «Artigo único — A prática da educação física fica reservada a quem exiba certificado de ter feito curso de educação cívica». Nem era preciso revogar a legislação em contrário.

COMBOIO HISTÓRICO

O Comboio Histórico está à disposição das Agências de Viagens, das entidades oficiais, das organizações privadas e do público em geral, para a realização de passeios turísticos nas linhas da Póvoa e Guimarães.

Os horários dos passeios podem prever paragens prolongadas em qualquer estação e pequenas paragens em qualquer ponto interessante da linha.

Informações: Em Lisboa—Chefia do Serviço de Promoção do Tráfego, Rua Vítor Cordon, 45, telef. 34384

No Porto—Chefia do Sector Comercial da Região Norte, Estação de S. Bento, telef. 22755.

Caminhos de Ferro Portugueses

Cinco revistas francesas não farão qualquer referência ao Festival de Veneza

PARIS, 26 — (F. P.) — A nomeação de Jean-Louis Rondi, crítico do jornal italiano «Il Tempo» e organizador das jornadas de Sorrento, para dirigir o Festival de Arte Cinematográfica ontem inaugurado em Veneza, divide as revistas de cinema franceses, que tomam posição.

Cinco destas («Les Cahiers du Cinéma», «Cinéma 71», «Jeune Cinéma», «Positif» e «La Revue du Cinéma») publicaram um comunicado no qual anunciam a decisão «de se absterem de participar na mostra 71 e de lhe fazer qualquer referência». Por outro lado «manifestam a sua solidariedade para com a maioria das organizações profissionais e culturais italianas na posição tomada contra a manutenção do actual estatuto do festival e a subordinação deste aos interesses económicos do grande capital cinematográfico».

Num outro comunicado a revista «Le Nouveau Cinémonde» considera que «os diferendos pessoais não devem pôr em causa a existência de um festival» e denuncia mais uma vez «a acção perniciosa do terrorismo intelectual, quer venha da direita ou da esquerda».

A revista «Télé-Ciné», não se pronunciou.

HÚNGAROS NA TELEVISÃO ITALIANA

ROMA, 26 — (ANI) — O realizador Miklos Jancso realizou uma película, intitulada « A técnica de Átila», com a qual se estreou na televisão italiana. Igualmente hungaro é o protagonista, Joszef Madaras, que contracena com Sergio Enria, Luigi Montini, Adalberto Maria Merli, Anna Zinnemann, Luigi Diberti, Corrado Solari e Marzio Margine.

Ausente desde 1967

SUSAN HAYWARD REGRESSA AO MUNDO DO CINEMA

Susan Hayward partilhará com William Holden e Ernest Borgnine a posição cimeira do próximo filme de Daniel Mann «The Revengers», a rodar no México. Susan não filmava desde «O vale das bonecas», em 1967.

● Noticiam de Roma que Jean-Louis Bertucelli («Les remparts d'argile»). Deu a primeira volta de manivela ao seu novo filme «Paulina 1880», em Luino, perto de Varese. O tema, extraído do romance homónimo de Pierre-Jean Jouve, foi adaptado pelo cineasta com a colaboração da produtora, Albina de Bois-Rouvray. A distribuição deste filme inclui Olga Kariatos, Maximilian Schell, Michel Bouguet, Samy Frey, Nora Ricci, Christian de Sica e Francine Berge.

● De Paris informam: Jean-Pierre Mocky («L'albatros») escolheu Angeres para o cenário do seu 13.º filme, cujo título provisório é «Chut» e no qual Jacques Dufilho é a vedeta, emparceirando com Georges Rouh, revelado por Jacques Tati em «Trafic».

● Em Hollywood o realizador Stuart Miller vai rodar uma película intitulada «Quando as lendas morrem», de que será simultaneamente produtor. O actor Richard Widmark foi contratado para protagonista.

● Em Reims, sob a direcção de Robert Hossein, o actor Jacques Castelot interpreta actualmente «Crime e castigo» e «Les bas-fonds». Seguidamente encarnará o papel de um advogado em «A prisão», de George Simenon.

OS DIAS PASSAM E O ENTUSIASMO CONTINUA

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

é o passatempo ideal que satisfaz toda a gente

Espectáculo permanente até de madrugada

Todas as atracções em movimento constante

Boa cozinha e petiscos variados

Cerveja — Mariscos — Farturas — Sumos — Sorteios, etc.

Interessantes exposições feitas pelo comércio e pela indústria

— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

XV Festival de Sintra

AVISO

A Organização do Festival de Sintra lastima comunicar que, por motivos de força maior, é adiado para data a anunciar oportunamente o Concerto programado para hoje, no Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra.

LELOUCH DÁ APOIO AOS JOVENS

PARIS, 26—(F. P.) — Entre os inúmeros projectos que o realizador Claude Lelouch pretende executar nos próximos meses, o mais revolucionário consistirá em produzir treze filmes por ano.

Lelouch tem nos seus planos a rodagem de «C'est l'aventure», um filme de grande investimento de capital, com Jacques Brel, Charles Denner e Lino Ventura, nas ilhas do Pacífico e em Guadalupe. Mas, satisfeito com o êxito de «Smic, smac, smoc», o filme «experimental» que realizou por 20 milhões de francos antigos e que está actualmente a alcançar, perante os profissionais, um autêntico sucesso cómico, Lelouch quer mandar realizar este ano, por uma equipa de jovens, treze filmes de baixo custo, que serão explorados tanto em cinemas como na televisão.

«Quando se tem talento e uma história boa — disse ele — não é necessário gastar muito dinheiro com cachets de vedetas e dias de rodagem».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ATRIVM

PARA VOS SERVIR

Complexo de RESTAURANTES

Em plena Baixa. Na rua de S. Julião

SELF-SERVICE

CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO GRILL ROOM

e na rua da Prata, MINI-SNACK

Único no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno

Facilidade de parqueamento a partir das 20 horas

MELHOR SOM MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88-C — Lisboa — Tel. 42185

Rua Caminhos de Ferro, n.º 62-C — Lisboa — Tel. 868588

MORREU TED LEWIS

NOVA YORK, 26 — (R.) — Ted Lewis, o regente de orquestra cujo estilo se tornou conhecido de milhões de pessoas nos anos 20 e 30, faleceu ontem vitimado por um ataque cardíaco na sua residência desta cidade. Tinha 80 anos.

«Sentem-se todos felizes?», era uma frase que Lewis utilizava na maior parte das suas actuações. Práticamente era a sua assinatura, juntamente com o chapéu alto e a bengala que usava.

Natural de Circleville, Ohio, onde nasceu em 6 de Junho de 1891, Lewis começou a sua longa carreira musical como cantor e dançarino em 1911, fazendo o circuito do teatro de «vaudeville» em pequenas cidades. Organizou depois uma orquestra de dança e tornou-se famoso no país e no estrangeiro.

Lewis, que tocava clarinete, apresentou muitos êxitos conhecidos quando cantava com a sua orquestra. A sua canção de maior sucesso foi «When my baby smiles at me».

A sua ultima actuação como profissional com uma orquestra registou-se em 1955, mas Lewis não se considerou retirado e era visto com frequência na Broadway, o centro do mundo do espectáculo de Nova York, a almoçar com amigos.

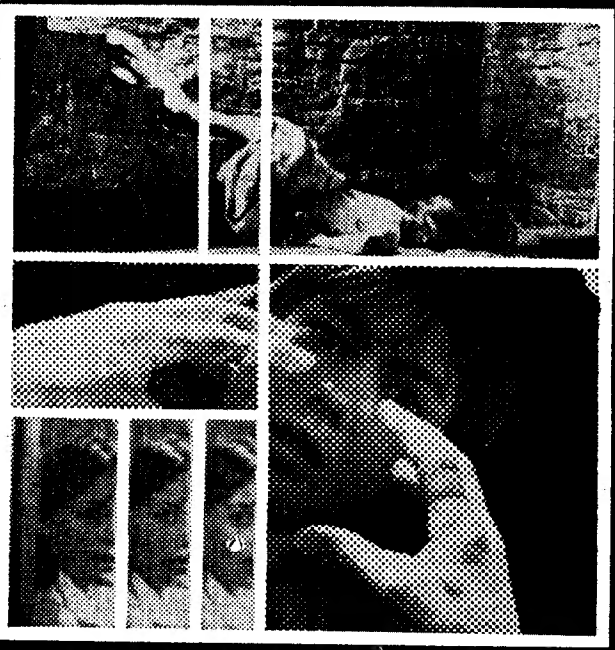
PETER FONDA REALIZADOR

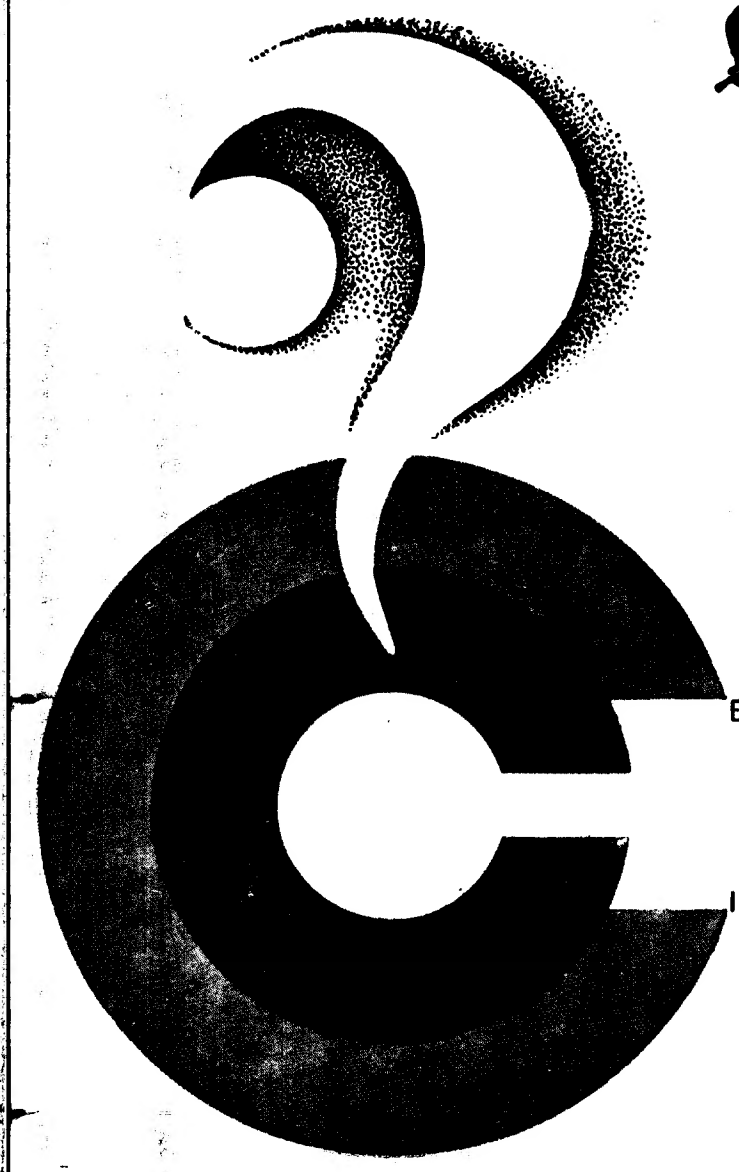
NOVA YORK, 26 — A. N. I. — Peter Fonda, filho de Henry Fonda e irmão de Jane Fonda, estreia-se na realização cinematográfica com uma película intitulada «The Hired Man», de que é também o protagonista.

Com argumento de Alan Sharp, esta produção é ainda interpretada por Robert Pratt, Verna Blomm e Warren Dates.

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS TEL 280919
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
HOJE
princesa de borgonha
de WITOLD GOMBROWICZ
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 22 HORAS
Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian
M/18

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ENTRE O SONHO E O PESADELO
o medo, o desejo, a violência...

O DESPERTAR DUMA ADOLESCENTE
SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK
Hoje às 21,30
ESTREIA EMOCIONANTE!
RANK FILMES
JENNY AGUTTER · BRYAN MARSHALL
CLARE SUTCLIFFE · LANA MORRIS · SIMON WARD · MADGE RYAN
ARGUMENTO RICHARD HARRIS · DA NOVELA DE AUDREY ERSKINE LINDOP
MUSICA BASIL KIRCHIN · PRODUTOR-REALIZADOR DAVID GREENE
"I START COUNTING" GRUPO D 18 ANOS United Artists

CONTA CORRENTE DL
O QUE É A CONTA CORRENTE
Diário de Lisboa

BREVEMENTE CONHECERÁ PORMENORES DA MECÂNICA DESTA ORIGINAL INICIATIVA

TUDO SOBRE O XVI CIRCUITO DE VILA DO CONDE

Comentários, entrevistas e reportagens sobre os dias que antecederam o circuito do Estrela e Vigorosa. Como sempre, um SUPLEMENTO ESPECIAL com tudo sobre todas as provas que neste fim-de-semana vão animar o Norte do País.

SAIU HOJE

motor

NESTE NÚMERO:

- A mês e meio do Rallye Internacional TAP.
- A Perícia dos Bombeiros do Algueirão foi o acontecimento.
- Surtees ganhou a «Taça de Ouro» em Oulton Park.
- As mecânicas de F. 1 em Zeltweg (PHILIPE TOUSSAINT)
- Cinco anos para fazer um automóvel.
- Motocross em Sesimbra (MARIA DO CÉU).
- Página de Karting (HERLANDER GARCIA).
- Noticiário e as habituais secções.

PREÇO: 2$50

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

ADMISSÃO DE GUARDA-FIOS DE 3.ª CLASSE

Pelo prazo de 30 dias a partir da data do presente anúncio está aberta a inscrição de candidatos do sexo masculino para guarda-fios de 3.ª classe.

As condições de admissão são as seguintes:

Idade entre 18 e 35 anos, salvo se forem já funcionários públicos.

Exame do 2.º grau do ensino primário e prática da especialidade.

As provas práticas para esta admissão realizar-se-ão em Lisboa e Aeroportos das Ilhas de Santa Maria, Porto Santo e Sal em datas a comunicar oportunamente.

A fim de obterem as informações que julguem necessárias os interessados poderão dirigir-se pessoalmente ou por escrito à Repartição de Segurança Aérea, Av. Álvares Cabral, 84-2.º-Esq. — Lisboa 2 e Secretarias dos Aeroportos do Porto, Faro, Santa Maria, Ponta Delgada, Horta, Madeira (Funchal e Porto Santo) e Sal.

Aos tribunais de trabalho serão submetidos os problemas com o pessoal das instituições particulares de assistência

Lê-se num processo da Procuradoria da República sobre a competência dos tribunais de trabalho nas questões de trabalho do pessoal dos quadros das instituições particulares de assistência:

«O artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 46307, de 27 de Abril de 1965, considerou esse pessoal com direito á inscrição na Caixa Geral de Aposentações a partir de 1 de Janeiro de 1960. E no artigo 7.º do mesmo diploma determinou-se o seguinte:

«As Caixas de Previdência e de Abono de Família dos Empregados da Assistência passam a abranger os empregados das pessoas colectivas de utilidade publica administrativa com fins de saude e assistência, incluindo a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e, bem assim, o pessoal das demais entidades previstas nos respectivos regulamentos.

§ 1.º O Ministro das Corporações e Previdência Social promoverá a integração das caixas a que se refere o corpo do artigo no regime previsto na Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962.

§ 2.º No que se refere ás pessoas colectivas de utilidade publica administrativa com fins de saude e assistência, incluindo a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a integração prevista no parágrafo anterior, carece, quanto aos seus termos, de acordo do ministro da Saude e Assistência, tendo em consideração a natureza especial dessas entidades.

§ 3.º Em fase peliminar, podem ser determinadas as reformas regulamentares necessárias para harmonizar os actuais esquemas com os praticados pelas caixas existentes da mesma categoria.»

Acrescenta o referido documento:

«Verifica-se, portanto, que o pessoal dos estabelecimentos oficiais de assistência, cujo regime em certa altura, por virtude da desoficialização empreendida, se aproximara do regime do pessoal das pessoas colectivas de utilidade publica administrativa, voltou, a partir do Decreto-Lei n.º 42 210, a afastar-se dele, integrando-se no regime geral dos funcionários publicos. Mas manteve-se inalterável a situação do pessoal das pessoas colectivas de utilidade publica administrativa, que passou, no entanto, a ser abrangido pelas Caixas de Previdência e de Abono de Família dos Empregados da Assistência.

Estas caixas constituem uma das espécies das caixas sindicais de previdência, que pertencem á 1.ª categoria das instituições de previdência social e são fundamentalmente destinadas a proteger os trabalhadores de conta de outrem, abrangendo obrigatóriamente como beneficiários os trabalhadores das profissões interessadas nas convenções colectivas de trabalho ou definidas nos diplomas da sua criação (bases III, VIII e XII da Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962). Fica, assim, se possível, mais clarificada a situação do pessoal das pessoas colectivas de utilidade publica administrativa, em termos de tornar infundadas quaisquer duvidas que ainda pudessem subsistir.»

E, em face do exposto, o referido corpo consultivo emite a seguinte conclusão:

«São da competência dos tribunais do trabalho as questões emergentes das relações de trabalho do pessoal dos quadros das instituições particulares de assistência, salvo no que respeita aos aspectos em que, por força da lei, o mesmo pessoal está submetido ao estatuto da função publica.»

TRANSFERÊNCIA DE SERVIÇOS DA DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES

São transferidos dos serviços centrais da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos para a Direcção de Finanças do Distrito de Portalegre os elementos do cadastro geométrico da propriedade rústica de todos os concelhos do respectivo distrito.

Segundo a portaria do Ministério das Finanças que o determina, a Direcção-Geral das Contribuições e Impostos tomará as providências necessárias para que a transferência dos elementos de cadastro se realize por forma que, a partir de 1 de Janeiro de 1972, todos os serviços relacionados com a guarda e conservação do cadastro geométrico dos respectivos concelhos passem a correr pela Direcção de Finanças do Distrito de Portalegre.

O OMEGA SPEEDMASTER É UM RELÓGIO DE SÉRIE

Pode ser adquirido em qualquer Agente Oficial OMEGA

Um astronauta sincronizando os relógios OMEGA Speedmaster pouco antes da partida de Apollo 14

Alguns dos nossos relógios são duma resistência inconcebível vão mesmo até à lua quando é preciso.

ASSISTENCIA TÉCNICA COM PEÇAS DE ORIGEM

Ω OMEGA

Na colecção OMEGA há relogios a partir de 1.340$00

Algumas Agências Oficiais em Lisboa

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Joalharia ÁUREA Rua do Ouro, 89 · **Ourivesaria PIMENTA** Rua Augusta, 257 · **Relojoaria SUIÇA** Rua do Ouro, 252

TORRES Joalheiros Rua do Ouro, 255 · **Relojoaria MAURY** Rua do Ouro, 202

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

É PECADO NÃO VER ESTES PECADOS

A avareza. A avareza é um sentimento, melhor, é um pecado caracteristicamente contraditório. Por um lado, representa um exacerbamento patológico do direito de posse; por outro lado, trata-se de uma posse inútil, não geradora de bens materiais, não reprodutível.

Claro que não faltará quem sustente que a avareza faz parte da condição do homem.

Seja como for, a avareza é feio pecado, alienador por excelência e, até, por V. Ex.ª. Quem se mete nele, está tramado, isolado, vencido, comidinho pelas chamas do inferno. Por mim, enquanto me lembrar das ultimas imagens da fita de ontem, não vou coalhar nem um tostão branco, dos novos, destes quase invisíveis.

Do engenho com que se construíram os ingleses (e só os ingleses eram capazes de escrever aquilo com a sua experiência) o segundo episódio «Os sete pecados mortais», não cabe falar aqui. Ressalte-se o seu carácter anti-fácil, bem capaz de solicitar a atenção dos telespectadores, um pouco como quem resolve um problema de palavras cruzadas. Será até óptimo que não se divulgue antecipadamente o pecado na berlinda, para não tirar o sabor á anedota. E mesmo assim, quando chega o «End», ainda haverá quem fique a mastigar, a ruminar, a fazer trabalhar o moinho da inteligência pois a história foge ao tratamento habitual criando-se uma ambiguidade capaz de alargar o campo da visão. Para o curto raio de acção lá está o Molière, não vale a pena repeti-lo.

«A Família Forsyte» teve, portanto, bons herdeiros. Não pecará quem assistir a estes pecados. E já o mesmo não direi a quem assistir a outras rubricas, como por exemplo

CONVERGÊNCIA: O PECADO DA GULA

A abrir a «Convergência» tivemos a presença nervosa, insegura, extremamente leitora do escritor Fausto Lopo de Carvalho. Papelinhos na mão, muito aplicado, ofereceu-nos uma redacção recheada com os dados biográficos de Ramalho Ortigão, elementos fácilmente encontráveis em qualquer enciclopédia. Fausto Lopo de Carvalho fez uma ampla demonstração de como não se deve fazer diante das camaras. Nem vale a pena falar mais nisto. Tudo valeu pela sua presença na televisão. É bom ir lá, pensam alguns, mesmo que seja apenas para não dizer nada. Algumas pessoas têm a seu respeito uma impressão tão elevada que chegam a supor ser um crime de lesa cultura não lhe conhecerem a cara. E dão a cara. Dão os olhos baixos. Dão a leitura gaguejada. Dão o que for preciso. Dão até uma figura apagada, ridícula, falsamente monarcal e solene, como Jorge de Sena, desculpe lá ó Oliveira Nunes, o senhor professor Jorge de Sena.

É o senhor professor Jorge de Sena quem está ali espapaçado na cadeira, perna direita por cima da perna esquerda, na demonstração mais persistente de que o homem não se fez para estar sentado. Quando muito para estar de cócoras.

Um sujeito vaidoso, solene e solerte, gravemente instalado em si mesmo — eis um sujeito de cócoras. Um sujeito ridículo. Um sujeito a fazer muita força — e a não provocar senão a vontade de afastarmos os olhos e de irmos tomar ar.

Não que Jorge de Sena não seja uma pessoa importante, importada, importantizada, sem se importar, etc. Oliveira Nunes não deixou de enumerar várias razões de importancia, razões que me abstenho de transcrever aqui, pois são sobejamente conhecidas em todo o mundo anglo-greco-latino, incluindo os países nórdicos.

Jorge de Sena foi á Convergência para quê? Para nos dizer que está investigando os príncipes portugueses que valeram na história europeia. Há muita gente que ignora — pasme-se! — a existência de um filho de D. Sancho que foi conde de Flandres e de uma filha de D. Duarte, que foi a imperatriz da Alemanha! Fantástico! Outras duas princesas portuguesas da Idade Média acederam a rainhas da Dinamarca. Uma delas tornou-se heroina de baladas medievais dinamarquesas que ninguém em Portugal sabe que existe.

Neste ponto, Oliveira Nunes exclama: «*É curioso. Tenho ouvido citar a influência dinamarquesa, ou nórdica, de uma maneira geral, sobre a história dos descobrimentos portugueses, junto do conde D. Henrique...*»

Modestamente, Jorge de Sena murmura quase envergonhado, como se fosse apanhado em falso: «*Ai, eu não me ocupo da História dos Descobrimentos, Deus me livre!*»

Oliveira Nunes não acredita. Na sua crença, Jorge de Sena sabe tudo, ocupa-se de tudo: «*Não tem qualquer recolha relacionada com isso? Não lhe chegou ao conhecimento?...*

Jorge de Sena implacável:

— *Descobrimentos não são pelouro meu.*

Por enquanto, está claro. Porque a sua actividade não pára. Ele o diz:

— *Estou sempre a fazer tanta coisa... O meu problema é os editores não editarem tão depressa como eu preciso e estarem ocupados a editar outras pessoas que eu acho que não valia a pena.*

Daqui ficamos a imaginar a colossal empreitada de um lado. Jorge de Sena escreve; do outro, os editores editam. Agora vamos ver quem corre mais, quem primeiro deita os bofes pela boca. Apaixonante! Numa terra onde pontifica o Joaquim Agostinho, assim mesmo não deixaria de ser uma empolgância nacional. Aqui vai o meu prognóstico: os editores arriavam o prelo...

Infelizmente, porém, o excelso e abnegado trabalhador das letras, o senhor Professor Jorge de Sena nem sempre foi tão claro, tão exacto. Quando afirmou, por exemplo: «*De uma maneira geral fazem-se em Portugal antologias que são mais notáveis pelas exclusões do que pelas inclusões. São antologias em que as pessoas, os amigos e os amigos dos amigos, etc., etc., e consolam-se em não pôr uma série de pessoas de que não gostam...*»

Pois, senhor Professor, nós teríamos gostado de saber quem faz isso. Apontar com 10 dedos indicadores, que não indicam ninguém, é feio. Lança a perturbação, o descrédito, a desconfiança, o Diabo. Pode ser que na Califórnia isso não tenha grande importância. Mas nesta aldeiazinha as coisas fiam mais fino.

E pronto. Adolfo Simões Muller ainda nos viria falar das suas biografias, perdido lá pelo meio de umas recensões. Mas a principal tinha acontecido. A presença do sr. Professor Jorge de Sena ilumina toda a rubrica. Caramba! Com que então o filho de D. Sancho, hem? Quem seria capaz de pensar uma coisa dessas?

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude «Abertura 1.6»; 17 e 30: «Falua», Programa para Adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: A Convidada de Hoje: Barbra Streisand; 18 e 20: Espectáculo: Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica Popular Portuguesa; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 10: Selecção da opereta: «Phi-Phi», de Henri Christiné; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O conjunto: Shocking Blue; 20 e 30: 3.º Episódio do Folhetim: «O Marquês de Villemer»; 20 e 50: 20 e 50: Melodias por «The Ray Conniff Singers»; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Guitarradas, pelo Conjunto de António Luís Gomes; 22 e 30: Ritmos de todo o Mundo; 23 e 05: Musica latino-americana; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — 16: Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica portuguesa; 10: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 21: Árias da ópera «Cosi fan tutte» (Mozart) — Pelo meio soprano Teresa Berganza; Orquestra Sinfónica de Londres sob a direcção de John Pritchard; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica; 22: Teatro dos nossos dias, pelo dr. Leopoldo de Araujo «A Sociedade Vitoriana na Dramaturgia»; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

Programa estereofónico — MF 2 — Às 21: Melodias pela Orquestra Bert Kaempfert; 21 e 18: Canções; 21 e 45: Musica portuguesa; 22: Canções espanholas de Wolf pelo soprano Elisabeth Schwarzkoff e o barítono Dietrich Fischer-Dieskau; 22 e 36: Musica concreta; 23 e 05: Musica de camara; 23 e 53: Musica sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Contraponto; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Ptacard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Vértice; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: Uma vedeta na noite; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 04: Clube da Juventude.

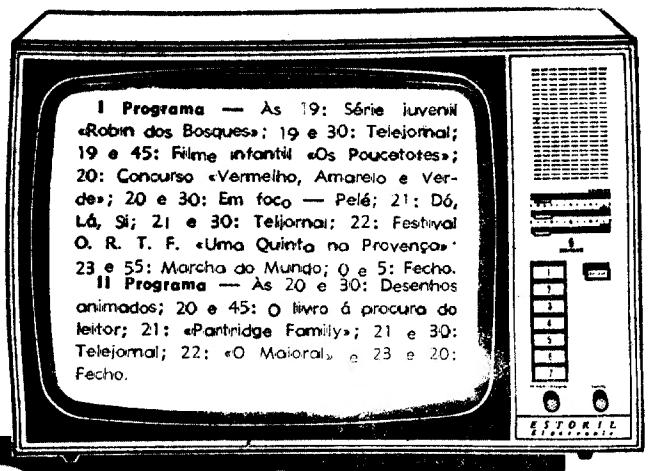
Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário; Regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Carrilhão — O quarto mundo; 21 e 15: Artistas Portugueses; 22: Variedades; 23: A 23.ª hora e Fecho

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 20: Nota do dia e boletim liturgico; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário, No final — Continuação do programa Página 1; 20 e 58: Meditando; 21: O 4.º Mundo; 21 e 16: Jazz — Dizzy Gillespie e outros; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ..



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Hospedeiras de Bordo»; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo á noite e 14 e 20: Fecho. 2.º período — Às 19: Abertura; 19 e 1: TV Juvenil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Nós as Mulheres; 20 e 15: «Casei com uma Feiticeira»; 20 e 45: Actualidade Desportiva; 21 e 5: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 22: Série policial «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 40: Minidecoração; 21: Filme de série «Hospedeiras de Bordo»; 21 e 30: Telejornal; 22: «O Tesouro dos Holandeses»; 22 e 25: Correspondentes de guerra no Camboja; 23: Noites nos jardins de Espanha e 23 e 25: Fecho.

TUDOR pilhas secas

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

48963... 4.200.000$
14910... 420.000$
39728... 240.000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

48962... 12.870$
48964... 12.870$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

2128 3328 3344 3735 4118
4579 5871 6998 8177 10536
11101 12278 13013 13077 13210
17038 21156 24835 26935 27521
29630 32074 32678 33429 33566
33601 33664 37312 43638 44397
46127 e 47989.

PRÉMIOS DE 480$00 (CENTENAS)

14901 a 15000; 39701 a 39800 e 48901 a 49000.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 199, 287, 365 385, 809 ou 977, são contemplados com 960$00, em cada bilhete. Por sua vez, os numeros cujos dois ultimos algarismos sejam 22, 32 ou 94, são contemplados com 600$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação —, seja 3 têm direito a 300$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

OLIMPÍADAS EUROPEIAS DE JOVENS SOCORRISTAS

Dois delegados da Cruz Vermelha Portuguesa assistiram, como observadores, ás primeiras Olimpiadas Europeias de Jovens Socorristas da Cruz Vermelha, que decorreram de 17 a 31 de Julho em Fôt, na Hungria, por ocasião do 50.º Aniversário da Cruz Vermelha da Juventude Hungara.

Participaram 193 representantes de 22 Sociedades Nacionais. Cada equipa era formada por jovens de idade compreendida entre os 15 e os 18 anos e por um instrutor de ensino de socorrismo.

Estas Olimpiadas não visavam obter uma competição entre equipas mas, sim, dar aos participantes a oportunidade de discutir o papel a desempenhar pelos jovens no domínio do socorrismo, não sómente no seio das sociedades nacionais como também nas suas colectividades, nas escolas, nas fábricas, nas estradas, etc.; de promover o ensino do socorrismo junto da juventude europeia; aperfeiçoar os seus métodos de ensino por meio de uma troca de experiências e, por fim, oferecer aos jovens participantes a ocasião de pôr em prática a compreensão e a amizade internacional que constitui para os jovens, «*no seio da Cruz Vermelha, uma das principais finalidades e motivos de interesse*».

Estas Olimpiadas «atingiram incontestávelmente todos os objectivos visados e foi proposto que encontros destes sejam daqui por diante organizados, periódicamente, pela Cruz Vermelha, á escala regional e mundial.

TRABALHOS DE REPORTAGEM SOBRE PROBLEMAS DOS CEGOS

Com o intuito de divulgar «os problemas dos cegos» e para comemorar o seu 20.º aniversário, a Liga de Cegos «João de Deus» promove um concurso destinado a galardoar os melhores trabalhos de reportagem sobre esse tema, a publicar na Imprensa diária e não diária.

Os concorrentes deverão remeter para a sede daquela colectividade, na Rua de Santa Marta, 46-2.º, em Lisboa, até ás 24 horas do dia 31 de Dezembro, dois exemplares dactilografados, bem como um exemplar da publicação em que for inserto o original concorrente.

Podem concorrer todos os profissionais e não profissionais da Imprensa, nacionais ou estrangeiros, com produções inéditas em língua portuguesa.

Os três melhores trabalhos serão distinguidos com os prémios seguintes: 1.º, 5000$00; 2.º, 3000$00; 3.º, 2000$00.

Bolsas de estudo para médicos

Estão abertas, na Direcção-Geral de Saude, as inscrições para a concessão de 10 bolsas de estudo a médicos habilitados com o internato geral, para a frequência do Curso de Medicina de Saude Publica, a ministrar na Escola Nacional de Saude Publica e de Medicina Tropical, em Lisboa, no ano lectivo de 1971-1927.

CONCURSO PARA ESCRITURÁRIO

Na Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior, encontra-se aberto concurso de habilitação para preenchimento de lugares de escriturário-dactilógrafo de 2.ª classe do quadro privativo da secretaria da Administração do 1.º Bairro de Lisboa.

«O referido concurso é válido para o preenchimento da vaga existente e das que vieram a dar-se no prazo de três anos, contados da data da publicação oficial dos respectivos resultados, e o lugar remunerado com 2200$00 mensais. Os requerimentos de admissão deverão ser apresentados naquela Direcção-Geral, até ao dia 23 de Setembro próximo.»

BANCO DE ANGOLA

Em viagem de serviço, seguiu para Luanda o sr. dr. Nuno Alves Morgado, vice-governador do Banco de Angola. No aeroporto, apresentaram-lhe cumprimentos de despedida o governador do Banco, sr. dr. Mário de Oliveira; os administradores srs. dr. Rui de Melo, eng. Teixeira de Sousa, drs. Jorge de Aguiar, Luís Filipe de Oliveira e Castro e outros funcionários superiores.

XIII CONGRESSO INTERNACIONAL DO FRIO

Segue hoje para Washington o dr. Manuel Carvalho Martins, assistente do Instituto Nacional de Investigação Industrial, que representará oficialmente o nosso País nas reuniões do XIII Congresso Internacional do Frio, organizado pelo Instituto Internacional do Frio.

«LAR IDEAL»

CONDIÇÕES ESPECIAIS AOS NOSSOS LEITORES

Continuação da 1.ª página

«véu» sobre este concurso, acrescentamos que para concorrer, o público terá apenas de adquirir artigos á venda nas «Galerias Sol Nascente», uma das mais conceituadas casas de electrodomésticos e utilidades da nossa capital.

Outra novidade: o concurso principiará no próximo dia 1 de Setembro, de hoje a oito dias, portanto.

Os leitores assíduos do nosso jornal, mediante a apresentação do seu cartão, terão, não só descontos especiais nos artigos que adquiram, como, também, desfrutarão de condições especiais de participação neste concurso, cuja mecânica é extremamente simples, mas que oferece prémios sensacionais, no valor total de mais de centena e meia de contos.

No próximo sábado, daremos mais notícias. Até lá... é aguardar.

DOENÇA SÚBITA E MORTAL

Adoeceu subitamente na residência, na Rua da Fé, 8-D, chegando já morta ao Hospital de S. José, a sr.ª D. Benvinda Camila, de 74 anos. O cadáver foi transladado para o Instituto de Medicina Legal.

recorte o cupão e visite as

NOME.....
MORADA.....
..... TELEF: .....
PROFISSÃO .....
ARTIGOS EM QUE ESTÁ INTERESSADA:
.....
.....
.....
.....

Aproveite as extraordinárias facilidades, que lhe oferecemos na aquisição de material electro-doméstico, electrónico e ar-condicionado.

ESTA SEMANA... MAIS UM
PRÉMIO GRANDE
39728-240 CONTOS
VENDIDO PELO
CAMPIÃO
A CASA DE LOTARIAS
MAIS ANTIGA DO MUNDO

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S N I

a furna
almoços jantares e ceias
até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 8.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef 323059

SPORTKAR-BAR
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 87-C
ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS NUM AMBIENTE DIFERENTE

O EXPERIMENTAL DE CASCAIS VAI A BADAJOZ — No Teatro Gil Vicente, em Cascais, continua a ser apresentada todas as noites a peça do dramaturgo polaco Witold Gobrowicz «Ivone, princesa de Borgonha», encenada por Carlos Avilez, sem favor o maior cartaz do momento na zona de Lisboa. Notícia suplementar: o T. E. C. leva «Ivone» a Badajoz, em 23 e 24 de Setembro, durante um Festival de Teatro Independente programado para aquela cidade.

Os trabalhadores sem qualquer qualificação são aqueles que têm maior número de ofertas

— segundo o Serviço Nacional de Emprego

Desde 1967 que o Serviço Nacional de Emprego (S. N. E.) vem actuando com vista a promover entre nós o pleno emprego da população activa, contribuindo, simultâneamente, para resolver problemas de mão-de-obra. Nos pedidos de emprego, predominam os referentes a empregados de escritório, enquanto que o maior numero de ofertas se dirigem a trabalhadores sem qualquer qualificação.

O movimento no final do mês de Julho do ano corrente, quanto a pedidos de emprego, era o seguinte:

Empregados de escritório — 1199 (115 satisfeitos); *Trabalhadores indiferenciados* — 850 (320); *Trabalhadores especializados nos serviços* — 691 (148); *Serralheiros mecânicos e semelhantes* — 425 (163); *Vendedores* — 309 (34); *Trabalhadores dos transportes e comunicações* — 246 (40); *Carpinteiros e semelhantes* — 216 (71); *Electricistas* — 214 (64); *Trabalhadores da indústria têxtil* — 170 (13); *Pedreiros e trabalhadores da construção civil* — 147 (90); *Técnicos, cientistas e afins* — 131 (15); *Pintores, coladores de papel e semelhantes* — 85 (38); e *Outros* — 365 (123).

Vejamos agora, as ofertas de emprego tendo em conta que prevalecem, na maioria, os mesmos grupos de profissões acima indicados:

Trabalhadores indiferenciados — 1805 (320 satisfeitas); *Pedreiros e trabalhadores da construção civil* — 631 (90); *Serralheiros mecânicos e semelhantes* — 595 (163); *Carpinteiros e semelhantes* — 586 (71); *Trabalhadores especializados nos serviços* — 367 (148); *Trabalhadores da indústria têxtil* — 342 (13); *Mineiros e trabalhadores de pedreiras* — 284 (28); *Alfaiates, costureiras e semelhantes* 274 (20); *Empregados de escritório* — 234 (115); *Electricistas* — 182 (64); *Trabalhadores dos transportes e comunicações* — 165 (40); *Pintores, coladores de papel e semelhantes* — 150 (38); e *Outros* — 716 (124).

Os desajustamentos profissionais são evidentes: do lado dos pedidos de emprego (trabalhadores à procura de emprego) predominam nitidamente os empregados de escritório, vendedores e trabalhadores dos serviços, com 52,4 por cento do total, enquanto as ofertas (postos de trabalho vagos nas empresas) não vão além de 7,1 por cento.

Em contrapartida, nas ofertas destacam-se os trabalhadores indiferenciados, os da construção civil, serralheiros mecânicos, e outros trabalhadores dos metais e trabalhadores da industria têxtil.

«*O referido desajustamento* — lê-se no Boletim mensal do S. N. E. — *pode considerar-se estrutural na medida em que se vem registando mês a mês, há vários anos, e, sobretudo, na medida em que radica em características estruturais da actividade económica e do sistema escolar.*»

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referiram-se ao nosso jornal os prezados colegas: «Diário de Notícias», «Diário da Madeira», e «Jornal da Madeira», do Funchal; «Diário dos Açores» e «Correio dos Açores», de Ponta Delgada»; «O Telégrafo», da Horta; «Portugal Popular», de Villejuif; «Gazeta de Coimbra», «O Dever», da Figueira da Foz, «Jornal do Centro», de Pampilhosa; «Concelho de Estarreja», «Jornal de Minde», «O Sesimbrense», «Jornal da Costa do Sol», de Cascais; «A Voz do Operário» e «Ecos de Belém», de Lisboa.

«Musica, alegria, boa disposição e tudo a correr pelo melhor», diz um anuncio de Isidro Baptista e o seu Conjunto. E se corre bem! Com o disco «Joaquim Agostinho», recentemente lançado, a popularidade do acordeonista é facto assente

ESCREVE... endereça e descreve fàcilmente graças ao seu teclado alfanumérico.

DATA... a sua factura automàticamente, por meio de 6 selectores e de uma simples tecla de comando.

MEMORISA... todos os dados numéricos através de um teclado de registo racional.

CALCULA... num tempo «record» com o seu cérebro electrónico (IC MOS).

IMPRIME... números e resultados à cadência de 17 batidas por segundo.

FUNCIONAL E ESTÉTICA, A HERMES F-4 OFERECE-VOS UM LOCAL DE TRABALHO IDEAL.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S. A. R. L.
DISTRIBUIDORES PARA O CENTRO E SUL DO PAÍS:
SOCIEDADE REPRESENTAÇÕES SIDA - SUECA, LIMITADA
RUA AUGUSTA, 116, 4.º LISBOA-2 TELEFONES 36 93 31/2
DISTRIBUIDORES PARA O NORTE DO PAÍS:
ESTABELECIMENTOS SIDANORTE, LDA.
RUA FORMOSA, 447, 1.º PORTO TELEFONES 3 40 36/3 70 39

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis. **Consumo mínimo, 60$00 ✲ Rua das Taipas 14 ✲ Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Celeste Rodrigues. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, José Luís. Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Tel.860816.**

TIMPANAS

Mário Pacheco e Edmundo Rosa, viola e guitarra, Emília Reis, João Fernando e Luís Braga. Folclore do Ribatejo, Quim Barreiros, acordeonista e o Trio Odemira ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.). ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Consumo mínimo: 60$00 ✲ Encerra aos domingos**

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tina Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo. Fados de Coimbra por Loubêt Bravo. Tocam: Liberto Conde, Américo Silva e Vítor Ferreira. Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos. **Encerra ás 2,ª-feiras. Consumo mínimo, 70$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521-264526-264596-264621-264946.**

ADAGIO

A presença de JOSÉ LETRIA, Pop-Saul e Undergroung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633**

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9—Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Tel. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas**

MAXIME

Conjuntos ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BATACLAM
BAR DISCOTECA
Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 560430
BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

«CONHECER AS OPINIÕES ALHEIAS PARA PODER FORMAR A MINHA»

— INTENÇÃO DE UMA ALUNA QUE FREQUENTA OS CURSOS DE DIREITO COMPARADO NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Os Cursos de Verão (I e II ciclos) da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado, que têm estado a decorrer na sede da Fundação Calouste Gulbenkian, trouxeram a Lisboa dezenas de estudantes estrangeiros. Encontram-se representados, com efeito, através de jovens com idades compreendidas entre os 24 e os 26 anos, uns licenciados e outros ainda a cursar Direito, os seguintes países: República Federal da Alemanha, Áustria, Jugoslávia, Suíça, Roménia, França, Bélgica, Holanda, Itália, Espanha, Portugal, Grécia, Irlanda, Inglaterra, Estados Unidos, Chile, Peru, México, Índia, Líbano, Etiópia e República Democrática do Congo. Um total de 159 estudantes.

Tema dos cursos e professores: I ciclo — «Introdução geral ao Direito Comparado», C. F. Parker (Exeter), F. Terre (Paris) e M. Rheinstein (Chicago); «O sistema de Common Law», C. I. Hamson (Cambridge), I. N. Hazard (Nova York), B. Nicholas (Oxford), C. F. Parker (Exeter), M. Rheinstein (Chicago), K. R. Simmonds (Canterbury) e D. Thompson (Keele); «Os Direitos Romanistas», X. Blanc-Jouvan (Paris), J. H. Kaiser (Friburgo), D. Levy (Paris) e A. Rieg (Estrasburgo); «Os Direitos Socialistas», B. T. Blagojevic (Belgrado), N. A. Krutogolov (Moscovo), V. Jovanovic (Belgrado), A. Naschitz (Bucareste), Z. Peteri (Budapeste) e B. Toporim (Moscovo); «Introdução ao Direito Constitucional Comparado», W. I. Ganshof van der Meersch (Bruxelas), J. H. Kaiser (Friburgo) e D. Thompson (Keele); «Introdução ao Direito Internacional Privado Comparado», P. A. Crepeau (Montreal), N. Fragistas (Salónica); «Introdução ao Direito Processual — Os sistemas processuais», W. I. Habscheid (Wurzbourg, Genebra); «Introdução ao Direito Muçulmano», H. Afchar (Teerão); «O Direito e a Modernização na África Ocidental» (Senegal, Mali, Guiné), J. N. Hazard (Nova York); «Introdução ao Direito Grego», T. Conssoumaris (Paris); II ciclo, dividido nas duas secções seguintes: Direito Privado — «As sucessões em Direito Comparado». C. F. Parker (Exeter), «A noção e os limites da propriedade privada em Direito Comparado», F. Terre (Paris); «A letra de câmbio e o cheque em Direito Comparado», J. M. Bischoff (Estrasburgo); «A responsabilidade civil em Direito Comparado», G. Marty (Toulouse); «O casamento em Direito Comparado», N. Fragistas (Salónica); «As sociedades comerciais em Direito Comparado», J. G. Renauld (Lovaina); «O estabelecimento comercial em Direito Comparado», J. G. Renauld (Lovaina); «Os Contratos em Direito Comparado», J. Limpens (Bruxelas — Gand); «O reconhecimeno e a execução das sentenças estrangeiras», A. Ferrer Correia (Coimbra); «A protecção das minorias nas sociedades comerciais», J. de Azeredo Perdigão (Lisboa); «A obrigação alimentar em Direito Comparado», J. de Castro Mendes (Lisboa); «A cessão do contrato em Direito Comparado», C. Mota Pinto (Coimbra); «A competência internacional em Direito Comparado», N. Fragistas (Salónica); e Direito Público — «Os contratos administrativos em Direito Comparado», D. Thompson (Keele); «A responsabilidade do Poder Público em Direito Comparado», R. Drago (Paris); «O contencioso administrativo em Direito Comparado», J. M. Anky (Bordéus); «O Poder Executivo em Direito Comparado»: países ocidentais, P. M. Gandemet (Paris); países socialistas, M. A. Krutogolov (Moscovo); «A Noção da Legalidade em Direito Comparado», D. Thompson (Keele); «As empresas públicas em Direito Comparado», B. T. Blagojevic (Belgrado); «O processo administrativo não contencioso», J. D. B. Mitchell (Edimburgo); «O regime das Liberdades Públicas em Direito Comparado», A. H. Robertson (Estrasburgo); «A separação dos poderes nos países de Common Law», K. R. Simmonds (Canterbury); «Ideias e estruturas jurídicas e sociais do nosso tempo», L. Legorz Lacambra (Madrid); «Pena de prisão e medidas não institucionais), E. Correia (Coimbra); «Os recursos não contenciosos em Direito Administrativo Comparado», Freitas do Amaral (Lisboa); «O Direito Público Socialista Comparado com os direitos ocidentais», J. N. Hazared (Nova York); e «A protecção internacional do Homem», F. Jacobs (Estrasburgo).

MARYKE VAN MCCHELEN: «Muitos convites, excursões, possibilidades de conviven

Uma Faculdade Internacional com 10 anos de existência

Temas muito especializados, cujo ensino permite, no entanto, dada a estrutura dos cursos, que os alunos tenham tempo livre para convívio e, neste caso, para conhecerem alguma coisa de Portugal.

A sede da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado é em Estrasburgo, sendo um órgão da Associação Internacional de Direito Comparado, com sede em Paris. No corrente ano, o décimo da sua existência, a Faculdade já efectuou as seguintes sessões de estudo: em Caracas, de 31 de Janeiro a 21 de Fevereiro (Direito Comparado, III Ciclo); em Estrasburgo, de 14 de Março a 24 de Abril (Organizações Europeias e Direito Comparado, I, II e III Ciclos e «doctorat»); em Trieste, de 18 de Julho a 8 de Agosto (sessão da Escola Internacional de Direito do Trabalho Comparado, I e II Ciclos). Além da sessão que está a decorrer em Lisboa, há ainda a registar outras, no decorrer deste ano: em Salamanca, de 1 a 24 de Setembro (Direito Comparado, III Ciclo e «doctorat»); em Pescara, iniciada no passado dia 22 e prolongando-se até 18 de Setembro (Direito Comparado, I Ciclo); e em Madrid, de 27 de Setembro a 10 de Outubro (Organizações Europeias, I Ciclo). As actividades da Faculdade para o Ensino do Direito Comparado são vastas, portanto, podendo depreender-se fàcilmente o interesse das matérias versadas nos seus cursos, bem como a troca de ideias e o convívio que os mesmos proporcionam. Mas passemos a escutar as opiniões de alguns alunos dos cursos de Lisboa.

«Contacto de professores que vivem segundo outros sistemas políticos»

Edouard Bertrand, francês, licenciado em Direito pela Universidade de Paris, está em Lisboa pela primeira vez *«ter-lhe que fiquei surpreendido, agradou-me bastante, foi aquilo a que se pode chamar pródigo. Não posso dizer, nesta altura, se vou continuar a estudar Direito Comparado, mas tenho a certeza de que manterei contacto com pessoas de outros países que aqui conheci.*

EDOUARD BERTRAND: «Mais importante que o saber jurídico, nestes cursos, é o elemento humano»

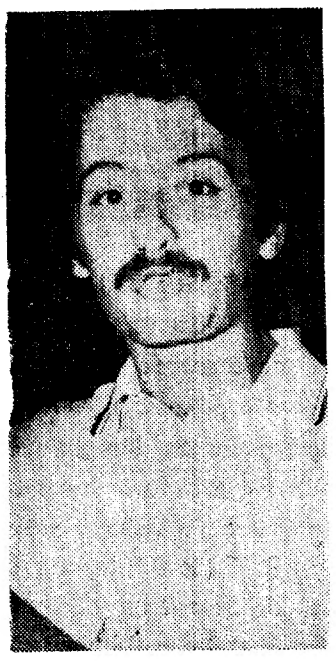
Interrogámos, em seguida, um aluno português, Alexandre Mira Mendes Elias, já licenciado, que nos disse:

— Acho que as aulas têm tido muito interesse, foram dadas matérias que não conhecíamos, tais como as que se referem aos países socialistas. Por outro lado, aperfeiçoa-se, pelo menos, uma língua estrangeira (as aulas são dadas em inglês, francês e alemão). E o convívio com jovens de tantos países, na sua maioria licenciados, é sempre proveitoso. Surge oportunidade para troca de impressões, mesmo para divagações.

— E no que respeita aos professores?

e já formou opinião sobre os cursos:

— Em primeiro lugar, contactamos com professores que não são do nosso país, que não vivem segundo o mesmo sistema político, como os professores de Leste, por exemplo. Interpretam à sua maneira, com outro espírito, com outra mentalidade, pontos de Direito que eu já conhecia, dando-me a saber a sua maneira de pensar. Em meu entender, mais importante que o saber jurídico, nestes cursos, é o elemento humano. Em segundo lugar, vem a convivência com os colegas, que se faz com muito mais facilidade do que habitualmente. Arranjam-se amigos, camaradas que ficarão. Quanto ao acolhimento, posso dizer — Bons professores, com categoria, um curso com nível, que constitui boa preparação para o conhecimento do Direito de outros países.

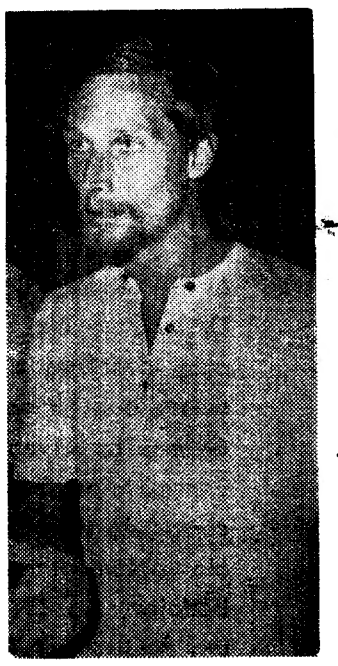


MENDES ELIAS: «Foram dadas matérias que não conheciamos»

«Estes cursos deviam ser encarados com naturalidade»

Peter Krienitz, alemão, formou-se na Universidade de Kiel e vive em Hamburgo. A sua opinião é a seguinte:

— Se compararmos os números, podemos verificar que menos pessoas se interessam pelo Direito Comparado. Se no ano de 1968, havia 1000 alunos, actualmente temos 700... Porquê? Eu explico isto pela «masturbação» das instituições internacionais... Muita burocracia, factos muito explorados, muita política... Estes cursos deviam ser encarados com naturalidade. Devia haver mais simplicidade. Por outro lado, a ida às aulas devia ser livre, porque uma Universidade não é uma escola primária. Bem sei que temos uma bolsa de estudo, mas, de qualquer forma, nem todas as aulas têm interesse. Há professores bons e outros menos pedagógicos.



PETER KRIENITZ: «A ida ás aulas devia ser livre»

Jovens de 22 países, na generalidade respectiva Faculdade Internacional, a

Em [illegible] no ano de 1968, havia 1000 alunos, actualmente temos 700... Porquê? Eu explico isto pela «masturbação» das instituições internacionais... Muita burocracia, factos muitos explorados, muita política... Estes cursos deviam ser encarados com naturalidade. Devia haver mais simplicidade. Por outro lado, a ida às aulas devia ser livre, porque uma Universidade não é uma escola primária. Bem sei que temos uma bolsa de estudo, mas, de qualquer forma, nem todas as aulas têm interesse. Há professores bons e outros menos pedagógicos.

gostoso Tartex MANTEM A LINHA

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

58
PA
• O
ma
os
Em 19
«Estatíst
1970», o
erradame
nenhum
ensino s
tando of
fantil há
ro de in
o possue
nistério
nal) me
res, o e
ensino
paratóri
tístico,
26 438,
e o ensi
Em 1

PRÉDIO DE REN
TO
PROPRIEDADE
JOAQUIM BARAONA
AV. VALBOM, 28-1.º Dto.
Telefs. 282345-262388
CASCAIS
Tratar com
AV. VALBOM, 28, 1.º, –

eneralidade entre os 24 e os 26 anos,, estudam Direito Comparado nos cursos de Verão da cional, a funcionar na Fundação Gulbenkian. Até da Etiópia e da Republica Democrática do Congo vieram alunos

Em Coimbra, por exemplo, ouvimos discursos longos... É claro que os contactos são úteis, ficamos a saber coisas de países, tomamos conhecimento da existência de livros... Outra coisa, no entanto, me parece errada: o facto de os professores não mudarem com frequência, de ano para ano, por exemplo, e serem, de uma maneira geral, bastante conservadores. Gostaríamos de discussões amplas!

Fomos interromper a holandesa Maryke van Mechelen, que bebia calmamente um café. Ainda não é formada, frequenta a Universidade Livre de Amesterdão. Ouvimos a seguinte opinião:

— *Tudo muito bem organizado, muitos convites, excursões, possibilidades de conviver. Eu vim de avião, de modo que não tive oportunidade de ver o país, mas, agora, já conheço alguma coisa. Conhecer países, saber quais são as opiniões das pessoas de outras terras, e só assim poderei formar a minha própria opinião... E isto acaba por ser bem mais importante do que as matérias de Direito Comparado, que eu poderia aprender, na Holanda, através de livros...*

VOLTOU A LUZ ELÉCTRICA À MINA DE SÃO DOMINGOS

MINA DE SÃO DOMINGOS, 26 — Voltámos a ter iluminação eléctrica com a inauguração da moderna rede de distribuição de energia, pois a antiga, que datava de 1904, fora montada pela firma inglesa Mason and Barry, concessionária da exploração mineira e cuja falência, em 1968, nos deixou privados de electricidade.

Estiveram presentes no acto inaugural o chefe do distrito de Beja, presidente e vereadores do Município de Mértola, Juntas de Freguesias, outras autoridades civis e militares. Usaram da palavra diversos oradores e foi servido um beberete aos convidados no edifício municipal.

A população, que se regosija com o importante melhoramento, espera que sejam fomentadas obras e tomadas iniciativas para progresso e desenvolvimento da povoação.

Iluminação deficiente em Olhão

OLHÃO, 26 — São amargos os comentários à deficiência da iluminação pública das principais artérias desta vila, principalmente das Avenidas da República e Dr. Bernardino da Silva, onde falta colocar novas lâmpadas, uma vez que as actuais ali existentes desde há muito perderam a intensidade luminosa.

É um caso que deve merecer a atenção do presidente do Município, uma vez que este centro turístico atrai cada vez maior número de turistas, além dos transtornos que causa à população.

UMA EX-FADISTA NA MISÉRIA

LUANDA, 26 — (A. N. I.) — Vive em Nova Lisboa, encontrando-se quase na miséria, a fadista Maria Virgínia, que foi cabeça de cartaz na Metrópole há cerca de quarenta anos — notícia o diário «A Província de Angola», acrescentando que Maria Virgínia se viu forçada até a vender a guitarra com que se acompanhava.

Segundo o jornal, Maria Virgínia já não canta, tendo sido recolhida por uns amigos. «A Província de Angola» fez um apelo à população de Nova Lisboa para que seja realizado um festival a favor da fadista.

58 556 PROFESSORES PARA 1 466 890 ALUNOS

• O ensino superior possui os professores mais idosos e o ciclo preparatório os mais novos

Em 1970, segundo o volume «Estatísticas da Educação 1970», o ensino infantil (que erradamente se aponta como nenhum estabelecimento de ensino ser oficial, pois não estando oficializado o ensino infantil há um pequeno número de instituições oficiais que o possuem, à margem do Ministério da Educação Nacional) mobilizou 651 professores, o ensino primário 29753, o ensino secundário (ciclo preparatório, liceal e técnico, artístico, eclesiástico, etc.) 26 438, o ensino superior 2285 e o ensino normal 429

Em 19543 estabelecimentos do ensino matricularam-se 1 466 890 alunos.

O ensino superior é o grau que dispôs de professores mais idosos: para um total de 2285 teve sómente 687 professores com menos de 30 anos e 248 com mais de 60 anos de idade. O ciclo preparatório com 9157 professores teve 3693 com menos de trinta anos e sómente utilizou 518 com mais de 60 anos. O ensino liceal em 7225 agentes de ensino dispôs de 1687 com menos de 30 anos e 948 com mais de 60 anos. No ensino técnico para 6823 professores 2064 tinham menos de 30 anos e sómente 299 ultrapassavam a casa dos 60.

Nos graus primários e infantil registam-se ainda percentagens maiores de professores menos idosos: no infantil em 651 só 316 tinham menos de 30 anos; no ensino primário em 29763 agentes de ensino 10563 tinham menos de 30 anos de idade.

As mulheres dominaram o ensino em 1970: no ensino oficial (primário, ciclo preparatório, liceal, técnico e superior) de 57 768 professores 40 247 eram mulheres. No ensino primário o numero é impressionante: 24 445 mulheres para 3719 homens (na Suiça em três professores primários sómente dois podem ser mulheres). O mais «masculino» dos corpos docentes pertence ao ensino técnico: para 7631 professores 4290 são homens e 3341 são mulheres, segue-se-lhe o liceu: 3114 professores dos quais 1206 do sexo masculino e 1908 do feminino e depois o ciclo preparatório, o mais «feminino» dos corpos docentes do ensino secundário: em 4940 agentes de ensino 3360 são mulheres e 1580 homens.

RENDIMENTO EM CASCAIS

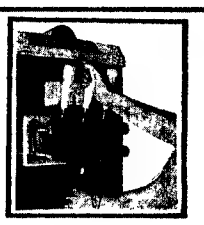
TOTALMENTE ALUGADO

VENDE-SE EM ÓPTIMO LOCAL
COM BOA CONSTRUÇÃO E
TOTALMENTE ALUGADO

PREÇO: 1.500.000$00

com JOAQUIM BARAONA
8, 1.º, — Tel.: 28 23 45 e 28 23 88 — CASCAIS

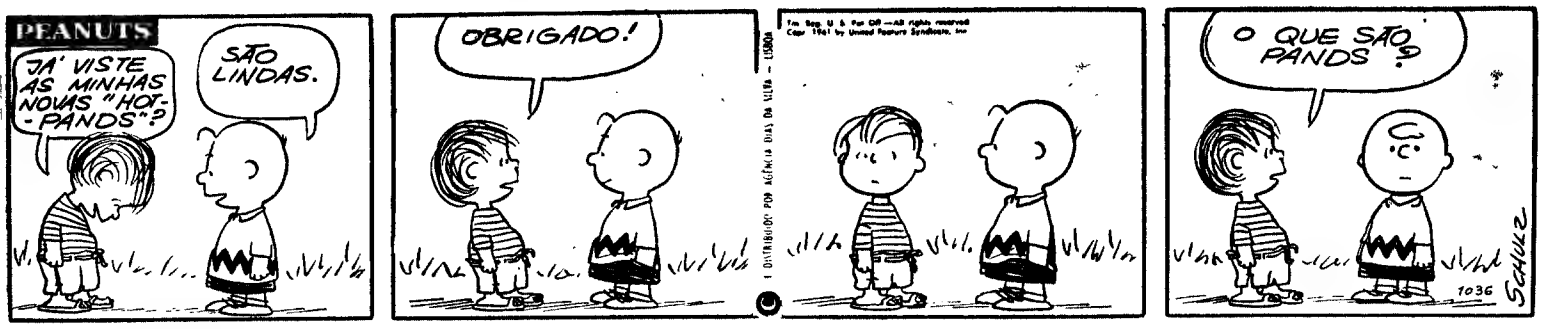
RECOMENDAMOS
Polargel



as famosas máquinas italianas são o melhor apoio para o seu negócio

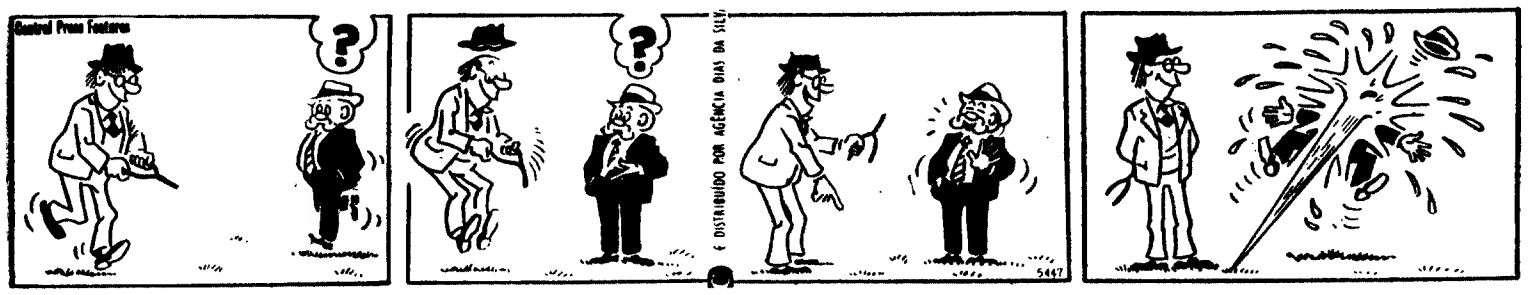
INFORMAÇÕES:
diesa AVENIDA DA REPÚBLICA, 46 R/C. TELEFONE 76 71 41 — LISBOA 1

OS PEANUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 26 de Agosto de 1941 publicava:

A Sociedade Nacional de Belas-Artes tem agora, nos seus salões, uma exposição permanente de quadros e esculturas. Eis uma ideia feliz, que muito contribuirá para a cultura estética da população. Nesse museu, que só o não é porque as suas obras se renovam constantemente, o público atribuirá os seus valores, escolherá este ou aquele e receberá uma lição simples, mas profunda de convivência artística. É isso, sobretudo, que lhe falta. Foi esse, sem dúvida, o pensamento a que obedeceu a direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes, tão criteriosamente dirigida pelo distinto arquitecto Eugénio Correia.

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

SOCIEDADE «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES
Válidos para 10 semanas
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas

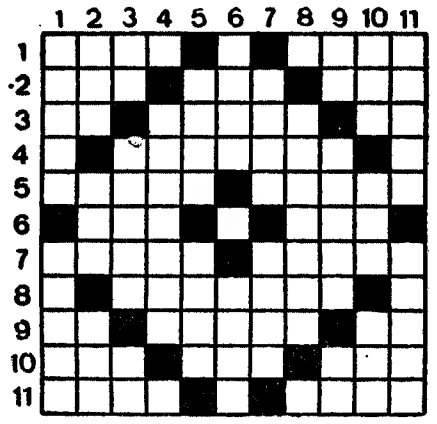
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 5995

HORIZONTAIS: 1 — Voz imitativa do sino. Tramam. 2 — Prefixo que designa ar. Uma das Esporades. Poder. 3 — Despido. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). 4 — Vestimenta rustica. 5 — Respira com dificuldade. Que é do ar. 6 — Naquele lugar. O mesmo que bonzo. 7 — Dá massagens a. Penteia. 8 — Pises. 9 — Escandio (s. q). Esmurrou. Platina (s. q). 10 — Cidade da Alemanha. Chefe etíope. Preposição 11 — Armadilha para pássaros. Jarro.

VERTICAIS: 1 — Tal. Queimar. 2 — Compreendeu o sentido de. Familiar (abrev). Pronome relativo. 3 — Caminhar. Carimbam. Artigo definido (ant). 4 — Magas. 5 — Leito. Serra de Portugal. 6 — Pedaço de carne correspondente a cada marmita de rancho. Dar aviso de alguma coisa em voz alta. 7 — Nome de mulher. Anéis. 8 — Perdeu o juízo á força de ler. 9 — Prefixo de negação. Lavrais. Utensílio doméstico. 10 — Medida de líquidos na' Suíça. Aqui está. Patas. 11 — Defunta. Todo o corpo que existe no espaço.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5994

HORIZONTAIS: 1 — Amaia. Acolá. 2 — Desbravaram. 3 — Atoa. Isar. 4 — A. BOA. 5 — Al. Pé. Re. Ló. 6 — CEPA. Iaia. 7 — Rendeiros. 8 Saeiras. 9 — Ás. Satãs. EM. 10 — Iug. Dar. Olé. 11 — Oledo. Arcai.

VERTICAIS: 1 — Ad. Mac. MAIO. 2 — Meã. Ler. Sul. 3 — Asta. Pés. Ge. 4 — Ibo. Panos. 5 — Árabe. Deado. 6 — A. DEITA. 7 — Aviar. Ira. ra. 8 — Cãs. Eiras. 9 — Oral. Aos. Oc. 10 — Lar. Lis. Ela. 11 — Am. Goa. Amei.

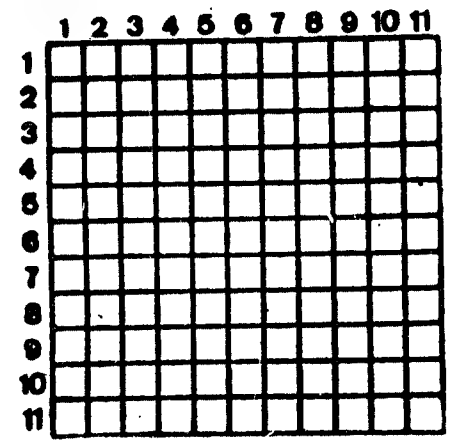
Provérbio: A BOA CEPA, EM MAIO A DEITA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9838

HORIZONTAIS: 1 — Furnos. Dá massagens a. 2 — Casta desprezível entre os Japoneses. Verbal. 3 — O mesmo que porcos. Filtra. Naquele lugar. 4 — Alisariamos. 5 — Lavrais. Proporcionará. 6 — Conjugação. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. 7 — Golfo (s. q.) Ruim. Em a. Berilo (s. q.). 8 — Criada grave. General de Napoleão. Acreditei. 9 — Bálsamo. Inflamar. 10 — Guindaste. Concordo. 11 — Um gosto em meio de muitos dissabores. Francos.

VERTICAIS: 1 — Texto. Melgaço (Prov.). 2 — Levar a reboque. Gemera. 3 — Entregam. Sapos do Amazonas. 4 — Campeão. Dão pios. Oferecei. 5 — Cidade da Itália. 6 — Mágoa. 7 — Pequeno arbusto ornamental da África meridional. 8 — Pedra de moinho. Cantiga. O mesmo que três. 9 — Guarneces de arames. Refeição depois da meia-noite. 10 — Entusiasmo (fig.). Estrondeei. 11 — Penteia. Freguesia do concelho de Coimbra.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9837

HORIZONTAIS: 1 — Actas. Quera. 2 — Arem. Arem. 3 — Sem. Mim. Mio. 4 — Remataras. 5 — Rir. Rói. 6 — Ma. Agnel. Ce. 7 — Ana. Aal. Dom. 8 — Catar. Acero. 9 — Aferi. Noite. 10 — Ta. Adita. Ar. 11 — Arola. Erara.

VERTICAIS: 1 — Aos. Amacata. 2 — Crer. Anafar. 3 — Temer. Ate. 4 — Am. Mia. Aral. 5 — Margarida. 6 — Mit. Na. 7 — Marelante. 8 — Ua. Rol. Coar. 9 — Emoi. Dei. 10 — Reis. Cortar. 11 — Remoera.

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS CARREIRAS DE AUTOCARROS PORTO-VISEU

8-45	17-45	Porto (Est. de S. Bento)	13-31	22.25
9-00	18-00	Carvalhos	13-15	22-10
9-04	18-04	Feiteira (Cruz)	13-11	22.06
9-10	18-10	Vendas Grijó (Cruz)	13-08	22-03
9-13	18-13	Picoto	13-02	21.57
9-15	18-15	Vergada	13-00	21-55
9-19	18-19	Lourosa - Vendas Novas	12-56	21.51
9.25	18-25	Aldeia Nova Lourosa	12-53	21-48
9-29	18-29	Souto Redondo (Cruz)	12-48	21.41
9.32	18-32	Arrifana (Cruz)	12-43	21-38
9.42	18-42	S. João da Madeira	12-36	21.31
9-48	18-48	Couto de Cucujães (Cruz)	12.27	21-22
9-58	18-58	Oliveira de Azeméis	12-20	21.15
10.26	19-26	Vale de Cambra	11-52	20-47
10-34	19-34	Macieira de Cambra	11-42	20.37
11-15	20.15	Junqueira	11-01	19-56
11-56	20-56	S. João da Serra	10-22	19-17
12.29	21.29	St.ª Cruz da Trapa	9-49	18-44
12-55	21-55	S. Pedro do Sul	9-26	18.21
13-40	22-40	▼Viseu (Est.)	8-35	17-30

EFECTUAM-SE DIÁRIAMENTE

CAMINHOS DE FERRO

Comunica-nos a CP, que graças a acordos estabelecidos com os Caminhos-de-Ferro Franceses e Ingleses, podem reservar-se em Portugal lugares para carros, autocarros e passageiros nos Car Ferries e Hovercraft («barco-voador») que asseguram a ligação Continente/Inglaterra/Irlanda e vice-versa, através do Canal da Mancha, quer os interessados sigam no Auto-Expresso Lisboa/Paris, quer desejem apenas a ligação citada.

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639.
VENDA AO PÚBLICO

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES

ALTO ALENTEJO-BAIXO ALENTEJO

A partir de 16 de Agosto de 1971

	7-10	13-05		18-35	22-00	P Vila Viçosa C			12-23	17-53	23-47	
	7-20	13-12		18-41	22-06	P Borba C			12-17	17-47	23-39	
	7-41	13-25		18-55	22-22	P Estremoz C			11-59	17-29	23-17	
	7-10	13-35		19-05	22-45	P Reguen.Monsar C			11-39	17-09	23-35	
8-10	9-13	14-45		20-21	0-40	P Évora C	7-22	7-22	10-30	16-00	21-40	23-11
8-38	9-45	15-15		20-51	1-08	C Casa Branca P	6-50	6-50	10-00	15-30	21-10	22-45
8-52	9-49	15-19	20-00	20-55	1-21	P C	5-56	6-41	9-48	15-18	20-53	22-35
9-19	10-17	15-47	20-24	21-23	1-56	C V.N.Baronia P	5-21	6-17	9-19	14-49	20-24	22-07
9-40	10-40	16-10	20-45	21-46	2-23	C Cuba P	4-54	5-56	8-55	14-25	20-00	21-46
9-59	11-00	16-30	21-03	22-06	2-48	C Beja P	4-31	5-40	8-35	14-05	19-40	21-26
	11-51	17-21	22-06	23-09		C Serpa-Brinch. P			7-36	13-18	18-53	
	12-08	17-38	22-23	23-34		C Pias P			7-19	13-03	18-38	
	12-29	17-59	22-44	0-03		C Moura P			6-45	12-40	18-15	
10-37					3-39	C C.V.Almodôvar P	3-42					20-41
11-07					4-17	C Funcheira P	5-00					20-10

Todas estas circulações se efectuam diàriamente.

Propõe-se a aquisição por parte do Estado do Palácio Sub-Ripas (Coimbra)

COIMBRA, 26 — Na reunião da Câmara Municipal, ao começarem os trabalhos, o vice-presidente, sr. eng.º Augusto Correia, deu esclarecimentos sobre a resolução camarária de 22 de Junho, na qual foi apreciada uma representação de comerciantes da cidade que exercem a sua actividade no ramo de «café» e restaurante, pastelaria e similares, e que foi enviada pelo grémio respectivo, e resolveu aprovar a pretensão, depois de a pôr á aprovação do I. N. T. P. e do Conselho Municipal. Tal pretensão consiste em encerrar aqueles estabelecimentos no sistema de «roulement», um dia por semana, mas, no seguimento do processo, surgiu a necessidade de algumas informações; e, entretanto, foram recebidas exposições individuais e colectivas, umas aprovando, outras reprovando o encerramento, pelo que essas exposições serão oportunamente presentes em sessão da Câmara com as respostas ás consultas realizadas, para depois se deliberar.

A vereadora sr.ª dr.ª D. Maria José Bacelar falou sobre o estado exterior da Casa de Sub-Ripas, e propôs que se solicite a sua aquisição pelos Monumentos Nacionais, dada a impossibilidade de a Câmara Municipal o fazer.

Por fim, o sr. dr. Viriato Namora solicitou a atenção da Câmara para o estado das pistas do Estádio Municipal, as quais necessitam de arranjo, propondo que a Câmara solicite á Direcção-Geral dos Desportos o apoio técnico para a conveniente implantação das pistas de atletismo naquele Estádio, e foi deliberado reunir na Câmara os responsáveis das modalidades de futebol e atletismo, dadas divergências surgidas, para se tomar o caminho conveniente.

A MEDALHA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE «OS LUSÍADAS»

Foi prorrogado por mais noventa dias o prazo da entrega dos modelos da medalha comemorativa do 4.º centenário da 1.ª edição de «Os Lusíadas». Esses modelos devem ser entregues, e nas horas de expediente, no Palácio das Galveias, Campo Pequeno — 4.ª Repartição — Acção Cultural.

O trabalho que for classificado em 1.º lugar será retribuído com a importância de 60 000$00, ficando as peças apresentadas na posse da Câmara Municipal de Lisboa, a qual terá, sem mais encargos em relação ao autor, o direito de reproduzir os modelos aprovados, quando e no número que entender, mas apenas para o fim que foi aberto concurso.

Aos trabalhos classificados em 2.º e 3.º lugares serão atribuídos, respectivamente, os prémios de 30 000$00 e 20 000$00.

Os trabalhos já apresentados serão admitidos ao concurso sem que tal envolva, desde já, qualquer juízo de valor.

NAVIOS DE GUERRA FRANCESES NO RIO DOURO

PORTO, 26 — Atracaram, ao princípio da tarde, ao cais de Vila Nova de Gaia, no rio Douro, os navios da Armada francesa «Belle Poule» e «L'Etoille», que transportam cada um vinte alunos, além da respectiva guarnição e andam em viagem de instrução.

Cada um dos navios tem 45 metros de comprimento, sete de boca e 3,75 de frontal e desloca 227 toneladas.

Sairão para o mar no domingo.

MÃO BAIXA EM ROUPA E NUM PORTA-CHAVES

«Solução! Ir vestido para a água», escrevíamos ontem a propósito de um jovem a quem haviam roubado toda a roupa numa praia das que servem Lisboa. Pois temos outra facécia para contar no mesmo género, e o leitor que tire as conclusões oportunas.

Um nosso colaborador foi anteontem, sobre a tarde, á praia de Monte Estoril acompanhado por duas senhoras. Depois do banho de mar, e ao regressar ao seu automóvel, levou novo banho sob a forma de um balde de água fria: t i n h a m - l h e subtilizado a roupa, com excepção das cuecas e de um lenço de pescoço!

De mistura com a roupa «foi-se» também um porta-chaves, e neste as chaves de outro automóvel (que está fechado) e algumas que muita falta fazem ao nosso colaborador no emprego. Enfim, uma razia.

O nosso colaborador, que deixara no carro, n o m e a damente, umas calças e um casaco, dá isto de barato, mas precisa absolutamente das chaves. Para bom entendedor (gatuno), cremos que esta meia palavra basta.

EXPOSIÇÃO ALVES REDOL E O TEUC EM PENICHE

Organizada pela Comissão Pró-Centro Popular A l v e s R e d o l vai estar patente ao público em Peniche, até ao dia 29 no futuro «stand» da Foroeste, Lda., (edifício «Nina», frente ao jardim público) a exposição itinerante de Alves Redol.

A exposição, que na sua missão de divulgação vem percorrendo o País, consiste na apresentação de toda a obra escrita do autor de «Gaibéus», incluindo os escritos apenas conhecidos dos estudiosos, os livros de há muito esgotados e algumas edições estrangeiras, colaboração nos jornais «Vida Ribatejana», «Mensageiro do Ribatejo» e «O Diabo» e nas revistas «Sol Nascente», «Notícias Ilustrado», «Gazeta Musical e de todas as artes» e «Vértice», muitos recortes de crítica e abundante material fotográfico fixando momentos significativos da vida de Redol.

Depois de amanhã, pelas 21 e 30 realizar-se-á um debate orientado pelo dr. Luso Soares sobre a vida e obra do grande escritor.

Por outro lado a Cooperativa Humus vai apresentar, pela primeira vez em Peniche, o T.E.U.C. (Teatro dos Estudantes de Coimbra) que amanhã, pelas 21 e 30, representará na Associação de Educação Física, Cultural e Recreativa Penichense a peça de William Shakespeare «Hamlet», e, depois de amanhã, pelas 15 horas, no Parque do Baluarte, a pantomina infantil «Mel, pastel e um boneco de papel.»

Estas realizações têm a colaboração da Associação Recreativa Penichense, da Comissão Municipal de Turismo e Foroeste, Lda.

MELHORAMENTOS NO CONCELHO DE LOURES

Nas últimas reuniões da Câmara Municipal de Loures, presididas pelo chefe da edilidade, dr. Luís Demony, foram tomadas importantes deliberações e aprovadas propostas relacionadas com melhoramentos públicos para o concelho, dentro do programa das actividades em curso.

Assim, a Câmara aprovou uma proposta relativa aos trabalhos de ampliação e remodelação do edifício escolar Avelar Brotero em Odivelas, no valor de cem contos. Na mesma reunião, foi tomado conhecimento do parecer favorável da Direcção de Urbanização de Lisboa para a reconstrução da ponte do Zambujal, que o Município de Loures vai levar a efeito sobre o rio Trancão. Outras propostas aprovadas referem-se ao arranjo de arruamentos em Bucelas, Ponte de Lousa, Bairro da Urmeira, Bobadela, Fanhões, Caneças e na povoação de Arroja (Odivelas); rectificação e pavimentação do troço do caminho municipal 1321 que dá acesso á Ponte da Urmeira; alargamento e pavimentação da estrada municipal 507-1, entre Apelação e Camarate; e reparação do pavimento da estrada municipal 540, no troço entre a Estrada Nacional n.º 374 e a Murteira.

Para a ampliação do cemitério de Unhos, foi aprovada a aquisição de uma parcela de terreno com a área de 2200 metros quadrados, contíguos áquele lugar.

Foram aprovadas também, as seguintes denominações toponímicas que vão ser dadas a várias artérias em A-das-Lebres — Rua António Pereira Militão; Casainhos—Rua João Simões Castelo; Fanhões—Largo Sport Lisboa e Fanhões; Pinheiro de Loures — ruas de Santo Amaro e São Miguel; SantoAntão do Tojal — duas dos Arcos, Maria Amália Vaz de Carvalho, Dario Canas, Padre Adriano e Padre Américo.

Foi, ainda, criada uma comissão constituída por funcionários municipais para organizar, no prazo de 15 dias, os processos de inquérito relativos ás condições económicas dos inquilinos de casas de renda económica em prédios que são propriedade da Camara.

Entretanto, nas últimas semanas, os serviços municipalizados *«prosseguiram importantes trabalhos nos sectores de águas, electricidade e saneamento. Assim, continuaram as obras de montagem na canalização de água em Lousa; a construção de um reservatório em A-das-Lebres; montagem de uma canalização plástica na mina da Ramada; e prolongamento das redes de Camarate, Tojal, Sete Casas, Pinheiro de Loures, Pombais e Odivelas. No sector de electrificação, ultimaram-se trabalhos referentes á ampliação e remodelação da rede aérea de Fanhões, Loures e Moscavide, realizando-se, também, obras de ampliação e desvio de postes em Santa Iria da Azoia e em Odivelas».*

131.º ANIVERSÁRIO DA SOCIEDADE FILARMÓNICA LUSITANA

ESTREMOZ, 26 — A Sociedade Filarmónica Lusitana, a banda mais antiga do País, comemora o seu 131.º aniversário, com uma volta pelas ruas da cidade e um beberete na sua sede.

A venda dos instrumentos perdidos a favor do Estado por infractores às leis da caça

Segundo a letra de uma portaria pelo Ministério da Economia (Secretaria de Estado da Agricultura) e considerando a conveniência de serem simplificadas as formalidades pertinentes à venda dos instrumentos perdidos a favor do Estado pelos infractores ás leis da caça, entende-se necessário introduzir algumas alterações à Portaria n.º 24 046, de 26 de Abril de 1969;

Estipula a portaria agora publicada no «Diário do Governo»: que esses instrumentos serão recebidos pelas comissões venatórias concelhias, que os remeterão para as respectivas comissões venatórias regionais, ou entregues directamente nestas mesmas comissões regionais ou nas distritais ou suas delegações, as quais providenciarão pela sua guarda, recolha e conservação; que todos os demais instrumentos devem ser postos à venda isoladamente, pelo valor que lhes seja atribuído pela comissão encarregada da sua venda, constituída por dois membros da comissão venatória regional ou distrital e por um representante do Serviço de Inspecção da Caça e Pesca, que presidirá; que as hastas públicas realizar-se-ão nas sedes das comissões venatórias regionais ou distritais ou suas delegações e serão anunciadas com trinta dias de antecedência, por éditos publicados em três jornais dos mais lidos na localidade e por editais afixados na câmara municipal e na regedoria do domicílio do dono dos objectos a vender; que essas hastas públicas realizar-se-ão todos os semestres, mas, quando se trate de objectos susceptíveis de deterioração, a sua venda deverá ser efectuada no prazo máximo de quarenta e cinco dias, após a sua entrega às comissões venatórias.

E ainda: abertas as propostas e declarado o maior preço oferecido, abrir-se-á licitação entre os concorrentes, para efeito de adjudicação pelo maior lance, se convier, observando-se as preferências legais.

Depois da praça o presidente da comissão devolverá aos proponentes não adjudicatários as quantias deles recebidas a título de caução e entregará na Caixa Geral de Depósitos, para depósito a favor do Fundo, as quantias recebidas como caução dos adjudicatários.

A adjudicação só se tornará definitiva com a sua aprovação pelo presidente do Fundo, que mandará emitir guias para adjudicatário depositar dentro do prazo máximo de oito dias, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, na conta daquele Fundo, a diferença entre o preço da venda e o valor da caução já depositada.

O Comando-Geral da P. S. P., à medida que receber as armas e munições remetidas nos termos do n.º 2.2, procederá à sua relacionação e promoverá a sua venda de harmonia com as disposições do artigo 77.º do regulamento aprovado pelo Decreto-Lei n.º 37 313, de 21 de Fevereiro de 1949.

Começaram as Festas de Lamego

LAMEGO, 26 — Com a inauguração da Feira Franca, começaram hoje as Festas de Lamego, que terminarão no dia 14 do próximo mês.

Durante as festas terá lugar a tradicional romaria da Senhora dos Remédios.

O acto inaugural foi presidido pelo sr governador civil de Viseu. Seguiu-se a inauguração da Exposição Vinícola de Portugal onde se encontram representadas todas as regiões vinícolas do País.

Do programa das festas, constam: um festival folclórico, uma prova de perícia automóvel e um espectáculo de musica ligeira a realizar no próximo domingo, cerca das 22 horas.

Universidades do Ultramar

O sr. dr. Luciano Sérgio Lemos dos Reis, professor extraordinário da Universidade de Luanda foi exonerado, a seu pedido, do referido lugar.

— Foram contratados a sr.ª dr.ª D. Maria Augusta Baptista Carvalho Sampaio e o sr. dr. Luís António dos Santos Marques da Rocha para exercerem as funções de assistentes eventuais, além do quadro da Universidade de Luanda.

— O sr. eng. Carlos Alberto Lloyd Braga, professor auxiliar do Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa foi reconduzido, em comissão de serviço, no lugar de professor extraordinário da Universidade de Lourenço Marques.

IMPRENSA

«Folha de Domingo»

Entrou no 58.º ano de publicação o nosso prezado colega «Folha de Domingo», órgão da diocese farense. Ao director, rev.º Carlos do Nascimento Patrício e aos colaboradores as nossas saudações.

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS CARREIRAS DE AUTOCARROS PORTO-VISEU

8-45	17-45	Porto (Est. de S. Bento)	13-31	22-25
9-00	18-00	Carvalhos	13-15	22-10
9-04	18-04	Feiteira (Cruz)	13-11	22-06
9-10	18-10	Vendas Grijó (Cruz)	13-08	22-03
9-13	18-13	Picoto	13-02	21-57
9-15	18-15	Vergada	13-00	21-55
9-19	18-19	Lourosa - Vendas Novas	12-56	21-51
9-25	18-25	Aldeia Nova Lourosa	12-53	21-48
9-29	18-29	Souto Redondo (Cruz)	12-48	21-41
9-32	18-32	Arrifana (Cruz)	12-43	21-38
9-42	18-42	S. João da Madeira	12-36	21-31
9-48	18-48	Couto de Cucujães (Cruz)	12-27	21-22
9-58	18-58	Oliveira de Azeméis	12-20	21-15
10-26	19-26	Vale de Cambra	11-52	20-47
10-34	19-34	Macieira de Cambra	11-42	20-37
11-15	20-15	Junqueira	11-01	19-56
11-56	20-56	S. João da Serra	10-22	19-17
12-29	21-29	St.ª Cruz da Trapa	9-49	18-44
12-55	21-55	S. Pedro do Sul	9-26	18-21
13-40	22-40	Viseu (Est.)	8-35	17-30

EFECTUAM-SE DIARIAMENTE

INGLÊS INTENSIVO
NA
ih
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE
Rua Marquês Sá da Bandeira, 16 — Tels.: 5 14 96 - 53 40 54 - 53 40 62
Cursos de 4 semanas a abrirem em princípios de Setembro
— I N S C R I Ç Õ E S J Á A B E R T A S —

Actualidade internacional

ENDURECIMENTO DOS EUA NA CRISE MONETÁRIA

PARIS, 26 — (F. P.) — O aviso lançado ontem pelos Estados Unidos aos seus parceiros comerciais, assim como o endurecimento da sua atitude em Genebra no conselho extraordinário do G. A. T. T — reunido precisamente para examinar as medidas proteccionistas que Washington acaba de instaurar —, inscreve-se perfeitamente na linha política de força lançada no dia 15 pelo presidente Nixon — pensa-se nos meios económicos de Paris.

Já a semana passada, Paul Volcker, subsecretário americano do Tesouro, tinha vindo á Europa, não só para explicar a decisão de pôr termo á convertibilidade do dólar em ouro, mas também para salientar bem aos europeus que esta decisão não tinha discussão, que era agora com eles revalorizarem as suas moedas, visto que o dólar não seria desvalorizado.

Ora, dez dias depois, poucas coisas mudaram no plano monetário. O Japão continua a resistir e o desacordo entre os «Seis» do Mercado Comum bloqueia qualquer decisão na Europa.

A recusa de deixar o G. A. T. T discutir a abolição da taxa nas importações americanas provém, diz-se nestes meios, do mesmo modo de agir Depois do Fundo Monetário Internacional, que não tivera uma palavra a dizer nas decisões monetárias dos Estados Unidos, é ao G. A. T. T. — o juiz de paz do comércio mundial — que os Estados Unidos recusam o direito de examinar o bom fundamento das suas decisões.

O aviso lançado em San Clemente — a «Casa Branca do Oeste» — apresenta-se com o mesmo sentido. A Casa Branca «não poderia conceber» que um país membro do G. A. T. T. «adoptasse medidas de represália contra os Estados Unidos».

Tal reacção poderia explicar-se pelas críticas muito duras que as medidas proteccionistas americanas — incluindo a sobretaxa de 10 por cento sobre as importações — provocaram na terça-feira e ontem em Genebra, durante a reunião do G. A. T. T.

Tais represálias eventuais seriam, naturalmente, o princípio de uma guerra comercial, receada por toda a gente, e a Casa Branca tem certamente muita razão em dizer que isso «não serviria os interesses de ninguém».

GUERRA DAS MOEDAS

PARIS, 26 — (F. P.) — Depois da reabertura dos principais mercados de câmbios, os relatos das operações que ali decorrem apresentam várias analogias com os comunicados de guerra. Assinala-se por exemplo, em determinado ponto, «um movimento generalizado de recuo» em relação ao dólar, e, noutro ponto, um «reajustamento das posições» dos bancos comerciais que, seguindo as instruções recebidas do banco central (o seu quartel-general), «cederam terreno», comprando notas americanas.

Salta aos olhos que se trava uma guerra de moedas, desde que o presidente americano rompeu com todas as regras do jogo monetário, estabelecidas há 27 anos em Bretton-Woods, por iniciativa dos seus antecessores.

Mas os objectivos desta guerra — notam os observadores — são na realidade de ordem comercial, porque a decisão mais importante para o resto do Mundo, de efeito imediato, entre as que o presidente Nixon tomou no dia 15 deste mês, foi a instituição de uma taxa de 10 por cento sobre as importações americanas.

EXPORTAÇÃO DE DESEMPREGO

Esta decisão tende a exportar uma parte do desemprego que reina nos Estados Unidos para os seus principais parceiros comerciais, a começar pelo Japão, pelo Canadá e pela Alemanha — desemprego que estes ultimos países não poderiam tardar a exportar, por seu turno, pela força das coisas, para os seus próprios parceiros, como a França no que diz respeito á Alemanha.

Ora, tal medida tem os mesmos efeitos que uma desvalorização do dólar num montante equivalente, de que não se pensa em Washington, ou do que uma revalorização média de 10 por cento das moedas dos principais parceiros dos Estados Unidos. Esta revalorisação é o principal objectivo das autoridades americanas, como o confirmam as recentes «indiscrições» do Fundo Monetário Internacional.

Por outras palavras, na desordem actual, as moedas cujas paridades respectivas deixaram de ter um ponto fixo, encontram-se postas ao serviço das estratégias comerciais de vários países.

Isto explica o paradoxo de uma situação em que o recuo do dólar nos mercados dos câmbios é favorávelmente acolhido em Washington, pois representa uma certa revalorização das outras moedas, que é o fim pretendido.

É o que explica, por outro lado, a resistência pertinaz que os japoneses opõem a uma revalorização do ien e, que seria para eles uma capitulação sem condições, depois do «Pearl Harbour ao contrário» que representa a taxa sobre um bom terço das suas exportações totais.

É o que explica, também, as dificuldades de uma posição comum por parte dos países europeus. Porque isto de fazer flutuar as moedas — como o fazem os alemães, os holandeses e os belgas, numa certa medida — constitui a aceitação do risco das suas revalorizações permanentes e, portanto, fazer o jogo dos americanos para suster o desmoronamento inflacionista dos dólares indesejados.

Os doentes mentais mais protegidos contra o cancro

LONDRES, 26 — (F. P.) — Os doentes mentais estariam mais protegidos contra o cancro do que as pessoas «normais» — afirma-se num artigo da revista médica inglesa «New Cientist».

O artigo revela resultados de pesquisas realizadas no Hospital Psiquiátrico de Atenas, onde, segundo estatísticas relativas a 15 anos, 4,9 por cento dos doentes mentais morreram de cancro, enquanto, nos hospitais de medicina geral, o índice foi de 15 por cento.

REPELIDAS PELA TANZÂNIA AS TROPAS UGANDESAS

DAR-ES-SALAAM, 26 — (FP) — A situação parece voltar progressivamente á normalidade na aldeia fronteiriça de Mutukula, que foi teatro de violentos combates entre as tropas ugandesas e da Tanzania, segundo informações chegadas a Dar-es-Salaam.

Os combates terminaram ás primeiras horas de ontem, quando as tropas da Tanzania obrigaram as ugandesas a bater em retirada. Morreram quatro soldados da Tanzania, entre os quais Hans Poppe, que comandava a polícia regional. Hans Poppe, filho de pai alemão, seria o «coronel chinês» cuja morte foi anunciada pelo presidente ugandês o general Amin. Muitos feridos foram transportados para o hospital.

Por outro lado, o governo de Dar-es-Salaam anunciou que um tanque ugandêss foi destruído durante os combates.

As forças da Tanzania continuam reunidas ao longo da fronteira. O jornal governamental «Standard» escreve hoje que as forças do país defenderão a pátria até á ultima gota de sangue. «Se as tropas do general Amin fizerem uma segunda incursão no nosso território», escreve o «Standard», «serão bem recebidas».

«DISCO VOADOR» EM ESPANHA

ZAMORA, 26 — (F. P.) — Um objecto voador não identificado foi avistado por um motorista de táxi, quando circulava de noite na região de Zamora.

O motorista afirmou ter avistado á sua frente, quando seguia por uma estrada, um «disco voador» de cerca de metro e meio de diâmetro, parado no ar. O engenho, que emitia uma claridade amarela intensa, pousou na estrada a poucos metros dele. O motor do automóvel parou então, misteriosamente. O engenho desconhecido elevou-se depois, suavemente, na vertical, e desapareceu por detrás de uma fila de árvores.

Vários habitantes da região dizem também que viram o objecto a deslocar-se a pouca altura das árvores.

O CORONEL BANZER, novo «homem forte» da Bolívia, e Andrés Salich, partidário da linha «extradura»

CAMPANHA DE REPRESSÃO ANUNCIADA NA BOLÍVIA

LA PAZ, 26. — (A. N. I. e F. P.) — Reinava ontem um vivo sentimento de inquietação nos meios opostos ao governo nacionalista do coronel Hugo Banzer, depois de ter sido anunciada uma vasta campanha de repressão dirigida contra os elementos da esquerda, fiéis ao regime do general Juan José Torres. Os tiros ouvidos ontem nos arredores da capital foram atribuídos nestes meios a uma «razia» desencadeada pelo Governo na perseguição de dirigentes políticos, sindicais e estudantes, que se escondem enquanto esperam poder deixar o país, para se refugiarem no Peru ou no Chile.

A inquietação aumentou ainda mais á noite, quando se soube que tinham sido presos vários jornalistas por simpatizarem com o regime derrubado.

Circulam em La Paz os boatos mais contraditórios. Afirma-se nomeadamente que Juan Lechin, o dirigente mineiro, deixou o país escondido num caixão.

Os dirigentes políticos do regime precedente estão particularmente inquietos com a presença no Ministério do Interior do coronel Andres Salich, ex-chefe dos «Rangers», que seguiu cursos de luta antiguerrilha no Panamá e é considerado como um partidário da linha «extra-dura».

Entretanto, reina no país a calma mais completa. Em La Paz, as actividades recomeçaram ontem normalmente. Os mineiros — a grande preocupação do Governo — recomeçaram o trabalho sem incidentes, o que aliviou muito os chefes da revolução nacionalista. Além disso, a greve geral decidida pelos dirigentes operários — agora na clandestinidade — não foi observada. Um dirigente sindical afirmou que os comerciantes e os trabalhadores não teriam suportado por mais tempo uma paralisia que os teria levado á desgraça.

Por outro lado o Ministério dos Negócios Estrangeiros anunciou que os governos do Peru, da Venezuela, do Paraguai e do Brasil reconheceram o novo Governo boliviano, seguindo o exemplo da Argentina e do Uruguai.

A Cunard foi comprada

LONDRES, 26 — (FP) — A companhia de navegação Cunard passou oficialmente ontem para o domínio da sociedade imobiliária Trafalgar House Investment, depois de uma oferta publica de compra.

A Trafalgar House Investment procedeu imediatamente a uma reorganização do conselho de administração da companhia. O presidente director-geral «Sir» Basil Smallpiece, cedeu o lugar a Victor Matthews, até agora director-geral da Trafalgar House. «Sir» Basil entra para o conselho de administração da companhia-mãe.

O PRIMEIRO HOMEM NA LUA TORNA-SE PROFESSOR

WASHINGTON, 26 — (A. N. I.) — Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar a Lua, declarou ontem que vai deixar a agência espacial norte-americana, por um emprego de professor e investigador na Universidade de Cincinnati.

Armstrong, de 41 anos, afirmou numa conferência de Imprensa que a sua partida da NASA se fazia sem azedume ou desilusão. Mas — acrescentou — só outro voo espacial poderia conservá-lo lá e isso é impossível.

CHAPLIN É AVÔ

MONTPELLIER, 26 — (FP) — Victoria, uma das filhas de Charlie Chaplin, deu á luz, ontem, uma menina, numa clínica desta cidade

Victória Chaplin é mulher de Jean-Baptiste Thierree, director do Circo Bonjour, em «tournés» no departamento de La Loezre, depois de ter participado no Festival de Avignon.

À GESTETNER, LDA.
CASA PAPPÁMIKAIL, LDA.

ANAPAL – Companhia de Importação e Exportação, Lda.

RUA APRÍGIO MAFRA, N.º 5

Informam os seus estimados clientes que além dos telefones já existentes, 72 50 82 - 3 - 4 - 5 — passam a ser servidos com mais os seguintes telefones 71 94 17 - 18 - 19 - 20.

As Luas de Júpiter idênticas à da Terra

LENINEGRADO, 26—(R.) — Mapas topográficos das chamadas «Luas de Galileu» — os quatro principais satélites de Jupiter foram elaborados por dois cientistas soviéticos.

No seu trabalho, os dois cientistas reuniram todos os elementos até agora recolhidos por astrónomos soviéticos e estrangeiros mas suas observações — disse a agência Tass.

Essas quatro Luas apresentam características semelhantes ao satélite da Terra, segundo pensam os cientistas soviéticos. O seu tamanho é comparável ao da Lua e tal como esta apresentam sempre a mesma face virada para o planeta.

Exames espectrográficos dos satélites mostram que a sua superfície está coberta de montanhas, com fundas depressões entre elas.

Ao contrário do que sucede na Lua, essas depressões contêm gelo e neve, á mistura com poeiras cósmicas. Os dois cientistas conseguiram também assinalar nos quatro satélites de Jupiter sinais de uma atmosfera.

OFENSIVA DO VIETCONG ANTES DAS ELEIÇÕES

SAIGÃO, 26 — (ANI e R) — Os comunistas fizeram ir pelos ares parte de um dos maiores depósitos de munições no Vietnam do Sul e bombardearam ontem mais cinco bases americanas. Um informador militar declarou que se deve considerar este ataque a abertura da já prevista grande ofensiva do Vietcong antes das eleições do Vietnam do Sul.

Explosões provocadas pelos comunistas que se infiltraram na região verificaram-se no depósito de munições da baia de Cam Ranh, instalação dos Estados Unidos, numa península a 300 quilómetros a nordeste de Saigão. Durante 13 horas, explodiram pilhas de bombas, de «napalm», de granadas de artilharia e de munições de armas individuais.

Cinco guardas da Força Aérea ficaram feridos por estilhaços de granadas das primeiras explosões que eram ouvidas mesmo em Nha Trang, a 35 quilómetros.

O reconhecimento aéreo do paiol, depois das explosões, indica que ficaram destruídas 25 a 50 por cento das instalações.

Em Saigão, polícias sul-vietnamitas dispersaram á bastonada um comício eleitoral que se realizava hoje perto do edifício da Assembleia Nacional e prenderam um candidato oposicionista ás eleições parlamentares do próximo domingo.

O candidato preso é Tran Tuan Hham, que tinha organizado o comício para protestar contra a confiscação dos seus cartazes de propaganda eleitoral.

Testemunhas oculares disseram que o candidato oposicionista foi violentamente espancado pela polícia, antes de ser levado num carro celular.

Antes da intervenção da polícia, Tran Tuan Nham tinha dito aos seus partidários que as eleições de domingo deviam ser canceladas e acusou o presidente Van Thieu de manipular os resultados.

«Comandos» destruíram dois helicópteros filipinos

MANILA, 26 — (F. P.) — «Comandos» comunistas destruíram dois helicópteros da Força Aérea filipina, com granadas de mão esta madrugada, no seu primeiro ataque de estilo vietcong—anunciam os funcionários do Governo.

Os atacantes, identificados como membros do novo Exército Popular Maoista, feriram um sargento da polícia e fugiram depois de um tiroteio de dez minutos, travado com as tropas governamentais, num posto de um comando militar na província de Isabela, a 298 quilómetros a nordeste de Manila.

Foi o primeiro ataque directo contra as forças governamentais desde o apogeu da rebelião comunista Huk Balahap no princípio de 1950, e o mais recente numa série de ataques terroristas desde sábado quando o presidente Ferdinando Marcos proclamou o estado de emergência.

DESFILE DAS FEMINISTAS

(Continuação da 1.ª página)

crição «Avenida Dolly Madison», em homenagem á mulher do presidente.

A Bolsa de Nova York e alguns bancos também serão alvo das atenções das militantes, devido á sua política discriminatória, que consiste em darem preferência a empregados masculinos.

DIA DOS DIREITOS DA MULHER

O «mayor» John Lindsay, cuja bela figura não impressiona as militantes femininas, poderá ser também alvo dos seus ataques.

No princípio da semana, elas acusaram-no de praticar discriminação contra as mulheres, citando a ausência de empregadas superiores na administração do município.

Comentando a notícia de que Lindsay tenciona proclamar em Nova York o dia 26 de Agosto como o Dia dos Direitos da Mulher, uma dirigente feminista disse: «Ficaríamos muito mais contentes se o «mayor» anunciasse, em vez disso, que tinha nomeado uma mulher para o cargo de vice-presidente da Câmara».

No ano passado, cerca de 25 000 mulheres e alguns simpatizantes masculinos tomaram parte na manifestação da Quinta Avenida, que assinalou o cinquentenário do direito de voto das mulheres americanas.

Nessa manifestação, as mulheres salientaram que, embora possuindo em teoria direitos iguais aos do homem, a sua situação, na prática, deixava muito a desejar.

Primeira visita de um soberano holandês à Indonésia

DJAKARTA, 26 — (FP e R) — A rainha Juliana chegou hoje a Djakarta, para a primeira visita até hoje realizada por um soberano holandês a esta antiga colónia da Holanda.

Acompanhada por seu marido, o príncipe Bernardo, a rainha foi aclamada pela multidão, ao descer do avião especial no aeroporto de Djakarta, onde era esperada pelo presidente Suharto, que lhe ofereceu orquídeas.

As autoridades da Indonésia vão libertar 6000 prisioneiros que se supôs serem comunistas, segundo as declarações feitas pelo ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, a um semanário holandês, de que a Imprensa de Djakarta dá hoje conta.

Estes 6000 prisioneiros seriam libertados daqui até ao fim do mês de Setembro e, segundo Malik, ficariam ainda presas 39 000 pessoas, das quais 16 000 poderiam, por seu turno, ser libertadas antes do fim do ano.

Tecnocratas no novo governo da Grécia

ATENAS, 26.— (F. P.) — O primeiro-ministro Georges Papadopoulos constituiu oficialmente esta manhã um novo Governo, de 38 membros, incluindo 20 secretários de Estado.

Entram para o Governo 18 novas personalidades, na sua maior parte «tecnocratas», professores, arquitectos e altos funcionários.

O primeiro-ministro sobraça as pastas dos Negócios Estrangeiros e da Defesa Nacional.

Os dois vice-presidentes do Conselho são o antigo general Stylianos Pattakos e o antigo coronel Makaresos, mas não têm competência administrativa especial, e os ministérios da Economia e do Interior são confiados a tecnocratas.

James Reston deixou a China

HONG-KONG, 26 — (ANI) — James Reston, vice-presidente e colunista do «New York Times», atravessou hoje a fronteira de Hong Kong, depois de uma visita de sete semanas á China Continental.

Reston, acompanhado de sua esposa, iniciou a visita á China Continental no dia 8 de Julho. Originalmente, o casal Reston tinha planeado permanecer na China três semanas, mas como o jornalista teve de ser submetido a uma operação de urgência á apendicite, num hospital de Pequim, foi forçado a ficar mais quatro semanas.

O chefe do governo, da China Continental, Chu En Lai, teve uma longa conversa com Reston.

VIAGENS AO BRASIL

COM 27% DE DESCONTO

Ida e Volta de Lisboa para:	Preço Normal	Novas tarifas * excursão com taxa incluida
Rio de Janeiro	21.398$30	15.625$10
São Paulo	21.990$50	16.057$70
Recife	19.611$20	14.317$00
Brasília	21.398$30	15.625$10
Belo Horizonte	21.398$30	15.625$10
Porto Alegre	23.185$30	16.928$10

Em vigor desde 15 de Setembro até 15 de Abril de 1972, as nossas tarifas de classe económica para o Brasil oferecem uma redução de 27 %.
Isto significa que a sua oportunidade de realizar a viagem que sempre imaginou, foi aumentada exactamente nessa proporção: 27 %.
Essas condições são válidas para portugueses ou brasileiros com Carteira de Residência em Portugal.

* *As condições especiais relativas às novas* ***TARIFAS DE EXCURSÃO*** *serão reconhecidas na sua Agência de Viagens IATA ou na VARIG.*

VARIG Linhas Aéreas Brasileiras

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ATLETISMO INTERNACIONAL

A selecção nacional parte amanhã para Marrocos

No sábado e no domingo, disputar-se-á, em Rabat (Marrocos), o V Marrocos- Portugal, competição que tem interesse certo, apesar dos portugueses nunca terem perdido qualquer dos anteriores encontros e que até o ano passado, no parque da F. N. A. T. os lusitanos venceram pela maior diferença de sempre — 37 pontos.

Sabe-se que o atletismo marroquino, que tem tido algum contacto internacional, subiu de nível, principalmente nalgumas disciplinas, como sejam os 100 metros, 200 metros, comprimento, 1500 metros, 400 metros e 800 metros.

No confronto geral, temos, portanto, algumas boas vantagens, sendo assim de esperar que o embate não seja desairoso para as cores portuguesas, apesar da deslocação a Rabat, sempre difícil.

É certo que alguns dos seleccionados portugueses, caíram repentinamente de forma, mas, o brio e a voluntariedade dos lusitanos, é factor ainda a pesar na balança para apuramento final.

O ano passado a força lusitana incidiu nas seguintes disciplinas: 110 m. barr., martelo, dardo, 3000 m. obst., 5000 m., 400 m. barr., peso, triplo, disco, vara e 10 000 metros.

Alguns dos atletas seleccionados já enfrentaram os marroquinos, casos, por exemplo, de: Morujo Julio, Alberto Matos, Joaquim Serra, Américo Barros, Abreu Matos, José Pina, Carlos Lopes, etc. Todavia, outros vão receber o seu baptismo: António Vermelhudo, Joaquim Peralta, Tavares da Silva, Luís Reis, Matos Santos e Fernando Reis.

A digressão portuguesa pode dizer-se que não é fácil, apesar de em teoria termos uma capacidade mais firme (principalmente em profundidade). Não esqueçamos que o triunfo do ano passado (o mais pronunciado) teve alguns pontos fracos, principalmente, no desdobramento das «pedras» da equipa pelas vinte disciplinas do programa.

Para as provas femininas integradas neste encontro, mas que não constituem o encontro formal entre os dois países, a Federação faz deslocar as seguintes atletas: (do Benfica) — Manuela Simões, Umbelina Nunes, Fátima Fernandes; (da Cuf) — Julia Mollinedo — (Sporting) — Isolina Pinhel, Céu Lopes, Eulália Mendes, Fernanda Fátima e Dominique Daupias; (do F. C. Porto) — Isolina Pinhel.

Quanto aos atletas seleccionados, a sua divisão por clubes é a seguinte: (Sporting) — Alberto Matos, Américo Barros, Tavares Alves, José Carvalho, Santinho das Neves, Carlos Alfredo, Perioles Pinto, Rui de Oliveira, Fernando Mamede, José Pina, Carlos Lopes, Armando Aldegalega, Raposo Borges, Joaquim Serra, Carlos Sustelo, José Pedroso, Julio Fernandes, Matos Santos, Carlos Cabral e Morujo Julio.

Do (Benfica) — Abreu Matos, José Luís Fernandes, Fonseca e Silva, Mena Antunes, Carlos Tavares, Tavares da Silva, Luís Reis e Fernando Reis.

Do (C. D. U. L.) — Lamy Fontoura e Eduardo Manso.

Do (Belenenses) — António Vermelhudo.

A título de curiosidade damos a seguir os «records» do encontro:

Umbelina Nunes: indiscutível

«RECORDS» DO ENCONTRO

100 m. — El Mech (M.) 10,5 s (1968).
200 m. — Chokhame (M.), 21,7 s (1970).
400 m. — Barceló (P.), 48.2 s (1968).
800 m. — Haddon (M.), 1 m 51,5 s (1968).
1500 m. — M. Júlio (P.), 3 m 49 s (1970).
5000 m. — M. Oliveira (P.), 14 m 15,4 s (1968).
10 000 m. — A. Pinto (P.), 29 m 57,6 s (1969).
110 barr. — A. Matos (P.), 14,4 s (1970).
400 barr. — A. Matos (P.), 53,9 s (1970).
3000 obst. — C. Tavares (P.), 8 m 56,6 s (1968).
Altura — Rijali (M.), 1,93 m. (1970).
Comprimento — Talbi (M.), 7,13 m. (1970).
Triplo — J. Fernandes (P.), 14,93 m. (1967).
Vara — J. Serra (P.), 4,10 m (1970).
Peso — Akka (M.), 16,45 m. (1968).
Disco — M. Goulão (P.), 45,28 m. (1967).
Martelo — C. Sustelo (P.), 58,64 m. (1969).
Dardo — A. Neves (P.), 64,58 m. (1967).
4x100 m — Portugal 41 m e 9 s (1970).
4x400 m. — Portugal 3 m 16,4 s (1968).

FAÇA ATLETISMO

A secção de atletismo do Belenenses organiza, no próximo domingo, 29 do corrente, às 10 horas, no Estádio Almirante Américo Thomaz, um torneio de captação de novos atletas destinado a sócios e simpatizantes.

HÓQUEI EM CAMPO

A secção de hóquei em campo do Hockey Club de Portugal pede a comparência de todos os associados e simpatizantes que queiram representar o Clube, na próxima época, no Campo do CIF (em Telheiras, Campo Grande) pelas 10 horas do próximo domingo, dia 29, para treinos de apuramento.

Por causa do desvario do público

A Federação de hóquei pede desculpa à Espanha

A Federação Portuguesa de Hóquei em Patins entregou na Embaixada de Espanha em Portugal a seguinte carta:

«Excelência:

«A Direcção da Federação Portuguesa de Patinagem, reunida extraordinàriamente em face do inqualificável, reprovável e triste espectáculo que ocorreu, sábado, á noite, dia 21, no Pavilhão dos Desportos da Luz, em que a loucura e paixões desmedidas atraiçoaram o ideal desportivo, vem perante V. Ex.ª expressar o seu vivo repúdio pelos factos ocorridos e solicitar de V. Ex.ª o subido favor de transmitir ás diversas entidades desportivas de Espanha, que vai proceder o mais rigorosamente que lhe for possível contra os responsáveis pelos desacatos verificados.

«Aproveita esta Direcção o ensejo para, em nome de todos os verdadeiros desportistas portugueses, apresentar as desculpas aos desportistas espanhóis, pelos incidentes que um grupo de irresponsáveis teimaram levar a efeito, desvirtuando, não só a honra e o ideal do desporto, como também olvidando momentâneamente os naturais laços de amizade e afinidade que unem os dois países irmãos.

O FUTEBOL É ASSUNTO

O VITÓRIA EM SEUL

O Vitória de Setubal inicia hoje, com um jogo em Seul (Coreia) a sua «tournée» oriental. Todos os elementos que fizeram a viagem estão em boa condição física e José Maria Pedroto deve apresentar a equipa mais representativa, já com Torres e Praia integrados nas hostes sadinas.

Em Teerão, amanhã: embate entre o Tas Sport Club e a Associação Académica de Coimbra.

Equipa da Académica para a estreia na Pérsia: Melo; Feliz, Alhinho, Belo e Araújo; Gervásio, Vítor Campos e Mário Campos; Aquas, Manuel António e Serafim.

●

O sorteio do Campeonato Nacional de Futebol sofre as primeiras alterações. Logo na ronda inicial, são antecipadas três partidas: F. C. Porto-Farense, Vitória de Setubal-Tirsense e Benfica-Atlético, que vão disputar-se na noite de sábado, 11 de Setembro.

●

O Standard de Liége conquistou, a noite passada, o primeiro «Troféu de Futebol da Cidade de Bilbau», ao vencer (por meio da concretização de grandes penalidades) o outro finalista — o Dinamo de Moscovo. O jogo terminou empatado, sem qualquer das equipas marcar golos. Recorreu-se, então, ás grandes penalidades. Os belgas concretizaram 4 e os russos 3 das cinco grandes penalidades que cada equipa marcou.

●

Inesperadamente, o Sporting já não joga na Corunha. Quando a comitiva de Alvalade estava a almoçar na Mealhada, veio a ordem: tudo para trás.

Razões: parece que há duas. Primeira: a Federação Espanhola não tinha ainda autorizado o encontro entre o Desportivo da Corunha e os portugueses. Segunda: o Ayuntamiento mandara retirar as torres de iluminação do Estádio do Riazor.

De qualquer modo: quebra de compromisso. Provocada, realmente, porquê?

●

Dispensado o irrequieto «Pingo», o Belenenses continua mergulhado no mercado futebolístico do outro lado do Atlântico. Nomes quase certos no «plantel» do Restelo: o angolano Carlos Jorge (do Flamengo) e Luís Carlos (do Santos).

●

Os «azuis» efectuam mais dois jogos em Espanha: no dia 28, em Granada; no dia 30, em Badajoz.

●

Em New Bedford, o misto do Benfica goleou a selecção de Nova Inglaterra: conseguiu 14 tentos sem resposta, por intermédio de Jordão (7!), Carlos Pereira (1), Toni (2), Sarmento (2) e Diamantino (2).

A equipa:

Fidalgo (Abrantes), Eurico, Barros, Messias e Franque; Toni, Matine e Diamantino; Sarmento (Pedroto), Jordão e Carlos Pereira (João Alves).

●

O Sporting (juniores - juvenis) venceu (por 2-1) o Verdun-United (do Canadá).

●

Luís Pinto regressou ao Tirsense.

Toni: força no meio-campo

Alhinho: segurança na defesa

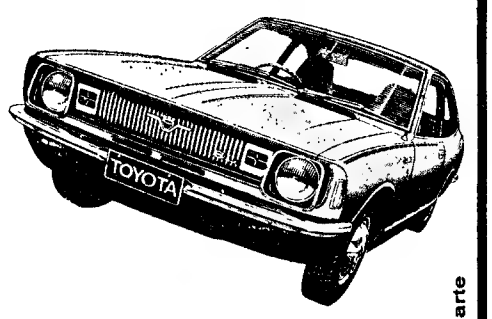
Pelé: magnânimo

AMNISTIA NA VENEZUELA A PEDIDO DE PELÉ

CARACAS, 26 — (FP) — Pelé recebeu a noite passada uma homenagem da Federação Venezuelana de Futebol, que lhe entregou uma medalha em ouro comemorativa dos 45 anos desta federação.

A medalha foi-lhe ofertada pelo presidente da F.V.F. Asdrubal Olivares, momentos antes de começar o jogo particular entre o Santos (Brasil) e o Boca Juniores (Argentina).

A pedido de Pelé, a F.V.F. concedeu uma amnistia geral a todos os jogadores venezuelanos que se encontravam a cumprir penas de suspensão.

AGORA TOYOTAS
À VENDA NO STAND
À VENDA NO STAND
À VENDA NO STAND
À VENDA NO STAND
À VENDA NO STAND
À VENDA NO STAND
MELISAUTO
dias 26 e 27 aberto até às 24h
R. PINHEIRO CHAGAS, 101-B
TEL 562348 LISBOA


sonarte

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O BENFICA EM ITÁLIA

DEZ GOLOS EM TRÊS JOGOS NA TERRA DO «CATENÁCCIO»

A «campanha italiana» do Benfica terminou como começara: com uma vitória concludente (4-2 contra o Atalanta, da I Divisão de Itália) e uma daquelas exibições que não se esquecem. E pronto. Regresso da comitiva benfiquista á Península, mais exactamente a Sevilha, mais precisamente ali ao pé, o Porto de Santa Maria — onde chegará no fim da tarde de hoje para início da «campanha espanhola». Entretanto, as credenciais e as responsabilidades da equipa da Luz aumentaram com a velocidade relampago, fazendo prever um crescendo de dificuldades para os próximos jogos. Parte do preço pelo qual a fama é paga.

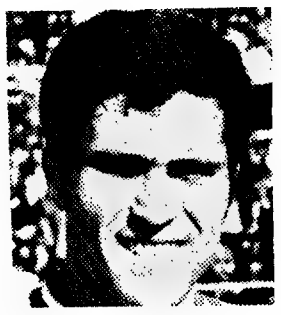
ONTEM, EM BÉRGAMO, 4-2 AO ATALANTA

Pois o Atalanta entrou para o Stadio Comunale, de Bérgamo, disposto a travar a carreira vitoriosa dos campeões portugueses — numa espécie de tentativa para salvar a honra do convento. E nem o facto do Benfica haver inaugurado o marcador logo no minuto inicial abrandou o impeto dos transalpinos, que restabeleceram a igualdade três minutos depois — para, cerca de meia hora de jogo, passarem á situação de vencedores.

...E o mal foi isso. É que os benfiquistas sentiram o perigo, o duplo perigo representado pelo éxito aparente e pela acutilancia do adversário — e resolveram ir para a frente com a pressa de quem está atrasado.

Nos dois minutos seguintes, dois golos. Afirmação extraordinária de capacidade concretizadora por parte de um «onze» que efectivamente a possui. De vencidos a vencedores.

Mas faltava ainda o «tal» golo chamado da confirmação e (ou) da tranquilidade. Golo que veio ainda na primeira parte. Golo que proporcionou ensejo para, no segundo tempo, o Benfica jogar para mostrar que jogava — lembrando-se, ao mesmo tempo, que a seguir ia para Espanha jogar mais. Foi uma segunda parte sem golos, é certo, mas de cunho exibicional elevado. É que o Benfica, em Itália, pôde dar lição de futebol de ataque — e de tal modo o fez que os adeptos transalpinos terão ficado a pensar que afinal - isso - do - «catenaccio»...



Vítor Baptista. A sua inclusão na equipa trouxe ao ataque benfiquista um reforço notável de capacidade ofensiva. Ontem, frente ao Atalanta, ele marcou dois golos e cotou-se como um dos melhores jogadores sobre o relvado

AS EQUIPAS E OS GOLOS

ATALANTA — Pianta; Savoia, Divina, Vavassori e Blanchi (Lioncini); Cozani (Valdinoci), Pirola e Moro; Saco, Magistrelli e Leonardi (Doldi) e ainda Donina.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Rui Rodrigues e Artur; Jaime Graça, Eusébio e Simões (Zeca); Nené, Artur Jorge (Nhabola) e Vítor Baptista.

Os golos:

Zero-um, no minuto inicial. Infiltração de Nené pela direita, Artur Jorge a simular e a deixar seguir o esférico para **Vítor Baptista** — que rematou com conta e êxito.

Um-um. Aos quatro minutos. Livre contra o Benfica, junto da linha-limite da grande área. Bianchi, o marcador, passou a bola a **Pinolla** e remate deste era dos tais que não tinham defesa.

Dois-um. Novo golo italiano aos 30 minutos. Incursão do ataque italiano excelentemente finalizado por **Magistrelli** e sem quaisquer hipóteses para José Henrique.

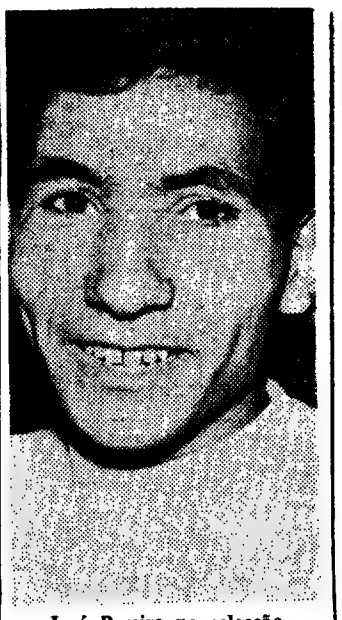
Dois-dois no minuto seguinte. Toma-la-dá-cá entre Eusébio, Artur Jorge e **Vítor Baptista,** com remate final deste ultimo.

Dois-três. Um minuto mais tarde. Simões com a bola a servir **Eusébio** — que penetrou, rematou e fez golo.

Dois-quatro. A dois minutos do termo da primeira parte. centro de Malta da Silva e remate (magnífico) de **Artur Jorge** — que, de cabeça, fez passar a bola fora do alcance do guardião Pianti.

*

A arbitragem de Cesare Gussoni não agradou. É certo que não influiu no desfecho da partida — mas não correspondeu, em valor positivo, ao labor das duas equipas.



José Pereira na selecção

FLÁVIO
FINALMENTE FECHOU

Ponto final. O período é de dois anos. O sujeito (que não da oração, mas Flávio) recebe 1400 contos e cabe ao Fluminense o complemento directo de 3000 contos.

Flávio deverá estar em Portugal no princípio do próximo mês. Afirma satisfação, por ter-se concretizado a sua entrada para o F. C. Porto e promete jogar e marcar.

Cumprirá? Isso está nos seus (dele) pés... e cabeça.

O «Mundial» de Ciclismo

Estágio na Mealhada para alguns seleccionados

Na Mealhada (Restaurante Oásis) prossegue o estágio da selecção nacional de ciclismo, escolhida por Ivo Neves. Os ciclistas, concentrados sob as ordens de Alves Barbosa, efectuam hoje um treino na distância de 170 quilómetros, em percurso muito semelhante ao de Mendrisio (Suiça), onde se disputará o campeonato mundial.

Encontram-se a estagiar os benfiquistas Fernando Mendes, João Pinhal e Manuel Correia, o portista José Pacheco, o sportinguista Vítor Rocha, o sangalhense Venceslau Fernandes e a «dupla» José Moreira-José Pereira (da Coelima).

Amanhã, o treino será apenas de 70 quilómetros.

Os ciclistas regressam no sábado aos seus clubes. Domingo, já na companhia de Joaquim Agostinho e Firmino Bernardino (os sportinguistas que não se encontram em estágio, mas já estão definitivamente seleccionados) participam nas «12 Voltas a Gafa», no Bombarral.

O estágio definitivo — até á partida para a Suiça — realiza-se no Jamor. A viagem a Mendrisio apenas será proporcionada a 7 ciclistas.

Portugal no «Europeu» de futebo júnior

ARMADILHAS NO CAMINHO: A SUÍÇA E A BÉLGICA

VIENA, 26 — (A. N. I.) — Trinta equipas inscreveram-se nos campeonatos europeus de juniores que se disputam em Espanha de dez a vinte e um de Maio de 1972.

A comissão de juvenis da U. E. F. A., presidida por Karl Zimmermann, da Alemanha Federal, efectuou o sorteio na sede da Federação Austríaca de Futebol e, para a fase final, ficaram já qualificadas dez equipas: Espanha, na qualidade de país organizador do torneio, a Inglaterra, detentora do título, e os segundos classificados de cada grupo do último torneio — França, Itália, Malta, Holanda, Noruega, Roménia, Escócia e Hungria.

As outras seis equipas que participam na fase final sairão destes doze grupos: Bélgica (isenta), Suíça-Portugal, Alemanha Oriental (isenta). Finlandia-Polónia, País de Gales (isenta), Islandia-Republica da Irlanda, Bulgária-Grécia, Russia (isenta), Dinamarca - Luxemburgo, Suécia-Alemanha Federal, Jugoslávia - Turquia e Austria-Checoslováquia.

Estes jogos têm de ser disputados até trinta de Novembro.

Os vencedores disputam depois entre si e os países isentos o direito de se qualificarem para a final.

O sorteio agrupou deste modo as selecções: Bélgica — Vencedora do encontro Suiça-Portugal.

Alemanha Oriental — Vencedora da Finlandia-Polónia.

País de Gales — vencedora de Irlanda - República da Irlanda.

Russia — vencedora de Bulgária-Grécia.

Dinamarca ou Luxemburgo-Suécia ou Alemanha Federal.

Jugoslávia ou Turquia — Austria ou Checoslováquia.

Estes jogos têm de estar concluídos até ao dia 10 de Abril.

A «comissão de futebol profissional» da U.E.F.A. debateu alterações ás regras, em especial a contagem dos pontos nos jogos de campeonato e a regra do fora-de-jogo.

Relativamente à contagem dos pontos foi sugerido que uma vitória fora de casa contasse três pontos em vez de dois.

«RECORDS» DE NATAÇÃO

HOUSTON, 26 — (R.) — O americano Tom McBreen estabeleceu a noite passada um novo máximo mundial de 4 minutos e 02,18 segundos na final dos 400 metros estilo livre, ao prosseguirem nesta cidade os campeonatos nacionais de natação dos Estados Unidos.

O «record» anterior (de 4 minutos e 02,6 segundos) pertencia ao sueco Gunnar Larsson, que ficou em segundo lugar na final de ontem á noite.

● **O nadador Mark Spitz estabeleceu novo «record» do Mundo dos 100 m mariposa, com o tempo de 55 s, fazendo, assim, menos 6/10 de segundo do que há três anos.**

PUGILISMO

Carlos Monzon: 3 combates entre Setembro e Fevereiro

BUENOS AIRES, 26 — (A.N.I.) — O pugilista argentino Carlos Monzon, campeão mundial dos «médios», resolveu combater com o sul-africano Pierre Fomie, em Joanesburgo, em Janeiro ou Fevereiro — anunciou o seu empresário, Juan Carlos Lectome.

O contrato já foi assinado, mas o combate só se efectuará se Monzon mantiver o título no combate que vai disputar a 25 de Setembro, com o norte-americano Emile Grifith, no Luna Park de Buenos Aires.

O empresário Lectome disse também que Monzon vai combater em Buenos Aires, em Novembro, contra o venezuelano Vicente Paul Rondon, num prélio que não conta para o título.

XADREZ

CORDOVIL: 3 VITÓRIAS

BARCELONA, 26 (A. N. I.) — Terceira vitória consecutiva averbou o antigo campeão de Portugal, João Cordovil, no torneio internacional aberto de xadrez, organizado pelo Clube de Berga.

Cordovil soma 3 pontos, em cinco jornadas.

TOTOBOLA: 1.º CONCURSO

Programado já, o primeiro concurso da nova época totobolística (11.º) a iniciar em 12 do próximo mês. É assim:

Porto-Farense
Belenenses-Sporting
Cuf-Académica
Setubal-Tirsense
Guimarães-Boavista
Alba-Espinho
Gouveia-Penafiel
U. Lamas-Riopele
Torriense-U. Tomar
Oriental-Montijo
Sesimbra-Olhanense
T. Novas-Tramagal
Sintrense-Peniche

ARQUIVO

● O Áustria F. C. qualificou-se para a primeira eliminatória da Taça dos Vencedores das Taças ao vencer o Odense, da Dinamarca, por 2-0, perante 8000 espectadores. Os dois golos foram marcados na primeira parte.

Na primeira «mão» ganhara o Odense por 4-2, e o Áustria classificou-se devido á regra de valerem mais os golos marcados fora.

Agora, os marcadores foram Foka, aos vinte minutos, e Koeglberger, aos quarenta.

Em Hennef, na Alemanha, estão a formar-se treinadores africanos de futebol. Eis Phillip Ndoo, campeão de 10 000 metros, mostrando as suas aptidões para o posto de guarda-redes

AQUI E EM TODA A PARTE

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

EM APLICAR OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ADQUIRINDO APARTAMENTOS MOBILADOS

PREÇOS E LOCAIS

REBOLEIRA — AMADORA

Apartamentos	mobilados	desde	150	contos
Andares 3 div.	ass.	.....	300	»
» 4 »	»	.....	370	»
» 5 »	»	.....	420	»

PAÇO DE ARCOS

Apartamentos	mobilados	desde	170	contos
Andares 3 div.	ass.	.....	370	»
» 4 »	»	.....	410	»
» 5 »	»	.....	480	»
» 6 »	»	.....	520	»

CASCAIS

Apartamentos	mobilados	desde	300	contos
Andares 3 div.	ass.	.....	550	»
» 4 »	»	.....	700	»
» 6 »	»	.....	1100	»

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

P. Marquês de Pombal, 15-Telfs. 45843-47843-Lisboa

JP 20

Ministério da Saúde e Assistência

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concursos para o ano de 1971

CAMAS ESPECIAIS P/ O SERVIÇO DE NEUROLOGIA E SERV. DE ORTOPEDIA
— Conc Publico n.º 62/71

CAMAS ARTICULADAS
— Conc. Publico n 63/71

CADEIRAS DE RODAS
— Conc. Publico n 64/71

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 ás 12,30 horas), na Secretaria do SERVIÇO DE AQUISIÇÕES.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 23 de Agosto de 1971.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

Ministério da Saúde e Assistência

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

Grupo III — Concurso para reparação da estufa da lavandaria e canalizações de vapor.

Até ás 17,30 horas, do dia 8 do próximo mês de Setembro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17 30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra ás 13.30, as condições para o concurso em referência.

Lisboa, em 24 de Agosto de 1971.

O CHEFE DO SERVIÇO

...o Sa...de Lisboa

	Efec	Compra	Venda
Consolidado 3/4%	450$	—	450$
Consolidado 3%	463$	—	463$
Consolidado 3 1/2%	580$	—	580$
Centenario 3%	1.317$	1.317$	—
Obrigs Tesouro 6%	1.000$	—	1.000$
Externo 1ª Série	—	580$	—
Externo 2ª Série	590$	590$	595$
Externo 3ª Série	—	—	—
Externo 3ª Série C	—	740$	—
Cautelas 2ª Série	—	60$	70$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	863$	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	840$	—
C P 5 1/2% 67	—	950$	970$
C U F 6%	—	950$	—
C U F 6% 68	—	—	970$
Gás Elect 4% 48	—	850$	870$
Gas Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gas Elect 5% 57	—	875$	—
Gás Elect 5% 58	840$	840$	—
Gas Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 61	—	961$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	970$
Gas Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	750$	—
H E Cávado 6%	—	970$	—
H E Douro 5%	—	750$	760$
H E Douro 6%	—	—	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	950$	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	935$	—
Moçambique 5%	—	550$	600$
Nac Elect 5%	—	755$	—
Nitratos 4%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	740$	—
Petroquimica 5%	—	850$	—
Port Celu 5%	—	—	—
Saco 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 1.ª	—	750$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	750$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	750$	—
Sonefa 5%	—	800$	—
T A P 4%	—	910$	—
Termoelec Port 5%	—	—	750$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	92$5
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	76$	75$5	—
U E P 5% 60	—	40$	—
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Ag a Tame e Principe	—	—	903$
Boror	—	—	—
Buz	71$5	71$	72$
Cabinda	—	172$	—
Diamante, Angola	1.970$	960$	980$
H E Revue	600$	600$	—
Ilha do Principe	570$	550$	—
Moçambique	179$	178$	80$
Sonefe n	380$	380$	390$
Sonefe p	390$	390$	400$
Zambézia	69$	68$	69$5
Diversos			
Cidla	6.900$	6.850$	6.900$
Cim Leiria	—	4.000$	4.300$
Cim Tejo	—	—	9.000$
Co Navegação	—	480$	490$
C U F	1.570$	560$	1.580$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.600$	3.700$
Petroquimica	1.200$	1.170$	1.190$
Port e Colónias	1.030$	1.025$	1.040$
Port Celulose	—	3.750$	3.900$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	590$	585$	595$
Saco	—	3.900$	—
Siderurgia Nac	2.410$	2.405$	2.420$
Socel	3.410$	3.400$	3.420$
Tabacos de Portugal	1.500$	1.500$	1.520$
Tabaqueira	—	6.100$	6.150$
U C Azote	—	650$	660$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P E	1.125$	1.124$	1.126$
C P E nom	1.109$	1.108$	1.110$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beira	—	—	680$
Gas Electr	371$	37 $	371$5
H E Alto Alentejo	184$	184$	184$5
H E Norte Portugal	236$	236$	238$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E	195$5	195$	96$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	197$5	203$4
FIDES	—	123$6	127$3
TAP	—	1.400$	1.460$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7

Teleg ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	4.180$	4.180$	4.185$
Alentejo	1.240$	1.240$	1.245$
Angola	—	4.240$	4.300$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	9.000$	9.000$	9.100$
E Santo	6 990$	6 990$	7 000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas & p	—	25.000$	—
Fomento	2 820$	2 800$	2.820$
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.860$	6 850$	6.860$
Portugal n	3.450$	3.400$	3.470$
Portugal p	—	4.100$	4 200$
Totta Aliança	4.580$	4.575$	4 580$
Ultramarino n	—	4 080$	4.100$
Ultramarino p	4 490$	4 490$	4 500$
Seguros			
Alentejo	—	40$	40$5
Douro	—	—	—
Mundial	970$	965$	975$
Sagres	—	3.000$	3.500$
Tranquilidade	—	85 000$	00 000$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	740$	735$	750$
Ag Casseavel	—	450$	600$
Ag Incomah	—	—	—
Ag Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65-100)

	19-8-71	25-8-71	26-8-71
GERAL	152,9	153,9	153,6
METROPOL	150,4	151,3	151,1
ULTRAM	171,6	172,7	171,7

PAISES	Compro	Vende
Africa do Sul — Rand	35$00	37$50
Alemanha — Marco	8$05	8$40
América		
— Dollars de 1 a 2	27$30	28$00
— » de 5 a 20	27$50	28$20
— » de 50 a 00	27$60	28$30
Argentina — Peso Novo	4$00	5$50
Austria — Schilling	$ 4	$59
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	3$70	5$00
Canadá — Dólar	27$30	27$90
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$30	10$30
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$95	7$20
Ouro		
Inglaterra — Libra soberano	310$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	39$50	41$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Papéis de credito
Notas estrangeiras
Tel 23 12 78

A C. P. INFORMA

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES

LISBOA-SINES

A PARTIR DE 16 DE AGOSTO DE 1971

7.35	11.20	17.35	P	Lisboa (Terreiro do Paço)	C	12.00	23.35
8.15	12.00	18.15	P	Barreiro	C	11.10	22.55
8.42	12.30	18.44	P	Setúbal	C	10.37	22.22
9.40	13.24	19.37	C	Alcácer do Sal	P	9.42	21.27
10.02	13.48	19.59	C	Grândola	P	9.20	21.05
10.33	14.17	20.28	C	Ermidas-Sado	P	8.47	20.31
11.44	15.47	21.09	C	Santiago do Cacém	P	8.05	19.21
12.12	16.15	21 25	C	Sines	P	7.45	18.35

Todas estas circulações se efectuam diariamente.

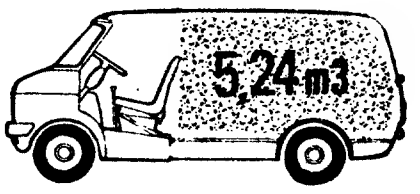
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

FURGÕES BEDFORD CF

- cargas úteis até 1270 kg.
- modelos a gasolina e a gasóleo
- travões assistidos por servo-freio
- distância do solo ao estrado de carga 54 cm.

consulte a

SOREL



Rua Tomás Ribeiro, 97-A
Rua Filipe Folque, 12 — Telef. ppca 56 34 41
Rua D. Luiz I, 28 — Telef. 66 27 55 — LISBOA

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL
Tel 555131
Grupo B — M. 10 anos
Às 15.15 e 21.30 h.
Um ÊXITO que regressa
A mais sangrenta batalha da Segunda Guerra Mundial!
A BATALHA DAS ARDENAS
Technicolor
com **Henry Fonda, Robert Shaw** e **Robert Ryan**

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562632
Às 15.30, 18.30 e 21.45 h.
27.ª E ULTIMA SEMANA
COISAS DA VIDA
com **Michel Piccoli** e **Romy Schneider**
Situado no edifício do Monumental

RESTELO
Telef. 610375
(Grupo B — M. 10 anos)
Às 21.30 h.
STROGOFF
com **John Philip Law** e **Mymsy Faemer.**

EXCURSÃO DA CP
DIA 29 DE AGOSTO
«TOMAR E PASSEIO DE BARCO NA ALBUFEIRA DO CASTELO DO BODE»

Entre um céu azul, cenários que lembram paisagens suíças e a panorâmica inconfundível da serra eis o que nos propomos oferecer para um domingo calmo e... bonito.

Tomar Barragem do Castelo do Bode e, até á Ilha do Lombo, fará um mundo diferente, pois a Natureza, ora violenta ora suave, oferece-nos uma extraordinária riqueza paisagística

Preço (tudo incluido), 280 escudos

Informações telefónicas (Telefone 367529)

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições: Estações de Lisboa (Rossio e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho-de-Ferro de Lisboa; E. G. T. Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens

SÃO JORGE
Telef. 54153
Hoje, ás 21.30
ESTREIA
(Grupo D - 18 anos)
Entre o sonho e o pesadelo...
O DESPERTAR DUMA ADOLESCENTE
Às 15.15 e 18.15: Ultimas exibições: **NUNCA AO DOMINGO**
(Grupo D - 18 anos)

EDEN
Grupo C — 14 anos
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Que corpo! Que cabelo! Que olhos!... Que professora para ensinar um descarado!...
A PROFESSORA E O DESCARADO
com **Carmen Sevilha** e **José Rubio**
Eastmancolor

ALVALADE
Tel. 717480
Grupo B — 10 anos
Às 15.30 e 21.45
Desbravando um caminho difícil, ele encontrou a unica rapariga que lhe pediu para ficar.
80 PASSOS PARA O AMOR
com **Wayne Newton — Diana Ewing — Mickey Rooney**
Technicolor

CONDES
Telefs 322523-326710
Grupo D (não é permitida a assistência de menores de 18 anos)
4 SESSÕES
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Um mundo á solta onde vale tudo. **Um terrível aviso!**
JOVENS FUGITIVOS
com **Brooke Bundy** e **Servin Couchlin.**
Panavision-Metrocolor

APOLO 70
Av Júlio Dinis — Tel. 763319
Grupo D (18 anos)
Às 14.30, 16.45 e 21.45
8.ª SEMANA
A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO
OS AMORES DE UMA LOIRA
Uma obra-prima de MILOS FORMAN
Às 19 h.: **SETE DIAS DE MAIO,** de **Jolin Frankenheimer;** com **Burt Lancaster, Kirk Douglas, Ava Gardner,** etc. (adultos)

TIVOLI
Tel. 50595
(Grupo D - 18 anos)
As 15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
INGRID BERGMAN
e ANTHONY QUINN
num êxito que regressa
A VISITA
Cinemascope

ROMA
Tel. 727778
As 15.30 e 21.30
Grupo A — M 6 anos
Uma alucinante fantasia!
CHITTY CHITTY BANG BANG
com DICK VAN DYKE
TECHNICOLOR
SUPERPANAVISION 70 M/M

ODEON
Telef 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 17.ª SEMANA:
UM ÊXITO DE GALA DO CINEMA PORTUGUÊS
SARILHO DE FRALDAS
com MADALENA IGLÉSIAS, ANTÓNIO CALVÁRIO E TONICHA
Canções, bailados e permanente gargalhada com um «terrível bebé»
(Col.) — G. B—Maiores 10 anos

POLITEAMA
Telef. 326305
(B. — M. 18 anos)
NOVO PROGRAMA DE SENSAÇÃO
Dois grandes filmes de ROMAN POLANSKI
Às 14.30 e 17 h.:
REPULSA
com **Catherine Deneuve**
Às 22 h. — EM ESTREIA
O BECO
(CUL-DE-SAC)
com **Françoise Dorleac**
HOJE, ás 19 h.—**Sessão Clássica,** com **Ingrid Bergman** e **Gary Cooper** em **«POR QUEM OS SINOS DOBRAM».**
Sorteio de brindes entre o publico (Colorido) — G. B. - M. 10 anos

EUROPA
Tel. 661016
Grupo A — 6 anos
As 15.15 21.30
Aventuras e emoções de uma jornada impossível
A SEDUÇÃO DA SELVA
com **Margaret Brooks — Louis Gorset — Donald Houston**
Metrocolor

MUNDIAL
(M. 18 anos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA SENSACIONAL!
Renaud Verley, Florence Latuma e **Janet Agren** na comédia sentimental
ACONTECEU NO VERÃO PASSADO...
Um filme colorido de **Michel Boisrond**
Ar condicionado

AVIS
Tel 47163
(Grupo B-M. 10 anos)
7.ª SEMANA
Às 15.30 e 21.45
Deliciosa comédia musical
ROUBARAM O MEU CORAÇÃO
Gianni Morandi - Elisabetta Wu Nino Taranto

ROYAL
Telef. 865037
(Grupo D — M. 18 anos)
Às 21 h
OS CAMINHOS DE KATMANDOU OS CORRUPTOS

VOX
Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
Grupo D — M 18 anos
JEAN-PIERRE CASSEL e STÉPHANE AUDRAN num filme onde o amor, o ódio e o oportunismo se conjugam alicerçadamente!
A RUPTURA

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30-18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
Um filme de Jean-Luc Godard
PEDRO, O LOUCO
c/ Jean-Paul Belmondo e Anna Karina
Techniscope-Technicolor

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos)
Às 17 e 21.30 h.
O GRANDE AJUSTE DE CONTAS
c/ Jean-Paul Belmondo, Joanna Shimkus, Sydney Chaplin e Paul Crauchet.
Eastmancolor — Panoramico

BERNA
(M. 10 anos. Tel 776098
7.ª SEMANA A RIR!
As 15.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margolin na sensacional comédia colorida
O INIMIGO PUBLICO
Um êxito de gargalhada!
— A condicionado —

LIDO
Grupo C — M 14 anos
Às 21.30 h.
Um extraordinário filme impossível de esquecer!!
O PRÉMIO
c/ Paul Newman e Elke Sommer

IMPERIAL
Telef. 821935
(Grupo C — M. 14 anos)
Às 21 horas
ZITA
MISSÃO NA UNIÃO SOVIÉTICA

LIZ
Telef. 48580
Grupo D (M. 18 anos)
Às 15 e ás 21 h.
A NOITE DO ULTIMO DIA HOTEL DA MALANDRICE

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

GIL VICENTE—Às 22 h.: «Ivone, princesa de Borgonha» (18 anos)

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Uma cama para toda a gente» (18 anos)

LAURA ALVES — As 21 e 45: «Só as borboletas são livres» (14 anos).

ESTUFA FRIA (C. M. L.) — Às 21 e 30: «Baton» (18 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «A piscina» (18 anos).

MOSCAVIDE — Às 21: «Quem?».

SALÃO LISBOA — Às 21: «O grande silêncio (10 anos).

IDEAL — Às 21: «Acaba com eles e volta só» (10 anos).

OLIMPIA — Às 19: «O voo fatal» (10 anos)

ARCO-ÍRIS — Às 21: «Tempestade na fronteira» (10 anos).

CINE-ORIENTE — Às 21: «O Detective» (14 anos).

PARIS — Às 21: «O Sósia» (14 anos)

JARDIM — Às 21: «Viagem para o Inferno» (10 anos).

CASTANHEIRA — Às 21: «A vida de uma mulher» (14 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — Às 21 e 30: «36 horas no Inferno» (12 anos).

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — Às 21 e 30: «O tempo dos lobos» (17 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — Às 21 e 15: «O silêncio do Amor» (14 anos).

PAREDE — Royal-Cine — Às 21 e 15: «Flor amarga» e «Contos suecos» (17 anos).

ESTORIL — Casino — Às 17 e ás 21 e 30: «O grande ajuste de contas» (17 anos). **Palácio** — Às 21 e 30: «Chisum, senhor do Oeste» (10 anos)

CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «O livro da selva» (6 anos).

Outra Banda

ALMADA — Incrível — Às 21 e 15: «Marido infiel» (10 anos).

COSTA DA CAPARICA — Copacabana — Às 21: «Um homem de quem eu gosto» e «O regresso dos 7 magníficos» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. João V — Às 21 e 30: «Borsalino» (14 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — Às 2 e 30: «A honra da família» (17 anos).

PORTO

TEATROS

COLISEU — Às 2 e 30: «I Verdi Internacional de Ballet».

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Convite ao pecado» (18 anos)

COLISEU — Às 21 e 30: «Rosas brancas para minha irmã negra» (10 anos)

RIVOLI — As 21 e 30: «A filha de Ryan» (17 anos)

BATALHA — As 21 e 30: «Zeppelin» (10 anos).

ÁGUIA D'OURO — As 21 e 30: «O vale da Honra» (10 anos).

ESTUDIO — As 21 e 30: «As Tulipas de Harlém» (14 anos)

TRINDADE — As 21 e 30: «Uma rosa para todos!» (18 anos).

CARLOS ALBERTO — As 21: «A luta de um homem» (14 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Bonanza» (10 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «Vertigem de um assassino» (17 anos)

OLIMPIA — As 21 e 30: «O terror no Castelo dos Mortos-Vivos» (17 anos).

CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «Hello Dolly» (10 anos).

COIMBRA

TIVOLI — As 21 e 30: «A rapariga do autocarro» (10 anos).

ESPLANADA DOS BOMB. VOLUNTÁRIOS — As 2 e 45: «Hércules contra o filho do Sol» (10 anos).

farmácias de serviço

LISBOA
TURNO M

AJUDA — Lidia, Calçada da Ajuda, 290 (telefone 661003)

ALCÂNTARA — Probidade, Rua de Alcântara, 15-A (tel 638589) ✲ **Infante Santo,** R do Olival, 290.

ALFAMA — Anunciada, Rua do Vigário, 74 (telef. 866360)

ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (tel. 841912)

ALVALADE — Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (telef. 765262) ✲ **Alentejo,** Avenida da Igreja, 28-B (tel 712682) ✲ **Belo,** Avenida de Roma, 53-A (tel 776314) ✲ **Estados Unidos,** Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (tel 725859).

AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (telefone 790969)

ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32 (tel 845513).

AREEIRO — Central, Av Paris, 2 (tel. 720820).

ARROIOS — Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (telef 46343)

AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (tel 763016) ✲ **Cardote,** Avenida Visconde Valmor 28-A (à Avenida da República) tel. 772291) ✲ **Saldanha,** Avenida Praia da Vitória, 53 (tel 43938)

BAIRRO ALTO — Durão, R Garrett, 90 (tel 324166)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, P. do te. 11 (tel 311216).

BAIXA — Frazão, R dos Portas de Santo Antão, 72 (tel. 328180)

BENFICA — Marques, Estrada de Benfica, 648 (tel. 700096) ✲ **Vilex,** Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548) ✲ **S. João,** Estrada da Luz, 124-A (tel 783179)

CAMINHOS DE FERRO — Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (tel 840125)

CAMPOLIDE — Imparcial, R General Taborda, 28 (tel 680931) ✲ **Ruelto,** Alto de Carvalhão, 5-B (tel 651721).

CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (tel. 66606) ✲ **Almeida,** R. Silva Carvalho, 136 (tel. 681726)

CHARNECA DO LUMIAR — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (t 790969)

CHIADO — Durão, Rua Garrett, 92 (tel. 324 66)

CONDE REDONDO — Branco, Avenida Duque de Loulé, 61 (tel 45048)

ESTRELA — Gama, Calçada da Estrela, 130 (tel 660339)

GRAÇA — Monte (do), Rua Senhora do Monte, 30-A/B (tel. 867842) ✲ **Progressiva,** Rua de Santa Marinha, 18 (tel 863619)

GRILO — Grijó, Rua do Grilo, 25.

LUMIAR — Patuleia, R do Lumiar 122 (telefone 790332)

MADRAGOA — Lyz, R da Esperança, 17 (telefone 660913)

OLIVAIS — Fernandes Borges, R. Cidade de Benguela, lote 300 (Olivais-Sul) (tel 311091) ✲ **Central,** R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais Norte) (telefone 315539).

PEDROUÇOS — Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (tel 610741)

PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (tel 842533)

PICHELEIRA — Mariuz, Calç do Picheleira, 40-B (telefs 720703-728391).

RESTELO — Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (tel 610741)

SANTO AMARO — Santo Amaro, R Filinto Elísio, 29-A (tel 637070)

S. MAMEDE — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (tel 325455)

S. PAULO — Ultramarina, R de S Paulo, 99-101 (tel 321771).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Sirius, R Fialho de Almeida, 38-A (tel 44000)

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av Combatentes G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro — A (tel 242839)

PAÇO DE ARCOS—Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 86 (tel 2432034

OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (tel 2430090)

PAREDE — Alsi — B das Caixas de Previdência Bloco A (tel 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL—S Pedro (Tel 263052)

S. JOÃO ESTORIL — S João — (Tel 261 861

MONTE ESTORIL—Suiço — Cruzeiro (Tel 260087)

CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G Guerra, 40 (tel 280 70) ✲ **Nova** — Est de Alvide — Fontainhas (telefone 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av Marquês de Pombal, Lote 9 (tel 934589 ✲ **Campos** — R Elias Garcia, 185 (tel 930072) ✲ **Clabel** — Rua António Sardinha, 23-D (tel 938551).

DAMAIA — Damaia — P Alexandre Guimão 9 (Tel 970523)

QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 5 (telef 950043) ✲ **Queluz** — Av Miguel Bombarda, 129 - A (telefone 951841)

CACEM — Garcia, Av dos Missionários 2 (telef 2942 81)

MEM MARTINS — Quinta, Est Mem Martins 285 (tel 2900002)

S. PEDRO DE SINTRA—Valentim (tel 980456)

SINTRA — Misericórdia — L Dr Gregório de Almeida 2 (tel 980391)

COLARES — Colares — Abreja (tel 299088)

Outro Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge, 15 (tel 234 00)

ALHOS VEDROS — Portugal — Av do Belo Rosa, 8 (tel 224250)

ALMADA — Castro Rodrigues — R Capitão Leitão, 21-A (Tel 270076)

BAIXA DA BANHEIRA—Nova Fátima — Est Nacional, 221-B (t. 224141).

BARREIRO — Moderna — R D Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (telefone 2273443).

COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est das Barracas, 50 - A (Telefone 2760 82)

MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (tel 239025) Rua Almirante Reis, 45 Rua Almirante Reis, 93 (Tel 230035)

SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (tel 229028)

SETUBAL — Bocageana — R. do Romeu (tel. 23425); **Bairros** — Beco Santos Nicolau (tel 23330)

SEIXAL — Godinho — L da Igreja 5 (telef 22 1 8580)

PORTO

Alberto Ferreira, Rua do Estação 100 (Tel 51302) ✲ **Antunes,** Rua do Bonjardim 485 (Tel 27936) **Campo Alegre,** Rua do Campo Alegre, 123 (Telefone 62245 ✲ **Fátima,** R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel 65406 ✲ **Ferreira da Silva** Rua Mart da Liberdade 50 (Tel 24023) ✲ **Marques Mendonça,** Rua do Arneal 45 (T 47118) ✲ **Pereiró,** Rua do Preciosa, 35 (Tel 681027) ✲ **S. Jerónimo,** Rua de Santos Pousada, 622 (Telefone 54526 ✲ **S. Lázaro,** Av. Rodrigues de Freitas, 291 (Tel 27043) ✲ **Sarabando** L dos Lóios, 36 (Tel 21701) ✲ **Saúde,** Av. Comb G Guerra, 689 (Telefone 40316) ✲ **Sousa Soares,** Rua de Santa Catarina, 4 (Tel 22145) ✲ **Vitória,** R. S. R. da Lameira 156 (Tel. 52225) ✲ **Gondarém,** Rua de Gondarém 360-Foz

COIMBRA

Estádio, Rua do Brasil (tel. 24410) ✲ **Miranda,** 23261) ✲ **Baptista,** Praça do Comércio (tel Praça da República (tel. 23747).

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado com excepção da região do Norte, onde estava muito nublado. O vento era moderado do quadrante oeste e havia neblina em alguns locais do interior.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto e Lisboa, 8°; Penhas Douradas, 9°; Coimbra, 15°; Portalegre, 14°; Faro, 21°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 20°; na água do mar, 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

A norte do sistema Montejunto-Estrela, períodos de céu muito nublado vento fraco a moderado do quadrante Oeste e possibilidade de aguaceiros dispersos; a Sul do referido sistema, céu pouco nublado e vento fraco a moderado do quadrante oeste; em todo o território, condições favoráveis á formação de neblina durante a madrugada e manhã.

Amanhã
Nascer ás 7
Ocaso ás 20 e 16

Dia 29 Dia 5 Dia 11 Dia 19

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 7 e 17 (3,6 m); 19 e 37 (3,6 m). **Dia 27** — 7 e 48 (3,5 m); 19 e 59 (3,4 m). **Dia 28** — 8 e 26 (3,3 m); 20 e 35 (3,2 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 0 e 30 (1,2 m); 12 e 40 (1,3 m). **Dia 27** — 1 e 03 (1,3 m); 13 e 27 (1,5 m). **Dia 28** — 1 e 35 (1,5 m); 14 e 02 (1,6 m).

LIVRELCO

A todos os sócios:

A vossa cooperativa está aberta e vende livros aos sábados, durante todo o dia, até ás 18.45 horas.

A ORQUESTRA GULBENKIAN DÁ UM CONCERTO NO ESTORIL

Amanhã, pelas 21 e 45, no Pavilhão de Congressos do Estoril, a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Werner Andreas Alber., dá um concerto, integrado nos X Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol.

ASSALTOS DE GATUNOS EM MINDE

MINDE, 26 — De madrugada, os gatunos entraram, por meio de arrombamento, num complexo industrial, em cujos escritórios forçaram o cofre e levaram o dinheiro, felizmente apenas uma duzia de contos. Habitualmente os valores existentes são muito superiores, chegando, por vezes, a atingir algumas centenas de contos.

Este e outros assaltos aqui praticados, ultimamente, põe mais uma vez em relevo a falta do posto da G. N. R., cujo estabelecimento se impõe para tranquilidade e segurança das populações.

Contrato Colectivo de Trabalho para os motoristas do Norte

Por despacho do secretário de Estado do Trabalho e Previdência e na sequência de um trabalho realizado por uma comissão técnica constituída por representantes de todas as Corporações, do Ministério das Comunicações, da Federação do Norte dos Sindicatos dos Motoristas e do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra do Ministério das Corporações e Previdência Social, as disposições contidas na decisão arbitral, relativa ao Contrato Colectivo de Trabalho para os Motoristas do Norte, «foram tornados extensivos a todas as entidades patronais que exerçam ou venham a exercer a sua actividade nos distritos de Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu e tenham ou venham a ter motoristas ao seu serviço».

Daquele alargamento de ambito ficou, porém, excluído o serviço de transportes colectivos do Porto, em virtude de decorrerem, presentemente, negociações com vista á celebração de um Acordo Colectivo de Trabalho aplicável a todos trabalhadores ao seu serviço.

Também foi homologado, embora com ressalvas, a acta de conciliação entre o Grémio Nacional das Empresas de Cinema e os Sindicatos Nacionais dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, respeitante ao Contrato Colectivo de Trabalho para a actividade de distribuição de filmes.

TENSÃO NOS BALCÃS

(Continuação da 1.ª página)

Houve manobras militares do Pacto de Varsóvia na Hungria, nos princípios de Agosto. Nos círculos diplomáticos restam poucas duvidas de que se destinariam, em parte, a servir de advertência á Roménia, cujo presidente, Nicolae Ceausescu, está práticamente inscrito na «lista negra» de Moscovo.

Ceausescu, não só insiste em seguir uma política independente de Moscovo, como também se mostra inclinado ás relações com a China Continental.

Actualmente, encontra-se em Bucareste uma missão militar da China Continental, que teve anteriormente conversações na Albania.

O CONCURSO «FATO DE BANHO» EM ESPINHO

ESPINHO, 26 — O Grande Casino desta vila, em colaboração com o Grupo de Bem Fazer e o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo e do nosso prezado colega «Jornal de Notícias», promove, esta noite, o VI Concurso das Praias da Costa Verde — «Fato de Banho 1900».

DL
CONTA CORRENTE
O QUE É A CONTA CORRENTE
Diário de Lisboa

BREVEMENTE CONHECERÁ PORMENORES DA MECÂNICA DESTA ORIGINAL INICIATIVA

M/6 anos

CAMPO PEQUENO
HOJE, às 22 horas
TOIROS 6 TOIROS
DE D. MARIA ANA PASSANHA
OS TRÊS MAIS DISCUTIDOS CAVALEIROS DA ACTUALIDADE
BAPTISTA NÚNCIO VEIGA

Dois grupos de forcados em competição: AMADORES DE SANTARÉM E DE MONTEMOR

C. M. L.
ESTUFA FRIA
HOJE, ÀS 21.30 HORAS
BATON
de ALFREDO CORTÊS
Pela Companhia de Teatro Popular — Empresa Augusto de Figueiredo
Direcção e ensaios de ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
Com
MADALENA SOTTO, ADELINA CAMPOS, LEONOR POEIRA, VLADIMIRO FRANKLIM e DUARTE NUNO e a colaboração especial de ADELAIDE JOÃO, ELVIRA PAIS, JÚLIA CHAVES, CARMEN JUDITH, MARIA JOÃO GALOPE, IGOR SAMPAYO e EDURDO SABROSA
Bilhetes a 10$00, 15$00 e 20$00, à venda na Praça dos Restauradores, das 18 às 20 h. e na Estufa Fria depois das 21 h.
Grupo D/18 anos

HOJE, NAS PÁGINAS CENTRAIS, AS RESPOSTAS DO CRÍTICO

INQUÉRITO

FERNANDO LUSO SOARES

SUPLEMENTO LITERÁRIO

675 ■ 26 DE AGOSTO ■ 1971

NOTAS SOBRE CRÍTICA E LITERATURA

Por António Ramos Rosa

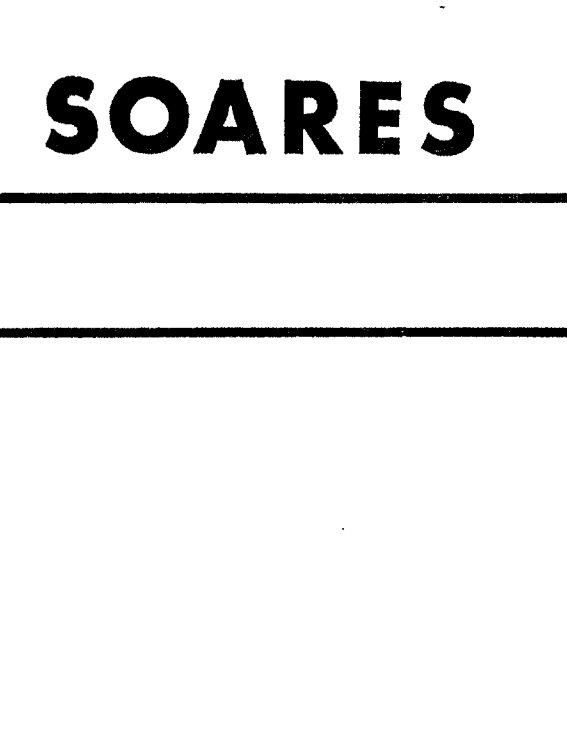
EMBORA inicialmente destinado a responder ao nosso inquérito sobre a Crítica, este texto de António Ramos Rosa contém um conjunto de reflexões (e uma forma de abordá-las) que nos permite destacá-lo do referido inquérito.

Tal como M. S. Lourenço, Ramos Rosa optou por responder através de um texto que, relacionando entre si todas as nossas perguntas, acabasse por as cindir num único problema: as relações de uma leitura crítica com o objecto sobre que incidem as suas formas de conhecimento.

Eis pois o resultado dessas reflexões.

VISA a crítica literária a um tempo atingir, ou cingir, um objecto literário e penetrá-lo — trata-se de uma travessia, de um percurso cuja objectividade será sempre duvidosa e incerta pela dificuldade inerente a toda a incursão estética. Tal incursão implica decerto um juízo; o sentido tradicional do termo é esse mesmo, o de julgamento de uma obra. Mas se pretendermos determinar o *processus* crítico, des-des-construí-lo e des-cobri-lo, teremos de começar por pôr em relevo esse primeiro momento que é o da leitura ingénua, desprevenida, aberta, aquela leitura que diz sim, globalmente, á obra, ainda quando a acompanha a reflexão, mesmo quando se detém para lhe sobrepor uma reacção negativa ou restritiva. Não haverá possibilidade de repercussão — o *retentissement* bachelardiano — quando se não dá a adesão, ou aderência, que o texto requer, esse sim ingénuo de que fala Blanchot, essa anuência espontanea, indiscernível, que constitui em si um *a priori* fundamental de toda a leitura, do movimento da leitura. Esta é a primeira leitura e de certo modo a única, a essencial, primeira porque se lê por se ler, pelo gosto de ler e não de criticar, embora a reflexão crítica seja imanente á leitura de um leitor-crítico; e em segundo lugar, porque a própria crítica, essa segunda leitura, não deve

Cont. na pág. 3



A. Ramos Rosa: ver cada obra na sua unicidade irredutível

Folhetim-artístico de José-Augusto França

NO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

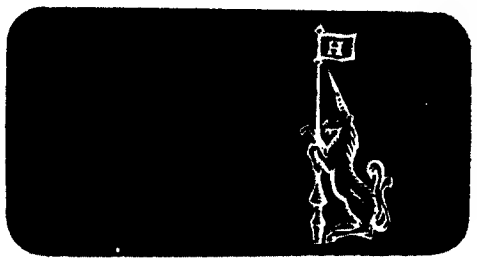
SE O FOLHETIM anterior se referia a Paris, este pode (e deve) referir-se a São Paulo — donde escrevo, quando de Paris, na ocasião, não escrevia. Um São Paulo há cinco anos não revisto e que de tanto tempo não precisaria para mudar mil elementos físicos duma imagem urbana complexíssima e estravagante. Com «Minhocão» ou sem «Minhocão» — que me entenda algum leitor paulista...

Entre as coisas que nestes cinco anos em que não vim ao Brasil aconteceram, está a inauguração da sede do «Museu de Arte de São Paulo», obra da arquitecta Lina Bo Bardi — paralelepípedo de vidro assente em quatro pilares sobre um vão de 80 metros, condição necessária para não pesar sobre o túnel «9 de Julho» que lhe passa por debaixo. É conhecido o acervo deste museu, que, pela sua variedade e larga cobertura cronológica, é, de longe, o primeiro da América Latina, com quadros adquiridos metòdicamente — Velasquez ou Picasso, Bronzino ou Goya, Greco ou Renoir, Modigliani ou Léger. Sabe-se, também, como o famoso jornalista Assis Chateaubriand, proprietário da poderosa cadeia dos «Diários Associados», pôde fazer comprar essas dezenas de obras, em vendas europeias, fazendo pagá-las por grandes empresas ou grandes fortunas brasileiras, que assim contribuíram para o enriquecimento do património cultural do país. De modo palpável e, de qualquer maneira, compensada, na medida em que tais donativos beneficiam de correspondentes isenções fiscais — preceito legal americano de que têm resultado as maiores vantagens para as situações culturais locais.

Da iniciativa de Chateaubriand nasceu, em 1947, o Museu de Arte, com provisórias instalações sucessivas e agora uma sede que é notável proposta arquitectónica. E também (e ia a dizer que sobretudo) um programa cultural que começa na própria apresentação do acervo, não em totalidade imóvel, que é sistema provinciano logo esgotado como informação para o espectador, mas numa dinâmica que serve várias funções e várias opções. A actual «exposição», sobre «écrans» de vidro que pontuam a enorme sala, com circulação aleatória a todo o momento (e em termos de tempo devemos falar) reversível, permite situar multiplamente as pinturas num espaço formado abstracto pelo cruzamento dos ângulos de observação. A transparência dos suportes coloca os quadros em referência directa, sublinhando o seu jogo de signos, numa floresta contraditória que obriga o espectador a «realizar» uma visão complementar. A pintura, ou *o conjunto* da pintura exposta torna-se, assim, um «meio frio», como se diria em teoria de comunicação, alterando, desta maneira, a sua acção «informativa». Um museu põe necessàriamente problemas destes — se não se quedar, feudo de conservadores antigos em lata de conservas...

POR CAUSA do Museu de Arte, aliás, vim desta vez ao Brasil, contratado para fazer um curso de sociologia da arte — e aqui o estou fazendo, não para os 30 ou 40 ouvintes que contava ter,

Cont. na pág. 7



OS CRISTÃOS-NOVOS PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO

TRÉPLICA AO SR. ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA/POR I. S. RÉVAH

(CONTINUAÇÃO)

C) ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, «O JUDEU»

TRATANDO-SE desta tão célebre vítima da Inquisição portuguesa, já se não pode pretender que o Sr. A. J. Saraiva «escorregou num lapso». Tinha diante dos olhos o excelente estudo de J. L. de Azevedo, incluído nas *Novas epanáforas* (Lisboa, 1932), que constitui excelente exemplo da utilidade, na historiografia dos Cristãos-Novos e da Inquisição, *do estudo completo das famílias e dos meios sociais* para a determinação de conclusões criticamente estabelecidas sobre os processos *particulares*. O autor de «Inquisição e Cristãos-Novos» desprezou propositadamente, no estudo de J. L. de Azevedo, quase tudo o que explica a prisão e a condenação do «Judeu». E, em primeiro lugar, calou o facto absolutamente essencial de, como aconteceu muitíssimas vezes na história das Inquisições portuguesas e espanholas, *a denúncia inicial, que provocou a desgraça de várias famílias não ter vindo de um Cristão-Velho malévolo, mas de um Cristão-Novo arrependido ou aterrorizado que tinha sido, com os pais, penitenciado por criptojudaísmo.*

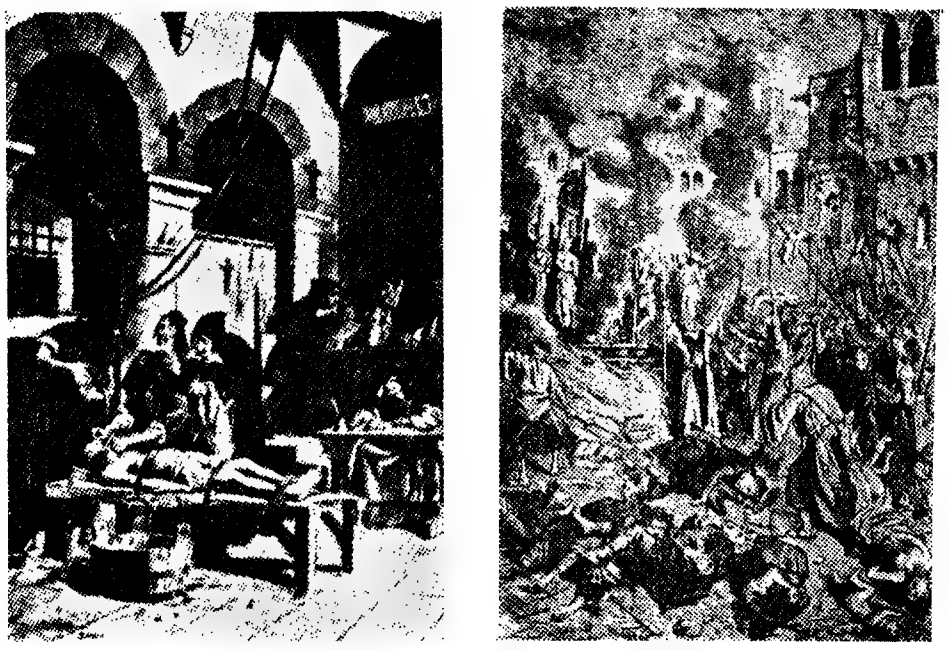
No «estudo» lamentável e ridículo do Sr. A. J. Saraiva não aparece sequer o nome de Simão Rodrigues da Fonseca, que provocou directamente a prisão de uma dúzia de pessoas, em sua maioria da família do autor das «Óperas portuguesas». Simão e sua mãe foram generosamente recolhidos (depois dos autos-de-fé, em que saíram penitenciados) por Páscoa dos Rios, cunhada do «Judeu». Este e seu irmão André eram os esposos das duas irmãs Leonor Maria de Carvalho e Páscoa dos Reis, as quais tinham um irmão — António Fróis. Simão Rodrigues da Fonseca acusou de criptojudaísmo, perante o Inquisidor lisboeta de serviço, os membros destas famílias. Na primeira delação esqueceu-se do «Judeu», mas não da mãe, nem da mulher deste. «Nestes dias cometeu o autor das Óperas um acto imprudente». Surpreendeu a ama de sua filhinha em tentativa de induzir uma escrava negra de sua mãe «a ir ao Santo Ofício acusar de judeus a todos da família. António José quis antecipar-se, e foi ele o que se apresentou no tribunal a requerer não dessem na Mesa crédito às denúncias da negra, nem da ama, pois existiam contra ambas fundadas suspeições» (*Novas epanáforas*, p. 198). Quando o delator Simão veio avisar o Santo Ofício de que os membros das famílias, que já tinha denunciado anteriormente, iam celebrar *no sábado 5 de Outubro de 1737* a cerimónia máxima da religião judaica, isto é o jejum de Yom Kippur, «o dia grande» na terminologia dos Criptojudeus portugueses, os Inquisidores, ao transferirem para este dia os mandados de detenção relativos a todos os denunciados, decretarem também, por ordem verbal do Inquisidor-Mor, a prisão de António José da Silva. Contra este não existia culpa formada, mas unicamente havia as presunções tiradas das acusações contra parentes muito chegados, e da sua própria apresentação diante do Tribunal a contraditar eventuais denúncias da ama e da escrava.

No sábado, dia 5 de Outubro, «de tarde, pelas dezassete horas, batiam os familiares à porta da residência de António Fróis, que Simão da Fonseca lhes veio abrir, segundo o estipulado, e, penetrando no interior, descobriram as seis mulheres sentadas no chão, á roda de uma candeia acesa, de lenços brancos na cabeça, sinal de estarem praticando as devoções judaicas. Na cozinha apagado o lume, e em parte alguma preparativos ou vestígios de refeição nesse dia» (*Novas Epanáforas*, p. 200). Com o «Judeu», sua mãe e sua mulher, recolheu à cadeia da penitência (não o cárcere secreto) a escrava negra, de quem os Inquisidores esperavam obter delações contra os presos. Com efeito, no segundo interrogatório, em 10 de Outubro de 1737, a escrava fez declarações, que J. L. de Azevedo resumiu sem perceber a sua importância, mas que António Baião publicou no tomo II dos *Episódios dramáticos*, reproduzindo até duas vezes as que se referiam ao «Judeu». *Destas declarações se colhe que o «Judeu» e sua mulher se lavaram, mandaram fazer a limpeza da casa antes do pôr do Sol, na sexta-feira, dia 4 de Outubro de 1737, não jantaram nesta noite, utilizando vários pretextos para dissimular o jejum, e que passaram sem comer, nem beber todo o sábado, dia 5 de Outubro, dissimulando sempre o jejum.*

No seu libelo e no *Diálogo*, o Sr. A. J. Saraiva deu várias provas de que participava da mesma petulância que era a dos Inquisidores: todos estes senhores pretendiam ou pretendem saber melhor do que os Judeus ou Criptojudeus o que é a religião judaica ou criptojudaica. Durante séculos o edital da fé, lido regularmente nas igrejas portuguesas por ordem do Santo Ofício, proclamava que «o jejum maior dos Judeus», «o jejum do dia grande», quer dizer a festa de Yom Kippur, «*cae no mes de Setembro*» (às vezes, particularmente em sentenças, falava-se de «*dez da lua de Setembro*»). Todos estes senhores ignoravam e ignoram que o calendário judaico, essencialmente dependente do movimento da lua, é uma coisa complicadíssima, e que as festas judaicas não caem todos os anos no mesmo dia cristão: Yom Kippur, que se celebra no dia dez do mês hebraico de Tichri, calha às vezes em *Outubro*. Ora bem: os historiadores modernos, que desejem adquirir um mínimo de competência, podem consultar um certo número de livros que permitem calcular, mais ou menos rápidamente, as equivalências entre datas judaicas e datas cristãs.

No ano hebraico de 5498, que começou em 26 de Setembro do ano cristão de 1737, o dia 10 de Tichri, data de Yom Kippur, calhava a 5 de Outubro, que era um sábado. Os Inquisidores e o Sr. A. J. Saraiva ignoravam ou ignoram que, se o dia cristão (e civil) começa à meia-noite, o dia judaico começa à entrada da noite: em 1737, Yom Kippur começou em 4 de Outubro ao pôr do sol. Os Inquisidores e o Sr. A. J. Saraiva (e antes dele, João Lúcio de Azevedo) ignoravam ou ignoram que, na religião judaica, um jejum que calha, por sua data normal, ao sábado, é transferido para o dia seguinte, *com excepção dos jejuns de Yom Kippur e da Rainha Ester* que se podem celebrar ao sábado.

Os Inquisidores não estabeleceram ligação nenhuma entre a indicação de Simão Rodrigues da Fonseca, que os avisou de que Yom Kippur calhava no sábado 5 de Outubro de 1737, e a declaração da escrava negra, que afirmou que o «Judeu» e sua mulher jejuaram no fim da sexta-feira 4 de Outubro e no sábado 5 de Outubro de 1737. Os Inquisidores, o Promotor e João Lúcio de Azevedo acharam perfeitamente normal que o judaizante António José da Silva tivesse jejuado em 5 de Outubro de 1737, «por ser em um dia de sábado», como diz o libelo do Promotor contra o «Judeu». O Promotor não acusou precisamente o «Judeu» de ter celebrado a festa de Yom Kippur: depois de resumir o depoimento da escrava negra, suprimindo os nomes de pessoas, o libelo afirma vagamente que «se ficou entendendo que todas estas cerimónias e jejum era por observância e guarda da Lei de Moisés». O pseudo-historiador A. J. Saraiva declara que, em 1524, «os ritos judaicos», praticados «por uma minoria restrita» de Cristãos-Novos portugueses, «perdiam progressivamente o seu significado religioso». Um verdadeiro historiador pode afirmar que, em 1737 (240 anos depois da conversão forçada de 1497 e 30 anos antes de o Marquês de Pombal proibir definitivamente a perseguição aos Criptojudeus), havia famílias *em Lisboa* que conheciam bastante bem o significado religioso dos ritos judaicos e conseguiam obter informações exactas sobre as datas em que se devia celebrar o mais importante destes ritos. O escritor António José da Silva pertencia a uma destas famílias; e a posteridade fez muito bem em o cognominar «o Judeu».



Perseguição a judeus e cristãos-novos: da tortura à matança

Os Inquisidores não conheciam certos princípios fundamentais da religião judaica, mas atribuíam uma importância máxima como elementos acusadores às cerimónias (sobretudo jejuns) judaicas praticadas por presos nos cárceres do Santo Ofício e provadas pelo sistema das vigias. *As diferenças entre jejum judaico e jejum católico eram tão grandes* que, geralmente e do seu ponto de vista, tinham razão em considerar como herege impenitente um preso (*negativo, diminuto* ou *confitente)* que realizava jejuns judaicos no cárcere. Em todo o caso, um preso com «jejuns no cárcere *provados*» era considerado como *convencido* e nunca era torturado para que confessasse estes jejuns do cárcere: aliás o *Regimento* de 1640 indicava que o Réu era posto a tormento, *ou pelo crime não estar provado, ou pelas diminuições de sua confissão.* Da mesma maneira, um *negativo*, cujo crime os Inquisidores consideravam *provado*, um *negativo convencido*, não era posto a tormento. O Sr. A. J. Saraiva, o primeiro (segundo disse) a aproveitar convenientemente o *Regimento* de 1640, não percebeu (ou não quis perceber nada disso, e concebeu uma ideia estrambótica: os Inquisidores mandavam torturar os presos que queriam salvar. É verdadeiramente notável!

O «Judeu» e todos os membros da sua família presos em 1737 eram acusados de relapsia (a mãe já tinha sido presa anteriormente duas vezes). António José foi o único para o qual «se provaram» jejuns judaicos no cárcere e, portanto, foi o único relaxado e queimado sem ser torturado. As provas foram fornecidas pelo sistema das vigias e pelo testemunho de dois companheiros de detenção, dados ao preso. O pseudo-historiador A. J. Saraiva pretende que estes companheiros «eram criaturas dos Inquisidores, por eles pagos e mandados» (p. 129), mas não traz nenhum elemento em prova desta asserção. J. L. de Azevedo, que, como historiador, merece mais confiança do que o Sr. Saraiva, disse que os dois companheiros saíram no auto onde o «Judeu» foi queimado: como um deles confessou ter jejuado judaicamente com António José, foi com certeza condenado à confiscação dos seus bens. Azevedo notou que o segundo corrigiu, em nova audiência, erros da delação feita precedentemente: «Do escrupulo se infere que o denunciante não seria, ao menos conscientemente, caluniador» (*Novas epanáforas*, p. 207). O fantasma David disse das pessoas que espreitavam os presos nos cárceres de vigia: «Mesmo que eles não tivessem o recado já encomendado pelos Inquisidores, tinham todo o interesse em justificar a miserável côdea que recebiam com *novidades* interessantes». Os espreitadores do «Judeu», entre muitas coisas interessantes, relataram factos que os Inquisidores não lhes tinham com certeza exigido: «benzeu-se»: «benzeu-se [illegible]mente», «no fim se benzeu [illegible]mente»!

Os seres imaginários do *Diálogo* defendem a ridícula conclusão do libelo do Sr. Saraiva: «A prisão sem denúncia, a omissão do tormento, que apesar de tudo dava uma *chance*, a montagem dos testemunhos dentro da prisão, tudo converge para a conclusão de que António José da Silva estava inocente da acusação de Judaísmo e que os Inquisidores o sabiam» (p. 129). O imprudente David atreve-se mesmo a nova reivindicação de prioridade: «Saraiva propõe uma hipótese: António José da Silva ousara fazer, numa das suas peças, uma alusão ao processo inquisitorial, sibilina e velada, mas particularmente penetrante, porque reproduzia uma fama pública, de que já as *Notícias Recônditas* se tinham feito eco».

Na realidade, ao deturpar inteiramente o notável estudo de J. L. de Azevedo, o Sr. Saraiva teve por único objectivo ressuscitar a tese dos polemistas do século XIX (que não conheciam os arquivos inquisitoriais: «O Judeu» foi assassinado pelo Santo Ofício só por ter escrito a peça *Anfitrião*: «*Mas se acaso, tirana, estrela impia, / é culpa o não ter culpa, eu culpa tenho*». O pseudo-historiador sabe muito bem que J. L. de Azevedo indicou uma objecção decisiva: a licença para se imprimirem *Anfitrião* e outras peças do «Judeu» foi dada em *1743*, em nome do mesmo Inquisidor-Mor que, verbalmente, tinha mandado prender em *1737*, António José da Silva.

INEXISTÊNCIA DO DISPOSITIVO DE «ASSASSÍNIO LEGAL»

O inefável fantasma David declara, no fim do *Diálogo*: «Não falámos bastante das omissões intencionais de Révah. Ele diz, por exemplo, que os jejuns espreitados pelos buracos eram revelados ao público nos autos-de-fé. Mas esquece-se de acrescentar que nessas sentenças públicas, assim como nas acusações feitas ao réu no decorrer do

processo, nunca se especificava o lugar e o tempo em que se realizavam as tais cerimónias. Os leitores de Révah ficam iludidos». O impudente David precisa de defender a tese do seu procriador: os réus que faziam jejuns nos cárceres «eram quase sempre relaxados. O segredo morria com eles». A tese do Sr. Saraiva é falsa de duas maneiras:

1.º — abé ao *Regimento* de 1613, quer dizer de 1586 a 1613, *a menção das cerimónias judaicas praticadas no cárcere, provadas por testemunhas da justiça ratificadas, era feita nas sentenças públicas, e isso tanto para os relaxados como para os reconciliados.* Dois exemplos tirados da história da família de Uriel da Costa. No auto-da-fé coimbrão do 1 de Agosto de 1568 foi queimada Guiomar Rodrigues e foi reconciliada sua sobrinha Dionisa de Vitória: nas duas sentenças figura a menção das cerimónias do cárcere. Eis um trecho da sentença contra Guiomar Rodrigues: «... e foram as testemunhas da justiça ratificadas em forma, pelas quais se provou a dita Ré, depois do dito perdão geral, guardar alguns sábados de trabalho, deixando de trabalhar neles, *e depois de ser presa, como muito errada e observante da Lei de Moisés, judaizar no próprio cárcere do Santo Ofício com muito atrevimento e pouco temor de Deus*» (segue a descrição *pormenorizada* das cerimónias judaicas observadas pelos guardas)

2.º — O *Regimento* de 1613 decretou: «E nas sentenças onde houver tormento se não dirá a circunstância por onde se declare que foi dado ao Réu, *nem menos se declarará, quando houver jejuns no cárcere do Santo Ofício, que o Réu não confessa o lugar onde se fizeram*». Quando não faltava esta circunstância na confissão do Réu (relaxado ou reconciliado), *a sentença dava absolutamente todas as informações sobre as «cerimónias no cárcere»*. O pseudo-historiador A. J. Saraiva podia ter notado isso, se tivesse lido a sentença contra o relaxado Manuel Fernandes Vilareal; nem precisava para o fazer de ir á Torre do Tombo: bastava-lhe comprar o romance *O olho de vidro*, de Camilo, que reproduz a sentença *com a descrição pormenorizada das cerimónias praticadas no cárcere por Vilareal e seu companheiro FRANCISCO GOMES NETO* (a transcrição de Camilo foi reproduzida no tomo XVI, nono do suplemento do *Dicionário bibliográfico português*).

(Conclui no próximo número)

NOTAS SOBRE CRÍTICA E LITERATURA

Cont. da pág. 1

perder jamais o contacto com o nível inicial em que a adesão ao texto se dá, na claridade ou na obscuridade, de qualquer modo na confusão e fusão de uma sensibilidade com o texto, osmose entre o leitor e o texto, a qual atesta assim a presença de um informulável, ou seja, de uma realidade (ou irrealidade?) de uma presença (ou ausência?) só apreensível pela específica experiência literária. Assim, o texto se apresenta ao leitor segundo o modo da fascinação, do deslumbramento e de uma decorrente obscuridade que constitui o modo próprio do texto se revelar, o seu modo de ser e de aparecer — e isto há que ter em conta o crítico, uma vez que a crítica sem este nível fenomenológico — se de algum modo a ele não retorna — se perderá numa leitura arbitrária em que o texto será apenas o pretexto para considerações ociosas ou arbitrárias. Não quer isto dizer que a crítica parta, metodològicamente, desta primeira leitura, de uma intuição originária, que de modo algum seria suficientemente definida para a fundamentar. A crítica parte sempre de um estratagema, de uma base por vezes arbitrária no seu ponto de partida, de um *parti-pris* porque não seria possível estabelecer um ponto de partida sem uma opção, sem um pressuposto, sem uma escolha ou limitação, as quais não podem furtar-se a uma parcialidade necessàriamente subjectiva. Todavia, se é inegável que existe um acto de apreensão originária e global que determina o *retentissement* de que fala Bachelard em *Poétique de l'Espace*, se a leitura ingénua, esse «sim» blanchotiano da leitura que, na sua ingenuidade, constitui o fenómeno primário da comunicação estética, é a ele que a crítica deve retornar, valendo-se para isso dos instrumentos de análise mais finos e complexos que o seu tempo lhe pode fornecer. Deste modo, a crítica, requer, sem dúvida, sensibilidade e intuição, mas para que tais qualidades indispensáveis a qualquer crítico não se percam na análise crítica (se 'de análise se tratar) é mister que não se fique ao nível do «impressionismo» que acaba quase sempre por trair essas mesmas qualidades — a intuição e a sensibilidade — de que a crítica impressionista se costuma gabar. Para recuperar a ingenuidade da leitura, para reaver todo o poder de devaneio, de imaginação e de fantasia que caracteriza essa leitura primeira, afigura-se-me necesário possuir-se duas qualidades complementares: a capacidade de prolongar e repercutir, quanto possível, essa «ingénua» adesão da leitura inicial e, ao mesmo tempo, a capacidade analítica que destrince no corpo do texto os elementos e estruturas que determinam o *retentissement* da leitura primeira, isto é, os dados de uma relação que só serão *dados* pela capacidade que o leitor-crítico tiver de os restabelecer e recuperar a um nível crítico, na leitura segunda. Daí que, para um leitor que não tenha conhecimento da obra criticada ou dela possua um conhecimento insuficiente ou diluído, a crítica genuína possa restituir e repercutir esse primeiro movimento de leitura e levar o leitor a restabelecer o contacto ao nível da relação essencial. A crítica nunca independe — ou não deverá independer — do objecto literário — por mais aguda e brilhante que seja a análise crítica. A diversidade das leituras críticas atesta a multivocidade da obra criticada, mas não a independência da crítica em relação à obra. Porém, dado que a própria literatura, hoje em dia, integra em si a crítica, esta, ao continuar esse mesmo movimento, tende a uma confusão e a uma autonomia que caracteriza a literatura mais definidamente vanguardista. Como diz Jean Tortel, «é evidente que se aboliram as fronteiras entre ficção, poesia e crítica.» (1) Naturalmente, esta tendência vem pôr em causa as relações da crítica com a obra, a noção de autor e de sujeito, a primazia da experiência vivida no real sobre a especificamente literária, o sujeito biográfico anterior ao sujeito da obra, sujeito que é mais criação da obra do que ele dela. É que o acto de escrever se revela agora como um acto que, sem se desligar das condições sociais, as transcende e inaugura uma realidade que é muito menos reflexo de tais condições do que a sua permanente «mise en question» a um nível originário de que antes não se suspeitava.

Nada é seguro nem certo no domínio da literatura, nenhum critério de fixação do real ou de uma sua apropriação parcial será lícito extrair desta inquieta e permanente busca e transgressão que é a actividade literária, e, particularmente, a poética. Como pode então o crítico arrogar-se qualquer autoridade quando a própria literatura nos revela a insegurança fundamental da sua *démarche*? É certo que ela se move — mas para onde? Se ela o soubesse, talvez não lhe fosse possível marchar. Ora, a literatura, nas suas múltiplas tendências, caminha e vai numa determinada direcção. Seguindo o curso geral de toda a arte moderna, a literatura pretende ser cada vez mais literatura, mas, ao mesmo tempo, ao voltar-se para si e pôr-se em causa, ao proliferar na confusão e na subversão que constitui o seu retorno à origem impossível, transgride constantemente todas as regras e dicotomias, revela-nos um domínio irredutível e irrecuperável anterior à ruptura razão-loucura, eu-universo, sujeito-objecto, etc.

Ramos Rosa: a crítica nunca independe do objecto literário

A crítica tem, necessàriamente, de acompanhar este movimento histórico — não apenas por uma questão de moda —, movimento que é a um tempo «formalista» e «materialista», ao nível dos significantes e dos significados, ao nível da escrita e do corpo. Os que negam a transcendência deste «formalismo» — que nos propõem? A continuação tranquila e beata de uma evolução literária sem saltos nem sobressaltos ou o prudente enxerto das inovações experimentalistas num «conteúdo» supostamente revolucionário? Não me parecem inviáveis nem muito menos excomungáveis tais possibilidades, mas não se pode nem deve considerar que elas sejam verdadeiramente renovadoras.

À crítica caberá sempre, como aconselha Georges Poulet, uma certa «neutralidade benevolente» em vez da segurança autoritária ou do *parti-pris* fanático, porque não lhe deve estar vedada nenhuma possibilidade interior de acesso a qualquer obra, seja qual for a sua tendência ou filiação. Mas, na altura própria, cabe-lhe também tomar partido, defender uma orientação que se lhe apresente como mais vital e significativa, valorizá-la, sem no entanto perder jamais o sentido subtil da falibilidade de todos os juízos e valorações, o que aconselha a prática constante do rigor, da boa fé e da humildade.

Criticar é também, e sobretudo, interrogar. O espírito interrogativo não é incompatível com a necessidade de afirmar, de proceder, por economia, mediante enunciações afirmativas que não se devem encarar como enunciados absolutos, mas sim como marcos que a própria progressão analítica requer, mas cujo carácter provisório e relativo é sempre modulado pelo contexto ou pelo tom específico dos enunciados. Por vezes, o próprio esforço agressivo que requer o acto de escrita, como o próprio esforço interpretativo do pensamento não independente daquela, determina essa rigidez das afirmações que deve de qualquer modo ter sempre a sua contraparte correctiva. A obscuridade e a desordem de qualquer texto poético deverá ser de ser o modo carificada, traduzida, ordenada, pela mediação crítica — e é essa talvez a primeira forma de abordagem crítica. É grande a tentação de se ficar por aí — isto é, de reduzir a irredutibilidade, de lhe dar uma funcionalidade estrutural semântica perfeitamente clara. A isso tende a «crítica científica» e, de certo modo, não parece lícito negar a validade desse procedimento. Mas, como diz admiràvelmente Jean Starobinski — «tal crítica só poderá atingir o seu alvo se consentir em rever, reajustar incessantemente o seu instrumento e os seus processos». (2) «Supõe isto — diz o mesmo crítico — a renovação ilimitada de um acto de interpretação, em que cada resultado, produto ele próprio de uma interpretação, se torna ele próprio, por seu turno, objecto a interpretar.» (3) Criticar é, por conseguinte, ser fiel a um espírito de auto-interrogação constante, pelo qual não é só a obra, como objecto, que se interroga, mas a crítica mesma, o crítico e o processo crítico que se encontram envolvidos, implícita ou explicitamente na investigação crítica. Não existe objectividade, por mais «científica» que seja, que não requeira esta constante interrogação sobre os seus próprios processos e os resultados atingidos. A consciência de que o *processus* crítico é interminável deve manter-se sempre presente ao crítico. Esse *processus* acompanha a marcha incessante do *processus* literário. Compreende-se — e é humano admiti-lo e perdoá-lo — que o crítico se esgote no seu esforço de permanente e cerrada investigação e por fim se fixe no nível dogmático ou se cristalize — é o mesmo nível ainda — na convicção de que após ele vem o dilúvio. Outorgando-se a autoridade exclusiva, seja pessoal, «intuitiva», seja impessoal escudada num sistema ideológico ou numa metodologia, o crítico que não utilize estes instrumentos com espírito interrogativo atenta fundamentalmente contra a liberdade criadora — e a própria liberdade crítica, que uma e mesma são. Creio que quase tudo está ainda por fazer neste campo da crítica criadora — chamemos-lhe assim — sem substimarmos o que alguns críticos portugueses têm já feito e continuam a fazer, nomeadamente Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, Óscar Lopes e Jacinto Prado Coelho, para me limitar apenas aos mais velhos que continuam a fazer obra válida. A crítica «científica» cabe uma acção utilíssima, embora não exclusiva — e de modo algum é ela antagónica do espírito lúcido e interrogativo, da sensibilidade e visão intuitiva. À tentação redutora que porventura lhe é inerente, como a toda a actividade científica, cumpre opor complementarmente o filosofar interrogativo, a consciência de um «não-saber» intrínseco a todo o acto criador. À explicação, quando se torne redutora, é mister opor a atenção lúcida que vê cada obra na sua unicidade irredutível. A crítica deve estabelecer esse círculo hermenêutico que integra a obra num sistema ou num conjunto de estruturas mas a reconduz por fim á sua irredutível presença que lhe confere a sua existência única de objecto estético

Lisboa, 17/8/971

ANTÓNIO RAMOS ROSA

1. In **Chemins actuels de la critique**, colecção 10/18 p. p. 188.
2. In **Diogène**, n.º 74, 1971 «La Critique Littéraire» p. 9.
3. **Ibid.**

INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. — Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?
2. — Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?
3. — Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?
4. — Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessàriamente se inscreve?
5. — A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?
6. — O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?
7. — Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?
8.— Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.

AS RESPOSTAS DE FERNANDO LUSO SOARES

1

PARA RESPONDER a esta pergunta — se existe ou não em Portugal, e hoje, uma «nova crítica» — parece-me de boa ordem começar por dizer o que entendo por ela. É que o seu conceito não corresponde a uma simplicidade de conteúdo, e este facto está na base de emaranhados mal-entendidos, de toda a «confusão» (permita-se-me o termo) que lavra no seio desta querela renovada entre «modernos» e «antigos».

Num artigo recente que escrevi para o «Jornal de Crítica» da República — «Linguagem, Metalinguagem e Crítica» — dizia que EM CONTRASTE com os de Jorge de Sena, algumas vezes vagos porque talvez demasiado generalizadas, as respostas de Fernando Luso Soares, apesar de conterem uma larga massa de **informação,** procuram sèriamente a objectividade a que convidam as perguntas.

Assim, cremos que se caracterizam bem alguns dos principais fundamentos da querela que entre nós se tem levantado entre uma «velha» e uma possível «nova» crítica literária.

Tal como nos diz Luso Soares, essa querela, além de traduzir diferentes modos de encarar o objecto de arte, manifesta não poucas vezes um conjunto de equívocos e fals
apenas uma informação e um t
podem justificar. Essa, por exe
tida mas tão pouco esclarecida
ficidade da crítica. Questão,
entre nós assumiu uma tão
portância.

Para além de tudo isto, no
tas de Luso Soares abr ...m, n
um conjunto de questõ ... que
uma estimulante proposta de
os que têm acompanhado este

cial» entenda-se porque não existe ciência alguma, nem social nem outra qualquer, livre de toda a subjectividade. O linguista, o sociólogo, o zoólogo, todos usam conceitos teóricos que pressupõem decisões subjectivas. Mas isto não é dar a palmatória aos «restelos» Os «novos críticos» têm consciência de um subjectivismo algo ingerente, mas tentam circunscrevê-lo e levá-lo em conta no interior da teoria.

Podemos concluir deste modo: a «nova crítica» caracteriza-se por uma abordagem o mais rigorosa possível da obra criticada. Em tal sentido, concluo este primeiro ponto afirmando que alguns críticos (por exemplo um Jacinto do Prado Coelho, Óscar Lopes, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, M. S. Lourenço e Nelson de Matos) realizam uma «nova crítica» em Portugal

2

COM o que disse, ficou aberto o caminho para a segunda questão — ver o que distingue a «nova crítica» dos métodos anteriores. Há, porém uma cautela prévia que não deixarei esquecida. Para responder a esta segunda pergunta preciso, com efeito, de auscultar o que a «nova crítica» e algumas «antigas» têm por sua vez de *comum*, para verificar depois qual a diferença essencial que as distingue.

Num artigo do «Jornal de Crítica» de 30 de Julho passado — «Direcções Fundamentais da Crítica» — perguntava-me, na verdade, se no momento actual, com esta ou aquela espécie de «nova crítica», não estaremos a regressar à compreensividade objectivista de madame de Staël, ao quadratismo de Villemain, ao biografismo de Sainte-Beuve, ao determinismo de Taine, ao evolucionismo de Brunetière. Punha mesmo a questão inerente: se estivermos em ablativos de regresso, quais então o significado e as coordenadas desse retorno? O que terão de *comum* aqueles processos de crítica (de Staël a Brunetière) para, apesar de evidentíssimas disparidades metodológicas, poderem figurar a meta única de uma espécie de regresso?... Mas a resposta é simples. Desde Aristóteles até hoje, a crítica (ou coisa semelhante que haja valido por ela antes do século 19) tem-se manifestado em duas direcções básicas que servomecanizam sempre os intentos críticos. Duas direcções a que apontam todos os diferentes programas: a prevalência do espírito subjectivo ou do espírito objectivo.

Será que tudo o mais (desde, por um lado, os Taine até, por outro, aos Anatole France) não passa de constituir derivações complementares daqueles lavras: acaso a «nova crítica» não representa senão um regresso ao objectivismo dois troncos? Por outras palém daquele, um outro tipo: o *dialéctico*. Explicando melhor direi que os antigos objectivismos procedem todos do positivismo científico uma forma idealista do pensamento votado ao fenomenalismo externo. A compreensão científica (exclusiva) leva, porém, a uma contradição. Por um lado a burguesia está interessada no avanço das ciências naturais, sem o que não pode racionalizar a produção de mercadorias; mas, por outro, nega-se a aceitar as conclusões ideológicas que excedem os limites das teorias estrictamente científico-naturais, e que dialèticamente derrotam a ideia de que a sociedade burguesa é perdurável como tal.

Em resumo: a «nova crítica» (um objectivismo) distingue-se dos objectivismos anteriores muito particularmente pela intervenção de uma *compreensividade dialéctica* (materialista), a par da compreensividade científica. E distingue-se da «velha crítica» porque há coisas que nem um míope é capaz de confundir. É evidente, sem duvida, que o impressionismo goza de uma

Fernando Luso Soares: há sociologias e sociologias...

mo? E será lícito, então, chamar-lhe «nova»?

Regressar ao objectivismo não significa sòmente fugir de um impressionismo, que é lírico no penultimo e gratuito no ultimo degrau. Apurado mais uma vez aquilo que têm de *comum* (neste aspecto) as correntes de madame de Staël, Sainte-Beuve, Taine Brunetière e as «novas críticas» — excepção feita a certa estilística, que me parece o caso de maior ingerência subjectivista na «nova crítica» — importa detectar a diferença geral. E ela está, a meu ver, no seguinte: todas as críticas objectivistas admitem ou requerem um tipo *científico* de compreensão da realidade—todavia, a «nova crítica» admite ainda, para a Roland Barthes alguns o consideram o primeiro e o mais lídimo representante da «nova crítica». Mas este entendimento opera restrições capazes de levar a perigosos equívocos, designadamente considerarmos dirigidas a todas as análises, que se englobam na denominação comum de «nova crítica», aquelas observações que em verdade só colhem quando incidentes sobre a teoria metalinguística do autor dos *Essais Critiques*

A «nova crítica», vista na maior amplitude do seu conceito, abrange efectivamente correntes da mais variada natureza: a análise estrutural de moldes linguísticos (Barthes, Gerard Genette, Todorov), o estruturalismo genético-sociológico (Lucien Goldmann analisando o «jovem Lukács»), uma fenomenologia das significações (Serge Doubrovsky), uma psicocrítica dos textos (Charles Mauron), a estilística (de um Leo Spitzer até aos dois Alonso, Damaso e Amado) e ainda a crítica simbólica e imagística (processos de Bachelard, Poulet Richard e Starobinsky). Por isto se nos torna evidente o que eu vinha de dizer. Frente a um campo tão extenso e complexo é deplorável generalizar argumentos contra uma «nova crítica», em vez de se discriminar arguições porventura oponíveis separadamente a esta ou àquela «nova crítica» Uma referência de conjunto à «nova crítica» não pode atender às diferenças que relativamente existem entre todas as «novas críticas». Uma referência conjunta só se pode reportar àquilo que elas entre si têm de *comum*. É isto, portanto o que passo a determinar.

Experimente-se dizer que a «nova crítica» é científica. Aí vem logo a caravana dos «restelos», em coros de protesto. Científica porquê? Científica como?... Mas a «nova crítica» é científica (ou tende para isso) em sentido análogo ao de dizermos que o teatro de Brecht é — como o próprio dramaturgo de Augusta enunciou — *um teatro científico*. Os «restelos» entretanto, não calam os seus argumentos contra a introdução de princípios linguísticos, genéticos, sociológicos, psicoanalíticos nas investigações literárias. Dizem eles que a ciência é necessàriamente objectiva, enquanto a interpretação literária se mostra irrecusàvelmente subjectiva. Aqui está, bem me parece, o nó do problema. Aqui reside a prancha onde se agarram os náufragos do impressionismo. Mas, disse-o Todorov em *Poetique de la Prose*, aquela «oposição brutal» é insustentável. O trabalho do crítico tem diferentes graus de subjectividade, conforme a perspectiva que escolheu: tanto menos elevado se cifra tal grau, quanto melhor ele procure identificar as «propriedades» da obra segundo núcleos de ciência (isto é: quanto menos se contente com a emoção que a obra lhe repercute no íntimo). Coisa simples e inegável me parece esta: que uma crítica referida a princípios científicos é mais livre, menos dogmática, do que a crítica maculada pelo dogmatismo dos pontos de vista só subjectivados. Volta-se, pois, o feitiço. Enquanto o coro dos «restelos» investe contra um pretenso dogmatismo da «nova crítica», esta objecta-lhe procedentemente com a sua isenção tendencial. «Tenden-

Novidade
JOÃO DE BARROS EDUCADOR REPUBLICANO
Rogério Fernandes
Esc. 40$00
Livros Horizonte
R. Chagas, 17-1.º D.º
Lisboa 2-Tel. 366917

e falsos problemas, que
e um trabalho deficientes
por exemplo, a tão deba-
recida questão da cienti-
estão, aliás, que apenas
tão despropositada im-

o, no entanto, as respos-
um, na sua generalidade,
que constituirão decerto
a de reflexão para todos
do este inquérito.

tradição ilustre, a partir da kanteana *Crítica do Juizo*. Mas não é menos verdade que não vejo, no céu dos impressionistas nacionais, uma estrela «Anatole France», nem outra «Lemaitre». Vejo o dr. João Gaspar Simões, apóstolo e mártir. E volto a repetir que o impressionismo, levado ao penultimo grau, é lirismo e,

atingido o ultimo, entra no pleno gratuito. Neste sentido, torna-se cómoda a actividade crítica. Nem requer mesmo, a leitura das obras criticadas.

3

A TERCEIRA QUESTÃO não é de fácil resposta, como poderia parecer. Nos termos da pergunta, importa verificar se, pelo menos ao nível simbólico, se logra estabelecer um ponto de *ruptura* entre a «velha» e a «nova crítica». Por questão de método, repara-se que a pergunta alude a *ruptura* e não a *rotura* (que não deve significar a mesma coisa). *Ruptura* será, num conceito aceitável, um corte numa linha de sequência, de direcção, de programa.

Ao nível simbólico — isto é, ao nível das «bandeiras» (ou das bandeirinhas) — é desde logo possível assinalar *um ponto de ruptura*. Paleo-estandartes e neo-estandartes arreganham-se nas pelejas de café. Mas procuremos ver um pouco mais longe, com base no conceito que temos de *ruptura* e em função daquilo que já disse na resposta n.º 2. Porque, se na verdade existem duas direcções fundamentais da crítica, a passagem de uma para outra implica *um corte* na direcção antes prosseguida. Neste sentido, a passagem de uma crítica subjectivista para uma objectivista vale efectivamente a verificação de um ponto de ruptura.

O desejo de rigor impõe, no entanto, fazermos um reparo que parece exigível. É que a digestão das sobrevivências ainda não está de todo realizada no estômago dos «novos críticos», de tal forma que por vezes a *ruptura* se desenha como uma rotura (isto é, não como uma mudança de direcção crítica, antes como alteração no complexo dos elementos críticos). Tomo para exemplo o n.º 4-d do «programa» que antecede o livro de Nelson de Matos, *A Leitura e a Crítica:* a maior parte das vezes os textos da «nova crítica» pecam por reflectir «muito mais sobre o ensaio e exercitação do seu próprio método do que, pròpriamente, sobre os textos em análise». Isto significa, na verdade, que a «nova crítica» em Portugal não deve iludir, para que não se engane nem engane os outros, o seu carácter ainda eminentemente experimental.

A aplicação da análise estrutural à literatura deu lugar às mais enérgicas impugnações, a uma querela (nova) entre antigos e modernos. Portanto, novos e antigos em *ruptura* uns com os outros. Ao mesmo tempo, porém, entre alguns elementos dos dois campos estabeleceram-se relações transitórias a compor, por seu turno, uma *unidade de rotura*. Sabe-se que, contra a crítica positivista, determinista (eivada de cientismo incidente sobre a história literária), se ergueram quase a par (relativamente, está visto) a crítica impressionista (Anatole ridiculariza a erudição, Proust e Valery ridicularizam as indagações biográficas) e as correntes do formalismo russo, do novo criticismo norte-americano e a crítica estilística. «Novos» e «velhos» constituíram aqui uma unidade de rotura, desse tipo a que alude Althusser no seu *Pour Marx*, uma reacção complexa contra a factualismo, contra o historicismo como tal. Esta unidade valeu a autonomia dos estudos literários perante as ciências. Mas (reparese no relativismo de todas estas posições) não é menos verdade que o formalismo, o novo criticismo e a estilística constituíram, ao mesmo tempo, uma reacção em unidade de rotura contra o impressionismo. Isto é: aliança e guerra ao mesmo tempo.

Só por abstracção, no entanto, (voltando ao circuito desta pergunta n.º 3) é possível falarmos de um ponto de ruptura. A crítica moderna apresenta-nos representantes n l t i d a m e n t e

Cont. na pág. 6

NOVIDADES LITERÁRIAS

OPERA OMNIA

Bocage

Volume III

ELEGIAS, EPICÉDIOS, SÁTIRAS, POESIAS VÁRIAS, FRAGMENTOS, ELOGIOS, ELOGIOS DRAMÁTICOS, DRAMAS ALEGÓRICOS, FRAGMENTOS DRAMÁTICOS, TRADUÇÕES

Preparação do texto e notas pelo Prof. José Gonçalo Herculano de Carvalho e Maria Helena Joachin

Uma homenagem, até hoje única, á figura de Bocage, numa edição organizada segundo rigorosas normas críticas

Edição normal: 45$00
Edição especial: 100$00

Colecção Autores Universais

Série Monumental

NÃO QUERIA ESTAR NA TUA PELE

Gilbert Cesbron

O itinerário espiritual e dramático de dois negros simultâneamente atraídos pela cultura ocidental e pela tradição africana

70$00

Nova Colecção Ilustrada de Júlio Verne

A ILHA DE HÉLICE

II volume

DISTÚRBIOS NO PACÍFICO

História de quatro apaixonados pela musica que vivem uma aventura fascinante numa ilha que se desloca através dos mares

Ilustrações de L. Benett

25$00

LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 — AMADORA

Prontuário das Letras

O que os poetas fizeram em 1970

Quando Egito Gonçalves e Manuel Alberto Valente começaram a preparar para a Inova o volume «*Poesia 70*», escolha da poesia portuguesa aparecida no ano passado em livro ou não, um amigo espantou-se com o cometimento e disse-lhes redondamente: «Suponho que não dará mais do que uma dúzia de poemas;» Pois deu bastante mais: «*Poesia 70*» apresenta 232 poemas de 86 autores, com larga representação de poetas a que poderemos chamar novíssimos.

Para os dois antologiadores, eles próprios representados no volume, tratava-se de oferecer ao público uma amostragem relativamente ampla. E explicam: «No caso de autores conhecidos, a escolha do melhor que tivessem publicado (o melhor segundo o nosso critério: aqui é que funcionava o espírito de antologia), salvo quando considerávamos que os poemas de que dispunhamos estavam abaixo do nível normal do próprio poeta e portanto não o representavam. No caso dos autores pouco conhecidos, a prática levou a seleccionar primeiro os autores que pareciam de melhor nível no conjunto dos poemas que se nos apresentavam, e só depois a escolher de cada um deles o trabalho que o representaria.»

O leitor encontrará, entre outros, Alberto de Lacerda, António Ramos Rosa, Armindo Rodrigues, E. M. de Melo e Castro, Egito Gonçalves, Eugénio de Andrade, João José Cachofel, José Gomes Ferreira, José Régio, Luís Veiga Leitão, Mário Cesariny, Miguel Torga, Natália Correia, Raul de Carvalho, Ruy Belo, Ruy Cinatti, Sophia de Mello Breyner Andressen e Vitor Matos e Sá, mas também nomes tão novos como os de António Barbedo de Oliveira, Carlos Marques Queirós, Fallorca, Frederico Zuido, J. Cerqueira, João Cotrim, José Agostinho Baptista, José Rogério Mineiro Carrola, José de Sainz-Trueva, Manuel Ribeiro Santos, Orlando Cardoso, Sérgio Paulo das Neves Rodrigues e Sousa Fernando, quase todos oriundos do extinto «*Diário de Lisboa Juvenil*». Em resumo: uma boa oportunidade para «pesar» o que os nossos poetas estão a fazer neste começo da década.

Egito Gonçalves

M. Alberto Valente

Leitura de férias

«Meu querido Ramalho

Tencionava partir além de amanhã para aí — mas mudei de resolução em vista destas considerações:

Os médicos prescrevem-me impreterivelmente, urgentemente, o uso dos banhos de mar. Para os nervos, para a anemia e para a vista. Ora eu não quero tomar banhos nas praias de Lisboa, que são ou de lodo — ou de *soirée* dançante — coisas igualmente detestáveis.

Tenho pois de tomar banhos ou aqui na Foz, ou em Espinho; por consequência se fosse a Lisboa tinha de voltar em Setembro, querendo Deus: só em viagens gastaria 4 ou 5 libras — o que é anti-económico. Resolvi pois ficar e ir já para a Foz.

(...) Seu Queiroz.»

«*Cartas de Eça de Queiroz*», Ed. Aviz, 1945.

Eça: os banhos de mar

Uma voz dos Açores

Saiu em Ponta Delgada (colecção Gávea Glacial, n.º 5) um novo livro do ficcionista Dias de Melo, autor de um romance que marcou data: «*Pedras negras*» (Portugália Editora, 1965). Chama-se «*Cidade cinzenta*» o volume, constituído por cerca de trinta textos que oscilam entre a crónica e o conto.

«Este livro não é bonito», adverte o autor. «Não tem nada de folclórico». Pelas suas 160 páginas perpassa de facto todo um clima asfixiante que nos dá a medida (cruel) do viver insulado. Obra de intervenção, lê-se como um grito incómodo.

O manuscrito de Saragoça

«Obra-prima da literatura fantástica de todos os tempos»: assim considera Roger Caillois esse fabuloso «*Manuscrito encontrado em Saragoça*», que o conde polaco Jan Potocki (1761-1815), viajante incansável e enviado do czar de todas as Rússias à longínqua Mongólia, escreveu directamente em francês. A Estampa acaba de traduzi-lo para português, enriquecendo a sua, aliás, excelente colecção Livro B.

Estudioso de temas históricos, arqueológicos e linguísticos, o conde Potocki articulou no «*Manuscrito*» uma série de lendas de carácter esotérico coligidas no decorrer das suas investigações. O fantástico e o macabro são aqui encarados com uma nova sensibilidade que antecipa a grande literatura romântica de horror.

INQUÉRITO

AS RESPOSTAS DE FERNANDO LUSO SOARES

Cont. da pág. 5

distanciados uns dos outros. Sartre, Barthes, Bachelard, Goldmann e Mauron, entre outros, são expoentes de crítica que se referem, de modo consciente, às grandes ideologias do nosso tempo, tais como o existencialismo, o marxismo, a psicanálise. Digamos então que se divizam *vários pontos de ruptura numa unidade de rotura* — um ponto *comum* de ruptura entre a «nova» e a «velha crítica», que já não fica meramente ao nível simbólico. As assunções temáticas da «nova crítica», porque o crítico tem nítido em si o instrumento do seu trabalho, são com efeito uma forma de responsabilidade e de consciência.

Em resumo, todo o problema desta pergunta pode solver-se na distinção seguinte: *a)* a «nova crítica», como objectivismo que corta o passo à direcção subjectivista da «velha crítica», é uma *ruptura; b)* das «novas críticas», cada uma de per si (na sua especificidade de crítica) constitui *um ponto distinto de ruptura; c)* e, não obstante a especificidade de cada uma, as «novas críticas» unem-se numa direcção única de «nova crítica», criando uma *unidade de rotura*, capaz de produzir a *ruptura* assinalada na alínea «a».

4

O QUARTO PROBLEMA consiste em verificar se a polémica entre uma «velha» e uma «nova crítica», mais do que um conflito de gerações, traduz diferentes modos de encarar o objecto de arte.

Para mim, pelo menos, em tal polémica não está em causa um conflito dessa ordem. Já falámos em aliança e guerra ao mesmo tempo. Arguição, lide ou disputa literária existe, sem dúvida, a propósito desta dualidade «velha» e «nova crítica», como aliás existe no seio da própria «nova crítica», toda ela em unidade de oposição contra a antiga, mas todas elas polemizando entre si a validade, ou porventura até a graduação hierárquica dos seus contributos para a análise das obras. E tudo isto seria suficiente para contrariar a ideia de que um conflito de métodos vale um conflito geracional. Procurarei, no entanto, ser mais preciso, a partir de um conceito possível de *geração literária*, e depois de reconhecer que a pergunta n.º 3 estriba no facto de este conceito constituir um instrumento que os analistas do fenómeno literário têm usado com eficácia.

Geração literária é um analogado mais ou menos remoto daquilo que Hauriou conceituou como «instituição»: ideia de obra ou empreendimento (literário neste caso) que polariza várias pessoas com programas idênticos e intenções duráveis. Eis porque talvez se poderá definir geração literária como um grupo de escritores comparticipantes de um mesmo circunstancialismo histórico, e prossequentes de teorias estéticas afins. Mas ocorre esta pergunta: se acaso não se verifica uma tal afinidade entre os métodos das várias «novas críticas», capaz de as ter unificado (abstractivamente) num só tipo que designamos por «nova crítica».

Os novos críticos compartilham no reconhecimento de que a crítica se deve cientificar para poder ser objectiva. Deve portanto praticar-se o mais distanciada possível das arbitrariedades líricas e vacuidades empenachadas, para onde resvala o impressionista que não é Anatole France, e todo o subjectivista que, por hipótese, leu às escuras (ou não leu, por qualquer motivo de fastio ou desfastio) a *Crítica do Juízo*. Intento de objectivismo, porém, não é factor suficientemente carnificado para informar uma geração literária. Quando muito esse intento, esse processo de actuação, e na medida em que se afirma predominante, será capaz de definir um *período literário* da crítica. René Welek diz-nos, na *Teoria da Literatura*, que período literário é uma secção de tempo dominada por um sistema de normas, convenções e padrões literários. É então aceitável que a dominância de um padrão objectivista defina o período da crítica actual. Mas, evidentemente, não institui uma geração literária. Aliás, ainda é possível aduzir mais um factor demonstrativo de que a «nova crítica» não pode constituir, em si mesma, uma geração. Os elementos co-geracionais, para o serem hão-de compartilhar de uma idêntica concepção do Homem. Ora — como notou Barthes nos *Essais Critiques*, e já o disse na resposta anterior — na «nova crítica» inserem-se dados de raiz existencialista, marxista, psicoanalítica e fenomenológica, além de outros mais.

Quanto à segunda parte desta quarta pergunta, tenho como certo que a polémica entre a «velha» e a «nova crítica» se traduz numa diferença modal de encarar o objecto de arte. A resposta está implicitamente dada com o que venho a dizer desde o início: a «nova crítica» busca um enfoque da realidade literária, um enfoque da realidade quotidiana e a relacionação destes dois enfoques, tudo ao nível objectivo, o que lògicamente implica a abstenção das estimativas subjectivistas de valor. Uma frase, aliás, concentra e significa toda a crise deste último comportamento, todo o beco irresolúvel da velha crítica. Ela vem no n.º 1 do capítulo 2.º da introdução que Goldmann escreveu à filosofia de Kant *(Origem da Dialéctica — a comunidade humana e o universo em Kant)*, versando «a categoria da totalidade no pensamento kantiano e na filosofia em geral». Segundo Goldmann, a «tragédia de Kant e de Goethe, da *Crítica do Juízo* e do *Fausto*, (é aquela) em que o homem só atinge a totalidade na aparência subjectiva e não na realidade concreta e autêntica». Ora, coisas como esta podem evidentemente ser entendidas por qualquer impressionista, como revelou aliás o dr. João Gaspar Simões numa crítica recente (publicada em jornal de 21 de Janeiro passado), onde, aludindo a uma «*essencialidade ontica*» (sic) pedia vénia para «também meter a colher no caldeirão da filosofia». E eu acho, na verdade, aconselhável a atitude, pois receitas desta natureza não podem fazer mal a ninguém.

Luso Soares: a crítica deve cientificar-se

Trata-se, decerto, de colheradas avulsas. Em regra o dr. Gaspar Simões recusa a incursão da filosofia na questão das letras. Ainda há pouco ele decretava na sua tribuna de «5.ª feira à tarde», do Diário Popular de 22 de Julho: «Em verdade, de uma vez para sempre e inequìvocamente, estamos cientes de que a filosofia das letras não afecta em coisa alguma as próprias letras de que a filosofia da arte não altera em coisa alguma a arte em si». Mas, falando francamente, sempre direi o que penso do assunto. O ilustre impressionista desdenha a «filosofia das letras» porque não pode jogar com ela e sempre é cómodo dizer-se uma pessoa não inimizade daquilo que não lhe está dentro.

Não consigo é perceber uma coisa que me parece muito singular. «Qual o crítico mais justo e mais verdadeiro?» — interrogou-se António Quadros um dia. Ao que respondeu a (págs. 15 de *Crítica e Verdade)*: «Aquele que seja o mais agudo e o mais universal filósofo, aquele que nunca repudie e nunca aprove inteiramente o ente artístico, aquele cuja visão é tão larga, que sempre está em simpatia para com o erro alheio porque o compreende isto é, reconhece o seu coeficiente de irredutível coisificação e ao mesmo tempo a sua abertura, a sua potencialidade de aperfeiçoamento e sublimação. Em última análise, a criação crítica que de si tenha inteira consciência resolve-se em criação filosófica, considerado o ente literário como figura e forma vital, conjuntamente com outras figuras e formas vitais de cariz antropológico».

Repare-se nesta conclusão de António Quadros: *a «criação crítica» que de si tenha inteira consciência resolve-se em «criação filosófica»*. Em consequência, como o dr. Gaspar Simões rejeita expressamente uma «resolução» desta natureza, dever-se-ia concluir que António Quadros negaria a «inteira consciência» crítica daquele «velho crítico». Então como explicar, senão por uma simpatia *acrítica* de Quadros para com o dr. João Gaspar Simões, que ele declare (como declarou no seu «Caderno Diário» de 8 de Agosto passado) que o crítico de *Literatura, Literatura, Literatura* — que, de filosofia, só admite a solitária colherada — represente o expoente válido do «aristarcismo nacional», porque, como também Quadros profundamente decidiu, os novos críticos ainda sabem pouco?!?...

5

EIS OUTRA PERGUNTA: o que de novo trouxeram para a crítica aquelas disciplinas científicas a que de algum modo a «nova crítica» se encontra ligada?

Fundamentalmente a meu ver, a possibilidade de uma *crítica da crítica*, sem que se envergonhe, de si própria a crítica. Tal como fez Raymond Picard em face do *Sur Racine* de Barthes, o nosso típico velho crítico condena a «nova crítica» em bloco, em nome de ter chegado primeiro (pelos anos trinta), quase — como no paralelo do que disse Doubrovsky no post-prefácio da *Pourquoi la Nouvelle Critique* — em nome da França (aqui, claro, em nome de Portugal). Se nos convencermos, porém, de que o fenómeno é sempre escleròticamente fatal (o de os «restelos» combaterem absurda e inùtilmente os novos caminhos da Índia), havemos de colher aquilo que, como acabei de dizer, a «nova crítica» trouxe, por intermédio da sua tendencial cientificação, para a teoria da crítica: a possibilidade de uma crítica da crítica, a qual, com base *no*, ou a partir *do* impressionismo e do subjectivismo, é coisa sèriamente impossível.

«*Aimez-vous Barthes?*» — pergunta Doubrovsky no dealbar de seu livro. «*La nouvelle critique, pour sa part, refuse d'attendre Godot*». Ela tem consciência de que há descobertas e métodos de descoberta, e arranca para eles. Não espera. Se todo o sistema crítico implica a utilização de referências, parece-me que as primeiras, as independentes, as mais objectivamente explicativas da obra de arte, são as científicas. Mas, óbvio se torna, cada disciplina de ciência dominante no espírito do crítico implica uma opção e, ao mesmo tempo, uma leitura diferente. Não é arbitrário ler ou interrogar um texto consoante a economia, a sociologia, a psicanálise, a linguística. Cada abordagem, por efeito de que se lhe muda o norte, conduz a um novo contexto, termos diferentes e interiores (de um só interior), onde reinam diferentes coerências (de uma só coerência). Insistem os «restelos» que nunca a análise literária poderá atingir a objectividade e o rigor de uma verdadeira ciência. O que não pode, porém, ser negado é que, por exemplo, a análise estrutural possibilita uma objectividade e um rigor muito maiores do que os conseguíveis por meio dos métodos empíricos da crítica tradicional. A ambiguidade da escrita literária, a polivalência que a funda — dirá Starobinsky numa síntese feliz — resulta em *plusieurs organisations du même organisme*.

Antes de terminar esta resposta, quero explicar-me melhor quanto ao que afirmei há pouco: que a «nova crítica» torna possível *uma crítica da crítica* dentro do seu quadro abstractivo. Assim, por exemplo, ainda que aceite o contributo da ciência linguística, cuidaria de recusar o seu domínio absoluto ao ponto de se chegar à identificação barthiana entre metalinguagem e crítica; e ainda que reconheça a contribuição da psicanálise, não deixarei de contestar-lhe o ela sublinhar uma (pretensa) perpetuidade e invariabilidade dos mecanismos psíquicos fundamentais do inconsciente, a ponto de justificar os defeitos da sociedade capitalista como manifestações inevitáveis das tendências inconscientes do homem. A «nova crítica» traz pois, consigo, a dialéctica interna de si própria. Traz, portanto, uma marcha múltipla no redescobrir a realidade já descoberta ou revelada pelo objecto de arte.

6

O QUE É, afinal *criticar*? Ou, por outras palavras, em que consiste a *crítica*?

Recordo a afirmação de um professor de direito cujo ensino era este: que em Roma o direito romano começara por não existir, tendo depois existido. E, segundo resam as crónicas, este asserto docente rotulava-se com o título de «origens do direito romano» — ou uma coisa pouco mais ou menos assim. Paralelamente, entretanto, o dr. João Gaspar Simões ensinou-nos semelhantemente ao escrever, como deparamos a pág.s 13 de *Literatura, Literatura, Literatura:* «A crítica literária portuguesa tem atravessado várias fases. Tendo principiado por não existir, e não existia, realmente, quando Moniz Barreto publicou na «Revista de Portugal» o seu estudo sobre *A Literatura Portuguesa Contemporânea*, ei-la que adquire esplendor digno de uma grande cultura na primeira metade do século XX, depois que toda uma geração se revelou simultâneamente dotada de predicados críticos e criadores. É nesta fase, sem dúvida das mais notáveis na história das nossas letras, que a crítica literária nacional se apresenta pela primeira vez na sua dupla função de interpretadora e orientadora».

Ao capítulo donde retiro esta passagem chamou-lhe o autor «Crítica Autocrítica» e é, na verdade, assim. Referindo-se *autocriticamente* à geração da Presença, o ilustre crítico acaba de escrever esta nota marginal (no Diário Popular de 29 de Julho ultimo): «Por aí deviam principar, pela consulta das gazetas da década de 30 (deste século), antes que o meu Golgota principiasse, o inquérito às razões profundas de um apostolado

SALDOS
NA QUADRANTE
LIVROS BRASILEIROS E INGLESES
AGOSTO e SETEMBRO

que custa ao seu imprudente pregador os levianos juízos dos que estão gozando das bem-aventuranças que ele lhes preparou». Em suma, parece que *(depois de ter principiado por não existir)*, passou a crítica a existir em Portugal como «interpretação», «orientação» e «apostolado». Mas voltemos, apesar desta autocrítica (auto-apologética), a perguntar o que é afinal a crítica.

As obras clássicas guindaram-se em determinado período literário (no neoclássico ou renascentista) à categoria estética de normas de comportamento». O renascimento atinge o máximo deste entendimento (crítico) ao conferir a um imitativo das regras greco-latinas a categoria de valor de aferimento. É, como se sabe, o período da «preceptiva», que outros chamam «dogmático-hedonista», onde o bom gosto se funde e se confundem com a obervância das regras clássicas de composição. Trata-se de uma forma de comportamento que subsiste até se operar a nítida ruptura. Isso acontece com o barroco, o qual sustenta individualisticamente o direito à diversidade e à extravagância. É afinal o romantismo enraizado nas *Confissões* rousseaunianas: *Je ne suis fait comme aucun de ceux qui existent*. Mas, chegados aqui, colhemos esta observação que me parece importante: a crítica moderna (a crítica, enfim) nasce como consequência de todo um processo de individualização, de toda uma forma de relativismo estético, oponente e vencedor da preceptiva».

Estou com M. S. Lourenço, quando afirma que «como instrumento crítico um juízo de valor é de interesse nulo». O juízo crítico de valor é, na verdade, a forma menos subtil de uma petição de princípio. Valorar implica um critério, um ponto de apoio — o qual, antes de Madame de Stael era a «canónica», um «código de preceitos». Para os impressionistas, o fundamento passou a ser-lhes o bom gosto pessoal, o que vale outra forma de dogmatismo. A estimativa valorante implica sempre o uso de um código, ou objectivo de preceitos, ou subjectivo de feitos e defeitos. Por isso mesmo, parece-me certo dizer que a verdade de uma obra é uma «verdade de coerência», não em primeira linha uma «verdade de correspondência».

Penso que a crítica é, em suma, uma visão penetradora da obra, realizada mercê de um instrumental de disciplinas (auxiliares), com o fim de lhe descobrir todas (ou o maior número) de suas linhas de significação, como tradutoras da odisseia existencial do homem. Neste sentido parece-me que ela tem uma função mediata, isto é, *mediadora de compreensões*. E, com o dizer assim, fica uma porta aberta para a resposta seguinte.

7

O PROBLEMA agora proposto consiste em ver se a crítica completa o processo de *produção* iniciado pela escrita, isto é, pela obra.

A este propósito, antes de ir adiante não deixarei de notar a particularidade (para mim adequada ao real e impugnante das posições estéticas idealistas) de, nos termos da pergunta, a criação literária ser qualificada, não uma *criação*, mas verdadeira *produção*. É o que eu sustentei no n.º 1 do primeiro ensaio de *Literatura, Dialéctica, Estrutura*, bem assim numa pequena nota que publiquei no «Jornal de Crítica» de 16 de Abril último, a propósito da edição portuguesa do livro de Macherey, *Para uma Teoria da Produção Literária*.

Feita esta ressalva, julgo oportuno chamar a atenção para um curioso volume acabado de editar pela «Plon». *L'enseignement de la Littérature* vem a lume sob a direcção de Doubrovsky e Todorov, constituído pela intervenção deposta e dialogada de uma trintena de especialistas, entre eles Roland Barthes, Gérard Genette e Greimas. Precisamente o texto de abertura, de Bernard Pingaud, aborda o tema daquilo que pode significar ou não para o escritor o ensino (e, digamos nós, a crítica) da literatura. E Pingaud começa por esta pergunta: que pode representar, para um escritor, o ensino da literatura (e, pergunto eu a prática da crítica)? Porque a questão justifica-se na medida em que temos tendência para pensar que existem duas actividades rigorosamente complementares: o *escrever* e o *ler*. Quem pensa assim, nega a *priori* a necessidade de se intrometerem (entre o escritor e o leitor) aqueles «parasitas» chamados críticos. Teríamos a obra de arte considerada como artigo de consumo totalmente acabado, capaz de satisfazer as necessidades ledoras do consumidor-leitor.

Pinguad, traduzindo (o que é importante) o ponto de vista do escritor, não o de um crítico ou teórico, desde logo se define. Ele considera infundado o puro binómio «escritor-leitor», por duas ordens de razões. Em primeiro lugar porque a comunicação, que o texto literário significa, *ne se fait pas toute seule*. Ela supõe um certo número de mediações, já que o escritor não cai do céu (ponto de vista análogo ao do meu ensaio sobre «Algumas coordenadas da poesia de Fernando Namora», quando sustentava que um verdadeiro conceito de «criação» implicava necessàriamente a ideia de um criador, isto é, de um produtor muito especial, um produtor *ex nihilo*). O escritor encontra-se submetido a um condicionamento sociológico, económico, ideológico. Nasce e vive com outros e a par de outros. Os livros são réplicas ou paráfrases (uns dos outros) também Em consequência, o analisar as mediações, o situar uma obra na função de todas as coordenadas, eis a crítica como processo de uma continuação Neste sentido, direi que a crítica completa, prossegue, a produção iniciada pela «escrita».

A segunda razão implicada no texto de Pingaud ainda me parece mais significativa. É circunstancial — diz ele. De há meio século a esta parte, tem-se a literatura afirmado cada vez mais consciente: é *crítica* e, ao mesmo tempo, *criação*. Crítica dos seus próprios mecanismos, «romance do romance». Mas esta literatura do «recherche» (no sentido de uma investigação científica) é, por definição, difícil. Requere-se, para apreciá-la e para lhe apreender o sentido, uma certa preparação cultural. Eis cada vez mais justificado o ensino da literatura, cada vez mais fundada a razão de ser da crítica. E uma vez mais ainda revelado que ela continua o processo de produção iniciado pela obra criticada.

8

E POR FIM, então, a última pergunta: como encarar a actividade prática e o desiderato da crítica? Mas as duas partes desta proposição (designadamente a segunda) já tiveram resposta no n.º 6. Reservo, pois, o espaço que resta para concretizar melhor o «como» da actividade crítica que elejo.

Começo por rejeitar a obcessão linguística (exclusivista) de Barthes. Igualmente a sua tese de que a «escrita» não vale como instrumento de comunicação. Rejeito, por isso, a pretensão só formalista do autor dos *Essais Critiques* — que o papel da crítica seja ùnicamente o de elaborar, por si mesma, uma linguagem cuja coerência, lógica, ou sistemática possa «integrar» a maior quantidade de linguagem do texto criticado. No meu artigo sobre «Metalinguagem, Linguagem e Crítica» (na República de 13 de Agosto passado) recusei a *desumanização nadificante* de Barthes, que tem um analogado curioso, mas compreensível, no objectivismo desumanizado do novo-romance, de Robbe-Grillet. E ao criticar o último livro de poemas de Melo e Castro, *Área e Vazio* (no Jornal do Fundão de 8 do mesmo mês) rematava por forma que me parece de útil transcrição: «Tanto em mitologia como em linguística — escrevia Lévi-Strauss em 1958 a págs. 266 da sua *Anthropologie Structurale* — a análise formal põe imediatamente a questão do «sentido». Aliás, a condenação de uma concepção artística do texto literário resultou bem expressa em *Pourquoi la Nouvelle Critique*, de Doubrovsky. Se a linguagem é essencialmente um esforço de recuperação prática e simbólica do ser, semelhante natureza mais verdadeira se mostra ainda na linguagem literária. Com ela, efectivamente, o homem exprime o sentido total da sua existência, e não este ou aquele outro aspecto particular, especializado, da sua actividade prática».

Esta frase serve-me, afinal, para rematar. Na época de hoje, caracterizada pela permanente revolução das ciências humanas, a crítica não pode confinar-se aos esquemas tradicionais. A «nova crítica» nasceu da reflexão sobre as grandes linhas do pensamento moderno: marxismo, freudismo, existencialismo, estruturalismo. A crítica fechada oponho a crítica aberta, num sentido algo distinto da ambiguidade definida por William Empson e Umberto Eco. Mas quando falo de ecletismo não quero dizer que aquelas grandes disciplinas, e as ciências, sirvam a crítica de qualquer maneira, ao gosto do momento e das circunstâncias. Creio que o norte se encontra para os lados de Lucien Goldmann. E limito-me a dizer «creio», pois a «nova crítica» prometida por Goldmann pouco mais do que ficou esboçada na «Introdução aos Problemas de uma Sociologia do Romance», na «Introdução a um Estudo Estrutural dos Romances de Malraux», e no último ensaio do livro a que tais introduções respeitam *(Pour une Sociologie du Roman)*, intitulado «O Método Estruturalista-Genético na História da Literatura». Busca de relações entre as formas novelescas, em si mesmas consideradas, e as estruturas do meio social em que dialèticamente se desenvolvem — eis como vejo o norte prático da crítica «nova crítica» que elejo. Mas a caminhada é ainda longa, extenuante. Não esqueçamos o facto de Goldmann ter morido sem deixar uma formulação teórica, sistemática, da sua teoria. Ainda talvez o melhor recurso, de que dispomos, seja o seu artigo «L'esthétique du jeune Lukács», que vem incluído em *Marxisme et Sciences Humaines*, Gallimard, 1970: falando de Lukács e das três primeiras obras do mestre, Goldmann definia-se estèticamente.

Fecho com a interrogação que me baila no espírito a propósito de todos estes problemas: «Quem tem medo da sociologia?» É que há sociologias e sociologias. Mas por ora o melhor é acabar.

FERNANDO L. SOARES

INGLÊS BÁSICO

A lista consta de 850 palavras: «Um aluno **MUITO** rápido, com treino especial, pode aprender 100 palavras numa hora. Um **BOM** aluno, conhecedor de mais de uma língua, pode aprender 50 palavras. Um aluno **NORMAL** 30... não em classe. Aluno que leva uma hora para aprender menos de 20 palavras... má memória.» (C. K. OGDEN).

INGLÊS

FUNDAMENTAL

Interlinguistas actuais recomendam o Método Fundamental: 1500 palavras, a 20 palavras por dia, aprendem-se em 2 meses e 1/2.

Como é lógico, só ingressam no **FUNDAMENTAL** alunos aprovados em testes de **BASICO.** Nestes testes geralmente fica reprovado quem tenha estudado cinco anos por método só «gramatical» ou quem tenha estudado, como principiante, pelo método «directo», método este considerado «idiota» por Sweet (1899) e «ridículo» por Bodmer (1968). «O método directo foi a pique», segundo o «Guide» da Associação Audio-Visual de Línguas (Londres, 1965).

Há ainda os **BASICOS CIENTÍFICO, FILOSÓFICO** e **LITERÁRIO,** em cujos testes ficam reprovados muitos universitários.

NO CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS (Rua Mouzinho da Silveira, 25, Lisboa-2) o Director, Prof. Vasco Botelho de Amaral, recomeça a ensinar **INGLÊS BÁSICO** e **PORTUGUÊS BÁSICO** (para estrangeiros) em Setembro. Depois de testes, começará o **FUNDAMENTAL,** também.

NO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

Cont. da pág. 1

mas para os 600 que se inscreveram (e pagaram, ou obtiveram bolsas oficiais para o efeito) ficando de fora, por limitação do anfiteatro, mais de duzentos. Curso de 20 conferências diárias que não pode deixar de ser assim, mas que, em entrevistas com grupos mais interessados, vindos de institutos universitários, de Ciências Sociais e de Comunicação sobretudo, se completa ou esclarece pràticamente.

A função experimental da sociologia da arte não pode, naturalmente, resolver-se numa situação *ex cathedra*, mas também não pode privar-se das suas premissas que, num meio em rápida evolução como o Brasil, são especialmente necessárias, como fixação conceptual ou nacional no tempo mobilíssimo — referência teórica que o dinamismo da praxis, aqui tão ameaçado de obsolescência, tende a esquecer.

Mas estas 600 pessoas da audiência põem, para além do problema técnico do discurso oral, a vários níveis de explicitação, o problema maior do seu próprio interesse e do porquê dele — o que é já, em si, um problema de sociologia da arte, mais para pesquisador brasileiro que para visitante português...

TAMBÉM o interesse da numerosa assistência tem que ver com o interesse do Museu de Arte, com os seus programas e com a sua função cultural na cidade. Ao mesmo tempo, essas mesmas pessoas são levadas aos espectáculos teatrais (de «teatro de cordel») do museu, a seus concertos e a outros cursos, enquanto, além do acervo, as exposições se sucedem, neste momento, de informação cronológica sobre a História da Arte, de fotografias surrealistas (de Boris Kossoy) com apresentação de um album seu, e da retrospectiva do arquitecto pioneiro do modernismo em São Paulo, o russo Gregori Warchavchik, hoje com 74 anos, que aqui fez a sua primeira edificação em 1927 — em curiosa (e não significativa) contemporaneidade com idêntico modernismo «vintista» em Lisboa. E também o lançamento. «promocional» como se diz, da revista «Colóquio/Artes», da Fundação Gulbenkian entrará no programa do museu, aproveitando a minha estada aqui.

Excelente sede, como obra maior de arquitectura, acervo, programas culturais audiovisuais, serviços bem montados e conscientes, sem tolas burocracias para a sua utilização (uma fototeca bem encaminhada, a possibilidade de fazer duzentos «slides» em 24 horas) — tudo isso faz do «Museu de Arte Assis Chateaubriand de São Paulo» um instrumento cultural eficaz, ao ritmo do nosso tempo.

Falando do êxito (ao menos quantitativo) do curso de Sociologia de Arte, um cronista famoso escrevia em título de sete colunas de jornal que isso era São Paulo. É — e de modo algo exemplar, se atentarmos bem no complexo em que se insere, de uma acção museológica concreta e moderna.

...CUJO orientador, o prof. P. M. Bardi, director do Museu, vai até ao ponto de concordar comigo em que se impõe criar e definir um novo conceito funcional de museu — do qual venha a arredar-se, necessàriamente, como conotação indesejável senão risível, hoje em dia, a obsoleta, gasta e triste designação de «Templo das Musas»...

os monumentos absurdos

O FENÓMENO ARTÍSTICO actual envolve certas realizações e atitudes polémicas que reflectem uma rebeldia perante o sistema assimilador das sociedades de consumo. Muitas dessas atitudes e realizações, por vezes excessivas, contraditórias e efémeras, dão-nos a medida de uma crise de objectivos e da própria crença do homem no seu destino. Os meios técnicos mais complexos são com frequência esvaziados do seu real conteúdo porque postos deliberadamente ao serviço de projectos tão ambiciosos como gratuitos — formas irónicas e inquietantes de negação dos signos de toda uma cultura.

Dore Ashton, em artigo publicado em «L'Art Vivant», fornece-nos alguns aspectos dessa situação pela análise à obra de certos artistas americanos e denuncia assim um pouco da crise do pensamento contemporâneo pela crise que a própria realidade estética reflecte.

Claes Oldenburg: na praça pública

MONUMENTS POUR NULLE PART OU POUR N'IMPORT OÙ (1)

FALANDO da época em que ainda havia uma Escola de Nova Iorque — pelo menos segundo o que pensavam alguns críticos — Willem de Kooning resumia a situação da seguinte forma: «Na verdade, o pintor não era sempre completamente livre. Nem tudo derivava da sua própria escolha, mas graças a isso ele encontrava com frequência novas ideias.»

Em pouco tempo, os jovens artistas viram ainda mais reduzida a sua liberdade sob a ofensiva opressora e sempre renovada do consumidor burguês. A isso eles responderam simplesmente restabelecendo uma velha tradição americana: a de recusar os critérios artísticos burgueses. Os contestadores mais agressivos surgiram no fim dos anos 50, com os «happenings». Pouco depois de 1960, Claes Oldenburg, num tom mais de desengano do que de ironia, resumiu assim toda essa evolução: «Se ao menos eu pudesse esquecer totalmente a noção de arte! De facto, nem acredito que alguém o consiga. O burguês alimenta a ideia de se deixar agredir de tempos a tempos, ele gosta disso, mas depois é aos outros que cerca. O acto termina então e ele fica á espera do seguinte.»

Oldenburg, no momento em que ele próprio correu o risco de acabar «cercado», reagiu como muitos outros artistas da sua geração. Livrou-se do salão burguês, o museu, para se implantar na praça pública; ou pelo menos nos lugares magnificamente imaginados para lá do campo de acção da burguesia. (Mesmo assim, viu-se ameaçado: uma das suas obras, na qual se integrava uma embalagem fálica de «baton», foi para a Universidade de Yale).

Na ironia dos seus projectos de monumentos, como no tom sério dos seus comentários sobre a sociedade, Oldenburg queria sem dúvida realizar o seu principal desejo de escapar á rede da burguesia. Um projecto como o do seu «Monumento á imigração», que imaginava um recife colocado no porto de Nova Iorque para provocar «naufrágio após naufrágio, até se erguer uma enorme acumulação de cascos de navios destroçados e ferrugentos no centro da baía, explica bem a natureza da sua aspiração. Essa ideia ilumina também o carácter essencialmente polémico da sua posição estética. Os seus monumentos, que parecem concebidos para lugares e circunstâncias bem determinados, são com efeito esboços para um mundo impossível, feitos ùnicamente á medida dessas terras irreais para onde o autor voa hoje constantemente, ao longo da sua vida pública itinerante.

RECUSA E AFIRMAÇÃO

Este caminho que Oldenburg adoptou recentemente, com muitos outros autores, visa em certa medida evitar o entesouramento por parte do mecenas burguês, confundindo a sua suficiência. Estes artistas têm temperamentos muito diferentes, como acontece em qualquer grupo de artistas, mas todos experimentam a necessidade de se situar em lugares que nenhum indivíduo possa ocupar a título exclusivo. Eles renunciaram á concepção tradicional da arte, desenvolvendo as primeiras tentativas de uma definição sua. Alguns trabalham segundo uma estreita ligação entre a arte e a ciência. Outros, num estilo visionário, são geómetras profissionais. E outros ainda, humoristas. Não têm em comum senão a sua determinação de escapar aos limites de uma definição, de uma escola ou de um país, e ao mesmo tempo a sua inquietação insaciável. Os seus sonhos são literalmente monumentais, embora fosse necessário reestudar, depois da sua obra acabada, o próprio conceito de monumento.

Oldenburg: mais desengano que ironia

Hans Haacke, por exemplo, não pode conceber um monumento que não seja efémero. Vagueia pelo mundo em busca de lugares naturais onde possa intervir. Para as suas tentativas, apoia-se nas «leis naturais» que julga articuladas em sistemas sobrepostos uns aos outros. No sentido de criar equivalências desses sistemas, Haacke remete-se ao ambicioso projecto de se regular pelas leis que determinam o impulso vegetal ou, numa maior audácia, pelas grandes leis que governam as quedas de água. O seu monumento á pequena estatura do homem, com um cabo estendido sobre uma catarata, dá com eloquência a medida de tais projectos. Como muitos outros artistas que pensam as suas obras para o ar livre, Hans Haacke desafia a própria noção de monumento que a cultura ocidental estabeleceu.

Carl Andre, cujas obras, extremamente primárias, fácilmente desmontáveis, devem ser executadas por ele mesmo «in situ», denuncia ainda mais a ideia de monumento-santuário. As suas obras, segundo ele, são «factos sociais», deixando entender, como afirma o autor, uma orientação fundamentalmente marxista. Em luta contra a necessidade burguesa de promover um objecto a obra de arte, Andre entende poder recorrer á palavra, aos encontros, e aceitar paradoxalmente encomendas. Dificilmente se podem considerar monumentos os signos frágeis da sua presença, espalhados em prados, em passeios públicos e por vezes em museus, e contudo a imaginação criadora dos poemas que os acompanham aí visiona uma espantosa proliferação de «factos sociais».

Michael Heizer procura uma outra coisa, voltando aos lugares mais selvagens para aí deixar traços monumentais da sua actividade de homem. Ele cava um fosso no cimo de um planalto isolado, ao cabo de enormes trabalhos e despesas, mas recusa-se a conservar os resultados dos seus esforços. As intempéries acabarão por apagar esses resultados, o que, segundo a lógica destes revoltados dos monumentos contra os valores burgueses, justifica essa atitude.

Por seu lado, Will Insley outro construtor na fantasia de monumentos gigantescos, não se propõe de forma nenhuma abandonar as suas obras á lógica dos elementos naturais. Antigo estudante de arquitectura, ele nada ignora da tradição visionária do século XVIII. Montém mais afinidades com Borges ou Kafka do que com escritores como Robbe-Grillet, e as suas intenções aproximam-se das de artistas como Haacke, André, Oldenburg. Também ele procura, da mesma forma que estes ultimos, furtar-se o mais possível ao espaço limitado do artista burguês. Os seus sonhos situam-se a uma escala que ultraprassa as concepções da sociedade em que vive. «A minha obra», escreveu Insley, «é uma civilização — fragmentos, ruínas, indícios — uma recordação do Futuro. Se se pudessem juntar os bocados eles ajustar-se-iam num perfeito conjunto e revelariam — — agora escondida, agora misteriosa — uma nova significação».

É preciso procurar as novas significações dos desenhos de Insley, dos diagramas e dos seus modelos preparatórios, nas suas vastas esculturas para pradarias e na sua visão do espaço — visão cada vez mais abordável e uma das mais positivas dos ultimos anos. Como Oldenburg, que num momento de pausa confessava a sua grande aspiração por uma «elevação da sensibilidade acima dos valores burgueses» de forma a «restaurar a magia inerente ao universo», Insley é levado a realizar projectos que referem a sua imaginação mítica. Ele fala de poesia, de mitologia, e da busca de indícios para a sua arqueologia do futuro. Explora aquilo a que chama «espaços interiores do espírito». Mas, ao contrário de Oldenburg e Andre, não maneja a ironia, procura verdadeiramente evocar aqueles espaços do espírito nos objectos visuais. Tais espaços devem encontrar-se longe de Nova Iorque, longe de Paris, longe das zonas onde se verifica a acumulação do capital. São esses espaços de parte nenhuma, de não importa onde, que seduzem sobremaneira este artista verdadeiramente fora do comum.

Não é de espantar que Insley tenha estudado arquitectura. Nos Estados Unidos, esta arte esteve muito tempo ligada ao domínio do sonho. O arquitecto, a quem se pede que conceba grandes inovações e importantes renovações das quais ele só vê raramente (ou nunca) a realização, conhece sobretudo o «projecto» do monumento. Mas ele depende dez vezes mais daquele para quem trabalha e que possui o capital do que o artista plástico, e abandona com frequência as suas ideias mais arriscadas perante as duras realidades da sua profissão nos Estados Unidos. O artista visual, pelo contrário, preocupa-se em escapar ás sujeições do sistema, inclina-se cada vez mais para uma visão arquitectural. A isso conduziu toda a evolução do que se chamou, em escultura, o movimento «minimal». Muitos escultores têm exposto realizações que eles gostam de chamar obras de «environment», nas quais procuram incorporar o carácter arquitectural do espaço. A nostalgia dos grandes monumentos de outras civilizações — Grécia, Egipto, Roma, México — torna-se evidente em obras como as de Insley John McCracken, Roberth Smithson, Tony Smith, Robert Morris, e de muitos outros artistas que propõem estruturas maciças, simples e claramente arquitectónicas. Evidentemente, é sobretudo a crise actual da sociedade que conduziu estes homens de imaginação á recusa das tradições protectoras dos ultimos tempos, na pintura e na escultura. Eles esperam com impaciência uma crise social mais profunda, procurando instintivamente e sem prazo compreender a significação das transformações brutais e repentinas da cultura ocidental. Sentem, como muitos outros, que novos quadros culturais uma crise sem saída. Estes emergem do que parece ser novos quadros não deixarão de destruir os aspectos polémicos das ultimas actividades artísticas. Atitudes tão paradoxais como a da arte conceptual acabarão por ceder perante a forte necessidade de símbolos reais numa cultura nova, de facto em vias de se afirmar. Muita da retórica desenvolvida a propósito destes monumentos sem finalidade, trata a ausência de simbolismo que pretende ser o próprio sentido de tais obras. Não é a elaboração de conceitos abstractos que obstruirá, no homem, a necessidade de uma significação na arte. Só obras de arte monumentais, mas de um modo novo, poderão responder a essa necessidade. A evolução que se reconhece em colaborações como as de «Experiments in Art and Technology», anuncia o nascimento em novos moldes de obras artísticas muito complexas. Robert Whitman e Billy Kluver estão ambos mais próximos de uma estética definida. Eles organizaram recentemente um congresso de estética, o que teria provocado, há dois anos, um verdadeiro desprezo. Na verdade, ficaríamos muito surpreendidos se a recebórica antimonumento, dos edificadores dos actuais monumentos, tivesse no futuro um longo tempo de sobrevivência.

DORE ASHTON

(1) *Adaptação do texto de Dore Ashton, «Chroniques de L'Art Vivant», Julho 1970.*

Brevemente

DICIONÁRIO DE PEDAGOGIA

Livros Horizonte